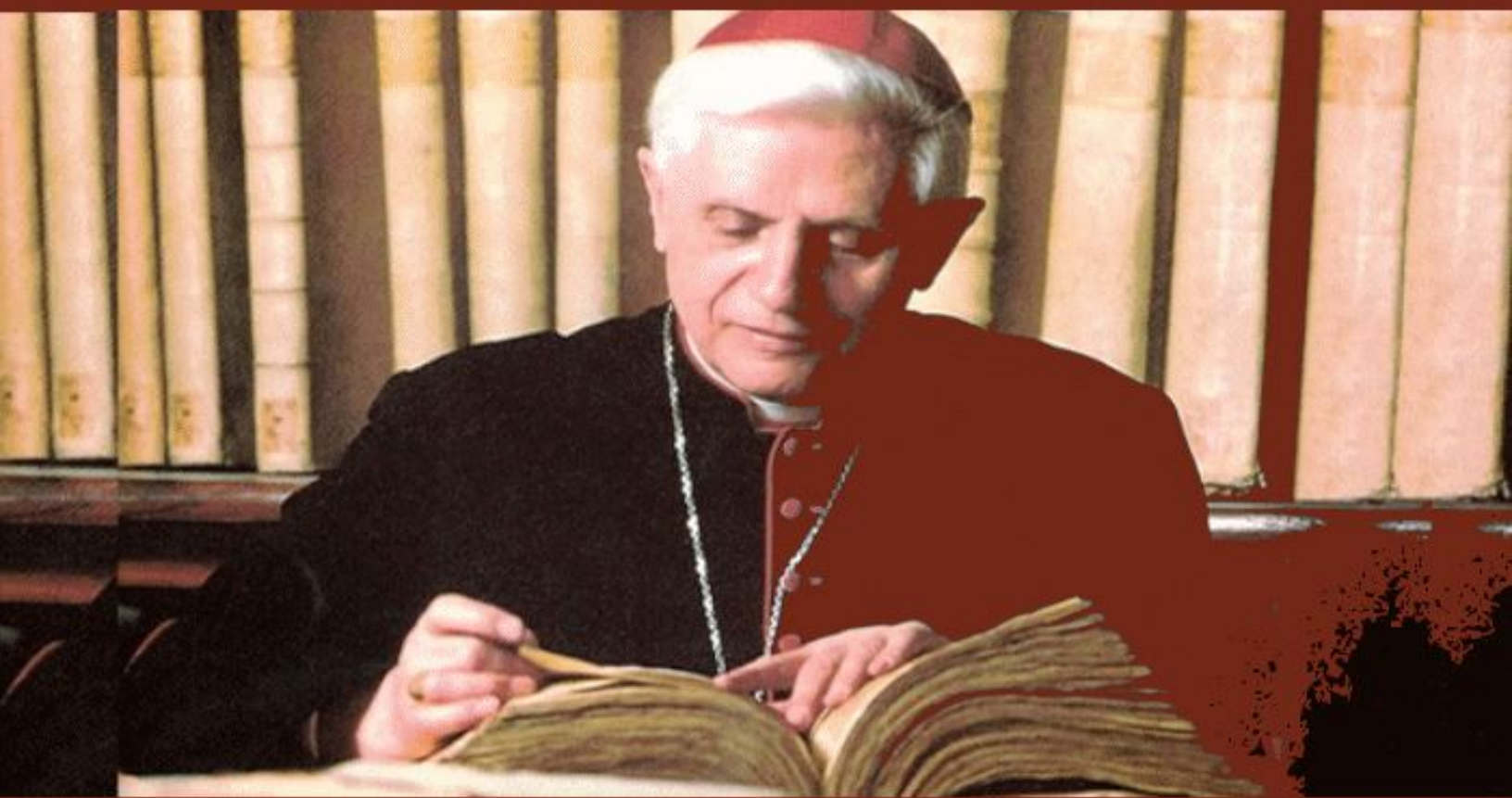


SELECÇÃO DE TEXTOS



Cardinal Joseph Ratzinger

CARDEAL JOSEPH RATZINGER

SELECÇÃO DE TEXTOS [*] (até Abril de 2005)

Apresentamos a seguir uma série de textos escolhidos do Papa Bento XVI, quando ainda cardeal, seleccionados de entrevistas, homilias e conferências dos últimos anos. Apresentam as grandes linhas do seu pensamento, embora levando em consideração sobretudo os temas de maior actualidade. Antes de cada citação, em destaque a vermelho, indica-se o conteúdo principal tratado; os textos em itálico, quando os há, são perguntas feitas pelos entrevistadores, e que foram incluídas na medida em que parecia necessário para uma melhor compreensão da resposta. Depois de cada texto, indica-se a fonte, na tradução portuguesa sempre que exista.

Fonte:
cancaonova.com

Imagem da capa:
img.cancaonova

Algumas perguntas pessoais

Um auto-retrato

Poderia descrever-se a si mesmo?

É impossível fazer um auto-retrato; é difícil julgar-se a si mesmo. Posso apenas dizer que venho de uma família muito simples, muito humilde, e por isso, mais do que um cardeal, sinto-me um homem simples.

Tenho a minha casa na Alemanha, numa cidade pequena, cujos habitantes trabalham na agricultura, em ofícios manuais, e ali sinto-me no meu ambiente. Também procuro ser assim no meu trabalho: não sei se o consigo, não me atrevo a julgar-me.

Recordo sempre com grande carinho a profunda bondade do meu pai e da minha mãe; naturalmente, para mim, bondade inclui a capacidade de dizer "não", pois uma bondade que deixasse o outro fazer qualquer coisa não lhe faria bem. Algumas vezes, bondade significa ter que dizer "não" e correr assim o risco de que nos contradigam.

Esses são os meus critérios, essa é a minha origem; quanto ao resto, deveriam ser os outros a julgar.[1]

Homem de consciência

Seu irmão fez a seguinte caracterização da sua pessoa: "Custa-lhe ter de agir com força, mas, quando precisa combater, actua segundo a sua consciência". O senhor é um homem de consciência?

Procuro sê-lo. Não ousou dizer que o seja. Mas parece-me bastante importante não colocar a aprovação ou o ambiente simpático do meio a que se pertence acima da verdade, embora isto seja sempre uma grande tentação. É claro que o apelo à consciência pode transformar-se na mania de

ter sempre razão, de modo que uma pessoa pense que tem de se opor a tudo. Mas, entendido num sentido correcto, o homem que ouve a sua consciência, e para quem aquilo que se conhece - o bem - está acima da aprovação e da aceitação dos outros, é para mim, de facto, um ideal e uma tarefa. E figuras como Thomas More, o Cardeal Newman e outras grandes testemunhas - entre elas, os que foram implacavelmente perseguidos pelo regime nazi, como por exemplo Dietrich Bonhoeffer[2] - são, para mim, grandes modelos.[3]

Medo de Deus?

Eminência, às vezes o senhor também sente medo de Deus?

Não falaria de medo. Graças a Cristo, sabemos como Deus é, sabemos que nos ama [...]. No entanto, sempre experimento a consciência fulminante de não estar à altura da ideia que Deus faz de mim.[4]

O primado da verdade na vida

Ao longo do meu caminho espiritual, senti muito intensamente o problema de saber se, no fundo, não é presunção dizer que podemos conhecer a verdade, em virtude de todas as nossas limitações. Também me interroguei até que ponto não seria talvez melhor pôr essa categoria em segundo plano. Ao aprofundar essa questão, pude observar, e também compreender, que a renúncia à verdade não resolve nada: pelo contrário, conduz à ditadura da arbitrariedade. Tudo o que resta só pode então ser decidido por nós e é substituível. O homem perde a dignidade quando não é capaz de conhecer a verdade, quando tudo não passa de produto de uma decisão individual ou colectiva.

Assim, vi como é importante que não se perca o conceito de verdade, mas permaneça como categoria central, não obstante as ameaças e os riscos que sem dúvida envolve. Como exigência que nos é feita, não nos dá direitos, mas, pelo contrário, requer a nossa humildade e a nossa

obediência, como também nos pode pôr no caminho daquilo que é comum a todos os homens. A partir de um longo confronto com a situação espiritual em que nos encontramos, este primado da verdade foi lentamente tornando-se visível para mim; como disse, não pode ser simplesmente entendido de forma abstracta, mas precisa estar envolvido em sabedoria.[5]

Verdade e bondade

Certa vez, o senhor afirmou que um homem deveria acentuar o primado da verdade sobre a bondade. Julgo que é uma atitude que pode ser perigosa. Isso não corresponderia à imagem do Grande Inquisidor, tal como Dostoievski a descreveu?

É preciso interpretar todo o contexto. Nessa frase, a bondade é entendida no sentido de uma falsa bondade, do tipo "não pretendo aborrecer-me". É uma atitude muito comum, que se verifica também, e sobretudo, no campo da política: não se quer ser impopular. Em vez de ter aborrecimentos e de os criar, prefere-se contemporizar, mesmo com o que é errado, com o que não é puro, nem verdadeiro, nem bom. Está-se disposto a comprar bem-estar, sucesso, reconhecimento público e aceitação por parte da opinião dominante, à custa da renúncia à verdade. Não quis atacar a bondade em geral. A verdade só pode ter sucesso e vencer com a bondade. Referia-me a uma caricatura da bondade que é bastante comum: que se negligencie a consciência com o pretexto da bondade, que se coloque acima da verdade a aceitação e a preocupação de evitar problemas, o comodismo, o ser bem-visto. [6]

Autoridade em matéria de fé

Como é possível, hoje em dia, ter autoridade em questões de fé?

Certamente é uma tarefa difícil, em parte porque já não existe o conceito de autoridade. O facto de haver uma autoridade que decida coisas parece hoje incompatível com a liberdade para fazer o que se quiser. É

difícil também porque muitas tendências gerais da nossa época se opõem à fé católica. Busca-se uma visão do mundo simplificada: Cristo não poderia ser o Filho de Deus, mas um mito ou uma grande personalidade humana, pois Deus não poderia ter aceite o sacrifício de Cristo, Deus não seria um Deus cruel... Em última análise, há muitas ideias que se opõem ao cristianismo, e seria necessário reformular muitas verdades de fé para que se adequassem ao homem de hoje.

Mas tenho de dizer que muitas pessoas também agradecem que a Igreja continue a ser uma força que transmite a fé católica e ofereça um fundamento sobre o qual se pode viver e morrer. E isso é consolador para mim. [7]

Posição incômoda

Eminência, [...] o senhor escreveu um livro chamado Deus e o mundo, no qual disse que a sua posição como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé era a posição mais incômoda que já tinha ocupado. (O cardeal Ratzinger ri tranquilamente) O que quis dizer com isso?

Sim, é uma posição incômoda de muitas maneiras. Sobretudo porque, com frequência, somos obrigados a enfrentar todos os problemas da Igreja: relativismo, heresias, teologias inaceitáveis, teólogos complicados e o resto, juntamente com os casos disciplinares; o problema dos pedófilos, por exemplo, também é problema nosso. Nesta Congregação, temos de lutar com os aspectos mais complicados da vida da Igreja hoje. Além disso, somos atacados como "a Inquisição"; o senhor deve sabê-lo melhor do que eu...

Isso por um lado. Mas, por outro, comprovo todos os dias que as pessoas estão agradecidas quando dizem: "Sim, a Igreja tem uma identidade, uma continuidade; a fé é real e está presente também hoje, e é possível professá-la..." E o mesmo quando vou à Praça de São Pedro e vejo tantas pessoas de lugares tão variados do mundo que me dizem: "Obrigado, padre. Estamos agradecidos pelo difícil trabalho que faz, porque nos ajuda".

Muitos amigos protestantes chegam também a dizer-me: "O que o senhor vem fazendo é útil para nós porque também defende a nossa fé e a validade da fé em Cristo. Precisamos de uma instância como a sua, mesmo quando não compartilhamos o que diz. E é útil também para ver que temos de prosseguir na contínua defesa da fé; o senhor alenta-nos a perseverar na fé, a continuar a vivê-la". E nos últimos dias, aproximou-se de mim uma delegação de ortodoxos que me disseram o mesmo. Portanto, o nosso trabalho tem uma dimensão ecuménica que, com frequência, não é apreciada.[8]

Deus

O Deus escondido

Onde está Deus, onde pode ser encontrado? Está escondido? Parece que se revela muito raramente. As pessoas desesperam-se porque pensam que Ele não fala com elas, não dá sinais, não interfere na sua vida.

Ele manifesta-se, mas não de forma ruidosa, não necessariamente sob a forma de uma catástrofe natural, embora as catástrofes naturais também possam ser manifestações suas. Não o faz, pois, de forma ruidosa, mas sempre se está manifestando. É claro que o receptor tem de estar, por assim dizer, sintonizado para captar o emissor.

Na nossa maneira de viver e de pensar, há tantas interferências perturbadoras que não somos capazes de captar o som, que também se tornou tão estranho para nós que não o reconhecemos como vindo d'Ele. Mas eu diria que qualquer pessoa que esteja atenta pode fazer essa experiência e perceber: neste momento, Ele dirige-se a mim; é uma oportunidade que me é dada para conhecê-lo. [...] Ele pode manifestar-se se eu estiver vigilante, e também se houver alguém que me ajude a decifrar a realidade. É claro que Ele não fala de forma ruidosa, mas sim através de sinais e dos acontecimentos da vida, e através das outras pessoas. É necessário, pois, ter uma certa vigilância, e perseverança para não ser dominado pelas coisas que ocupam o primeiro plano.[9]

O Deus marginalizado

Onde está Deus na sociedade contemporânea?

Está muito marginalizado. Na vida política, parece quase indecente falar de Deus, como se fosse um ataque à liberdade de quem não crê. O mundo político segue as suas normas e os seus caminhos, excluindo Deus como uma realidade que não pertence a esta terra. O mesmo acontece no mundo do comércio, da economia e da vida privada. Deus fica à margem. No entanto, parece-me necessário voltar a descobrir [...] que também a esfera política e económica têm necessidade de uma responsabilidade moral, de uma responsabilidade que nasce do coração do homem e que, em última análise, tem a ver com a presença ou a ausência de Deus. Uma sociedade em que Deus esteja absolutamente ausente autodestrói-se.[10]

Existência de Deus e existência humana

Li recentemente as afirmações de um intelectual alemão que, em relação à "questão de Deus", se dizia agnóstico e, ao mesmo tempo, acrescentava que não se poderia nem provar nem excluir totalmente a existência de Deus, de modo que esse problema permaneceria sempre em aberto. No entanto, declarava-se firmemente convencido da existência do inferno: bastava-lhe ligar a televisão para comprová-lo sem sombra de dúvida.

Se a primeira parte dessa afirmação corresponde plenamente ao sentir moderno, a segunda parece extravagante, ao menos à primeira vista. Como é possível crer no inferno se Deus não existe? Mas, se considerarmos essas palavras com um pouco mais de atenção, veremos que encarnam uma certa lógica. O inferno é, por definição, viver na ausência de Deus. Onde Deus não está, ali está o inferno. Certamente, não é tanto o espectáculo diário da televisão que nos fornece a prova, quanto um olhar sobre o século que terminou e que nos deixou palavras como "Auschwitz" ou "Arquipélago Gulag", e nomes como Hitler, Stalin, Pol Pot. Esses infernos foram

construídos para preparar um mundo futuro de homens auto-suficientes que não teriam nenhuma necessidade de Deus.

Mas onde Deus não está, surge o inferno, e o inferno persiste, muito simplesmente, pela ausência de Deus. Pode-se chegar a esse extremo também de maneiras subtis, que quase sempre afirmam que o que se busca é o bem dos homens. Hoje, quando se comercializam órgãos humanos, quando se fabricam fetos para dispor de órgãos de reposição ou para promover o avanço da ciência e da prevenção médicas, muitos consideram implícito o caráter humanitário dessas práticas. Mas o desprezo pelo homem que esse usar e abusar do ser humano pressupõe, conduz, quer se queira quer não, à descida aos infernos.

Isto não significa que não possa haver ou não haja ateus com um grande senso ético. Seja como for, atrevo-me a afirmar que essa ética se baseia na luz que emanou um dia do Monte Sinai e que continua a brilhar até hoje: a luz de Deus. Nietzsche tinha razão ao sublinhar que, quando a notícia da morte de Deus se tornasse conhecida por todo o mundo, quando a sua luz se tivesse apagado definitivamente, esse momento seria necessariamente terrível.

O cristianismo não é uma filosofia complicada e envelhecida com o passar do tempo, não é uma imensa coleção de dogmas e preceitos: a fé cristã consiste em sermos tocados por Deus e sermos as suas testemunhas.

Precisamente por isso podemos dizer: a Igreja existe para que Deus, o Deus vivente, seja anunciado, para que o homem possa aprender a viver com Deus, sob o seu olhar e em comunicação com Ele. A Igreja existe para evitar o avanço do inferno sobre a terra e para fazer com que esta se torne mais habitável à luz de Deus.. Graças a Ela, e somente graças a Ela, a terra será humana. Nem que seja apenas por este motivo, a Igreja deve continuar a existir, porque a sua eventual desapareição arrastaria a humanidade para o torvelinho das trevas, da escuridão, até à destruição de tudo o que torna humano o homem. [...] Sem Deus, o mundo não consegue iluminar-se. A Igreja serve ao mundo fazendo com que Deus viva nela, permitindo que Ele transpareça nEla, e estando pronta assim para levá-lo à humanidade.[11]

Encontro pessoal com Deus

O cristianismo apresenta-se hoje como uma antiga tradição carregada de antigos mandamentos, algo que já conhecemos e que não nos diz nada de novo, uma instituição forte, uma das grandes instituições que pesam sobre os nossos ombros. [...] Mas se pararmos nesta impressão, não viveremos o núcleo do cristianismo, que é um encontro sempre novo, um acontecimento graças ao qual podemos encontrar o Deus que fala connosco, que se aproxima de nós, que se faz nosso amigo. [...] É decisivo chegar a este ponto fundamental de um encontro pessoal com Deus, que também hoje se faz presente e que é nosso contemporâneo. [...] Se encontrarmos este centro essencial, compreenderemos também o restante; mas se este acontecimento que toca o coração não se realizar, tudo o mais passará a ser como que um peso, quase que algo absurdo.[12]

Jesus Cristo

Cristo presente na História

Pergunto-me se um homem moderno pode crer, crer verdadeiramente, que Jesus de Nazaré é Deus feito homem. Isso é experimentado como um absurdo.

Certo; para um homem moderno, é uma coisa quase impensável, quase absurda, que facilmente se atribui ao pensamento mitológico de um tempo passado que já não seria aceitável. A distância histórica torna mais difícil pensar que um indivíduo que viveu num tempo distante possa estar presente agora, para mim, e que seja a resposta às minhas perguntas.

Parece-me importante observar que Cristo não é um indivíduo do passado, distante de mim, mas criou um caminho de luz que invade a História. Esse caminho começou com os primeiros mártires, com essas testemunhas que transformaram o pensamento humano, que

compreenderam a dignidade humana do escravo, que se ocuparam dos pobres, dos que sofrem, e assim trouxeram uma novidade ao mundo, também pelo seu sofrimento; depois, com os grandes doutores que transformaram a sabedoria dos gregos, dos latinos, numa nova visão do mundo que, inspirada precisamente em Cristo, encontrou em Cristo a luz para interpretar o mundo; enfim, com figuras como São Francisco de Assis, que criou o novo humanismo, ou ainda com figuras do nosso tempo: pensemos na Madre Teresa [de Calcutá], em Maximiliano Kolbe...

É um caminho de luz ininterrupto que abre passagem na História, e uma ininterrupta presença de Cristo. Parece-me que este facto - de que Cristo não ficou no passado, mas foi sempre contemporâneo de todas as gerações e criou uma nova História, uma nova luz na História, na qual está presente e é sempre contemporâneo - leva a entender que não se trata de uma grande personalidade histórica qualquer, mas de uma realidade verdadeiramente Outra, que sempre traz luz. Assim, associando-nos a esta História, [...] não entramos em relação com uma pessoa distante, mas com uma realidade presente.[13]

Jesus Cristo, o infinito no finito

Por que é que, na sua opinião, um homem de 2003 precisaria de Cristo?

É fácil perceber que as coisas proporcionadas por um mundo meramente material - ou mesmo intelectual - não atendem à necessidade mais profunda, mais radical, que existe em todo o homem: porque - como dizem os Padres da Igreja - o homem anseia pelo infinito. Parece-me que precisamente o nosso tempo, com as suas contradições, os seus desesperos, o seu massivo empenho em refugiar-se em becos sem saída como a droga, manifesta visivelmente essa sede do infinito, e apenas um amor infinito que, apesar de tudo, penetrasse na finitude, convertendo-se diretamente num homem como eu [ou seja, Cristo], poderia ser a resposta.

É certamente um paradoxo que Deus, o Imenso, tenha entrado no mundo finito como uma pessoa humana. Mas é precisamente a resposta de que precisamos: uma resposta infinita que, mesmo assim, se torna aceitável e acessível para mim, "acabando" numa pessoa humana que, no entanto, é o Infinito.[14]

Advento

O Advento significa a presença iniciada do próprio Deus. Por isso, recorda-nos duas coisas: primeiro, que a presença de Deus no mundo já começou, e que Ele já está presente de uma maneira oculta; em segundo lugar, que essa presença de Deus acaba de começar, ainda não é total, mas está em processo de crescimento e maturação. A sua presença já começou, e somos nós, os seus fiéis, que, por sua vontade, devemos torná-lo presente no mundo. É por meio da nossa fé, esperança e amor que Ele quer fazer brilhar a luz de forma contínua na noite do mundo. Assim, as luzes que acendermos nas noites escuras do inverno serão ao mesmo tempo consolo e advertência: certeza consoladora de que "a luz do mundo" já se acendeu na noite escura de Belém e transformou a noite do pecado humano na noite santa do perdão divino; e, por outro lado, a consciência de que essa luz só pode - e só quer - continuar a brilhar se for sustentada por aqueles que, por serem cristãos, continuam através dos tempos a obra de Cristo.

A luz de Cristo quer iluminar a noite do mundo através da luz que somos nós; a sua presença já iniciada deve continuar a crescer por nosso intermédio. Quando, na Noite Santa, ressoar uma e outra vez o hino *Hodie Christus natus est*, devemos lembrar-nos de que o começo que se deu em Belém há-de ser em nós um começo permanente, que aquela noite santa volta a ser um "hoje" cada vez que um homem permite que a luz do bem faça desaparecer nele as trevas do egoísmo [...]. O Menino-Deus nasce onde se actua por inspiração do amor do Senhor, onde se faz algo mais do que trocar presentes.

Advento significa presença de Deus já começada, mas também apenas começada. Isto implica que o cristão não olha somente para o que já foi e já

passou, mas também para o que está por vir. No meio de todas as desgraças do mundo, tem a certeza de que a semente da luz continua a crescer oculta, até que um dia o bem triunfará definitivamente e tudo lhe estará submetido: no dia em que Cristo voltar. O cristão sabe que a presença de Deus, que acaba de começar, um dia será presença total. E essa certeza torna-o livre, presta-lhe um apoio definitivo.[15]

Amizade com Cristo

O Senhor dirige-nos estas palavras maravilhosas: *Já não vos chamo servos... mas chamei-vos amigos* (Jo 15, 15). Quantas vezes não sentimos que somos - e é verdade - apenas servos inúteis! (cfr. Lc 17, 10). E, apesar disso, o Senhor chama-nos amigos, faz-nos seus amigos, dá-nos a sua amizade. O Senhor define a amizade de uma dupla maneira.

[A primeira é que] não existem segredos entre amigos: Cristo diz-nos tudo quanto escuta do Pai; dá-nos toda a sua confiança e, com a confiança, também o conhecimento. Revela-nos o seu rosto, o seu coração. Mostra-nos a sua ternura por nós, o seu amor apaixonado que vai até à loucura da Cruz. Confia-se a nós, dá-nos o poder de falar com o seu Eu: *Isto é o meu Corpo..., Eu te absolvo...* Confia-nos o seu Corpo místico, a Igreja. Confia às nossas fracas mentes, às nossas fracas mãos, a sua Verdade - o mistério de Deus Pai, Filho e Espírito Santo; o mistério de Deus que *tanto amou o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito* (Jo 3, 16). Fez de nós seus amigos [...].

O segundo elemento com que Jesus define a amizade é a comunhão das vontades. *Idem velle - idem nolle* [querer o mesmo, não querer o mesmo, isto é, ter os mesmos gostos e repulsas], era também para os romanos a definição da amizade. *Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que vos mando* (Jo 15, 14). A amizade com Cristo coincide com aquilo que o terceiro pedido do Pai-Nosso exprime: *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu*. Na hora do Getsémani, Jesus transformou a nossa vontade humana rebelde em vontade conforme e unida à vontade divina. Sofreu todo o drama da nossa autonomia - e é exatamente pondo a nossa vontade

nas mãos de Deus, que nos dá a verdadeira liberdade: *Não se faça como eu quero, mas como Tu queres* (Mt 26, 39). Nessa comunhão das vontades, realiza-se a nossa Redenção: sermos amigos de Jesus, tornar-mo-nos amigos de Deus. Quanto mais amamos Jesus, tanto mais o conhecemos, tanto mais cresce a nossa verdadeira liberdade, cresce a alegria de sermos redimidos. Obrigado, Jesus, pela tua amizade![16]

Sentido moral da vida

Cristianismo e moralismo

O cristianismo não é moralismo. O cristianismo é a realidade da história comum a Deus e ao homem. Nessa história, em que predomina o dom de Deus, nós aprendemos a agir como homens. [...] Deste modo, [a moral] converte-se em algo muito simples: é amizade com o Senhor, é viver e caminhar com Ele. Tudo isso se resume no duplo amor de Deus e do homem: essa é a síntese de toda a moral. O resto é interpretação e explicação.[17]

Sentido da vida

Se contemplarmos à distância a vida do ser humano, que é? Será que o transcurso da vida de todos nós está traçado há muito tempo?

Em primeiro lugar, a vida é uma realidade biológica. No ser humano, é preciso acrescentar um novo nível: o do espírito que vive e vivifica. O espírito funde-se com a existência biológica, conferindo à vida outra dimensão. Além disso, a fé cristã está convencida da existência de outro nível ainda, concretamente o do encontro com Cristo. Podemos, pressenti-lo já no processo do amor humano: sempre que sou amado, penetro espiritualmente, através do tu do outro, num novo nível. Algo semelhante acontece quando, através de Cristo, o próprio Deus se volta para mim,

convertendo a minha vida numa convivência com a vida primigénia criadora.

Quer dizer que a vida tem múltiplas etapas...

E alcança-se a mais alta quando se converte em convivência com Deus. É precisamente aqui que radica a audácia da aventura humana. A pessoa pode e deve ser a síntese de todas essas etapas da criação. Pode e deve chegar até ao Deus vivo e devolver-lhe o que recebeu d'Ele. [...]

É importante que a vida percorra essas distintas etapas. Nas superiores, alcança-se finalmente a eternidade através da morte, pois a morte é o destino necessário de toda a vida meramente orgânica.[18]

Liberdade e destino

Para os muçulmanos, o destino está predeterminado por Deus e o homem vive numa espécie de rede que limita em grande medida os seus movimentos. A fé cristã, pelo contrário, conta com o factor liberdade. Isto significa que, para o cristão, Deus, por um lado, abarca tudo, sabe tudo, guia o curso da História, mas, por outro lado, dispôs as coisas de tal modo que a liberdade encontra o seu lugar. Em resumo, para mim, cristão, Deus tem a História nas suas mãos, mas dá-me a liberdade de entregar-me completamente ao seu amor, ou de rejeitá-lo.[19]

Liberdade e predestinação

O factor liberdade entra na dinâmica de cada existência, e esse factor opõe-se à predestinação absoluta. Na concepção cristã de Deus, não existe uma fixação rígida para a vida. Porque esse Deus é tão grande e tão dono de tudo, e é por natureza tão amante da liberdade, que pode introduzir a autodeterminação na vida do ser humano. Embora sempre mantenha nas suas mãos a vida dessa pessoa, e a abarque e sustente, a liberdade não é

pura ficção. Chega tão longe que o ser humano pode arruinar até o projeto divino.[20]

Liberdade e providência

O senhor usa muitas vezes a palavra Providência. Que significado tem para o senhor?

Creio firmemente que Deus de facto nos vê e nos deixa a liberdade e que, contudo, também nos conduz. Muitas vezes podemos ver que certas coisas, que a princípio nos pareciam aborrecidas, perigosas, desagradáveis, vêm depois a fazer sentido. De repente, verifica-se que foi bom assim, que foi um caminho certo. Para mim, na prática, isto significa que a minha vida não é composta de acasos, mas que Alguém prevê e anda por assim dizer, na minha frente, antecipa-se aos meus pensamentos e prepara a minha vida. Posso recusar, mas também posso aceitar, e então percebo que realmente sou conduzido por uma luz "providencial".

No entanto, isto não significa que o homem seja completamente determinado, mas sim que o seu destino é precisamente um desafio à sua liberdade. Como se diz na parábola dos talentos, quem os recebe tem uma tarefa determinada, mas pode executá-la de um modo ou de outro. Em todo o caso, cada um tem a sua missão, o seu dom especial, ninguém é supérfluo, ninguém existe em vão. Cada um tem de procurar perceber qual é a sua vocação, e como responder melhor ao apelo que lhe é feito.[21]

Verdade e bem

O papa João Paulo II insistiu diversas vezes na validade desta advertência de Pio XII: "O grande pecado do mundo contemporâneo é ter perdido a noção de pecado". Com efeito, parece que o sentido da liberdade, tão aguçado no homem contemporâneo, o compele a conhecer e a experimentar tudo indiscriminadamente. À luz disso, que se poderia comentar sobre este pensamento de Simone Weil: "Só fazemos a

experiência do bem quando o praticamos. Quando fazemos o mal, não o conhecemos, porque o mal detesta a luz"?

Penso que essa palavra de Simone Weil é fundamental. O bem e a verdade são inseparáveis entre si. É um facto que só fazemos o bem quando estamos em harmonia com a lógica interna da realidade e do nosso próprio ser. Agimos bem quando o sentido da nossa acção é congruente com o sentido do nosso ser, isto é, quando encontramos a verdade e a realizamos. Em consequência, fazer o bem conduz necessariamente ao conhecimento da verdade. Quem não faz o bem, cega-se também para a verdade.

Inversamente, o mal é gerado pelo enfrentamento do meu eu com a exigência do ser, da realidade; isto é, pelo abandono da verdade. É por isso que fazer o mal não conduz ao conhecimento, mas à ofuscação. Já não posso - nem quero - ver o que é mau; o sentido do bem e do mal fica embotado. Por isso o Senhor diz que o Espírito Santo admoestará o mundo quanto ao pecado (Jo 16, 8): na sua qualidade de Espírito de Deus, deixa claro o que é o pecado; somente Ele, que é toda luz, pode reconhecer o que o pecado significa e conduzir assim os homens à verdade. Falando disto mesmo, São Paulo diz: O *homem espiritual* - aquele que vive no Espírito Santo - *tudo compreende* (1 Cor 2, 15). A comunhão com o bem, com o Espírito Santo, é a mais profunda de todas as experiências possíveis e, em consequência, proporciona-nos a pauta para uma compreensão que chega ao núcleo da realidade.[22]

Dignidade e natureza humanas

A Encíclica [*Veritatis Splendor*] insiste muito decididamente em que a moral não é questão de acordos, pois nesse caso estaria submetida ao jogo das maiorias. A moral baseia-se antes na ordem interna da própria realidade: a criação a traz em si. Estamos voltando a enxergar esta verdade nos urgentes problemas ecológicos. Tornamos a perceber que não devemos fazer tudo o que podemos fazer. Comprovamos que devemos respeitar a dignidade das criaturas. E, com mais razão, devemos voltar a compreender

também que justamente o ser humano traz em si uma dignidade e uma missão interiores que são permanentes, apesar de todas as mudanças históricas. O homem é sempre homem. A sua dignidade essencial é sempre a mesma. Por isso, há comportamentos que nunca poderão chegar a ser bons, mas sempre serão incompatíveis com o respeito pelo homem e com a dignidade que lhe vem de Deus, e que ele traz dentro de si.

O Papa [João Paulo II] mostrou com grande poder de persuasão que o problema fundamental do nosso tempo é um problema moral. Os problemas económicos, sociais e políticos continuarão a ser insolúveis se não se encarar esta realidade central. E o Papa demonstra que o problema moral não pode ser separado da questão da verdade. Esta, por sua vez, está indissoluvelmente unida ao problema da busca de Deus.[23]

Moral cristã versus originalidade pessoal

Antes, as pessoas queriam simplesmente ser alguém "como se deve" e ter assegurada, até certo ponto, a sua existência.

Parece-me indiscutível que, nesta nossa sociedade tão complexa, a vida se tornou muito mais complexa ainda, se é que isto é possível. No entanto, não devemos lançar tudo pela borda fora e considerar que quase já não existem constantes. Pensemos, por exemplo, nos dez Mandamentos, que, apesar de se dirigirem sempre de novo a cada geração e a cada indivíduo, contêm uma mensagem clara e imutável.

Seria preciso repetir que o cristianismo não se desvanece no indeterminado, perdendo a sua expressividade. O cristianismo tem um perfil que, por um lado, é suficientemente amplo para permitir o desenvolvimento da originalidade, mas por outro também determina as normas que possibilitam esse desenvolvimento. Num mundo tão intrincado e complexo [como o nosso], é preciso apostar mais nas grandes constantes do discurso divino, para continuar a encontrar a directriz fundamental. Porque, quando não se actua assim, a criatividade niilista do indivíduo muito em breve se

converte num mimetismo que se submete às normas gerais e só age segundo os ditames da época e das suas possibilidades.

Abandonar a mensagem específica da fé não nos torna mais originais, e sim cada vez mais padronizados - e padronizados pelo nível mais baixo - segundo as modas da época. Podemos perceber esta tendência para a uniformidade na vida moderna. Por isso, na minha opinião, hoje é mais importante que nunca ver que as constantes da Revelação e da fé são marcos do caminho que me fornecem os pontos de apoio para chegar mais alto, e ao mesmo tempo me trazem luz para desenvolver o meu destino completamente pessoal.[24]

A moral, dom recíproco de Deus e do homem

A teologia moral cristã nunca é simplesmente ética da lei; mas também supera o âmbito de uma ética das virtudes. A teologia moral cristã é ética do diálogo, porque o agir moral do homem se desenvolve a partir do encontro com Deus; portanto, nunca é apenas um agir próprio, autárquico e autónomo, puro desempenho humano, mas resposta ao dom de amor, e assim um ver-se inserido na dinâmica do amor, do próprio Deus, o único que realmente liberta o homem e o eleva ao seu verdadeiro nível. O agir moral, por conseguinte, nunca é apenas uma realização própria, e também nunca é apenas algo "inoculado" de fora. O verdadeiro agir moral é totalmente dom e é, ao mesmo tempo, um agir totalmente nosso: precisamente aquilo que lhe é próprio se manifesta apenas no dom de amor, e, por outro lado, o dom não despoja o homem de si mesmo, mas o reconduz a si mesmo.[25]

A consciência e a vida correcta

Entre as preocupações do cardeal Ratzinger e agora Papa Bento XVI, possivelmente a maior é a do relativismo intelectual e moral. O núcleo desse tema gira em torno da questão da consciência e da sua necessária formação segundo a verdade, isto é, segundo valores absolutos e universalmente válidos; por isso, dedicamos-lhe aqui um espaço maior.

Consciência

A unidade do homem tem um órgão: a consciência. Foi uma ousadia de São Paulo afirmar que todos os homens têm a capacidade de escutar a sua consciência, separando assim a questão da salvação da questão do conhecimento e da observância da Torah, e situando-a no terreno da comum exigência interior em que o Deus único fala e diz a cada um o que é verdadeiramente essencial na Lei: *Quando os gentios, que não têm lei, cumprem naturalmente as prescrições da lei, sem ter lei são lei para si mesmos, demonstrando que têm a realidade dessa lei escrita no seu coração, segundo o testemunho da sua consciência...* (Rom 2, 14 e segs.). Paulo não diz: "Se os gentios se mantiverem firmes na sua religião, isso é bom diante do juízo de Deus". Pelo contrário, ele condena grande parte das práticas religiosas do seu tempo. Remete para outra fonte, para aquela que todos trazem escrita no coração, para o único bem do único Deus.

Neste ponto enfrentam-se hoje dois conceitos contrários de consciência, que na maioria das vezes simplesmente se intrometem um no outro. Para Paulo, a consciência é o órgão da transparência do único Deus em todos os homens, que são um só homem. Mas, actualmente, a consciência aparece como expressão do carácter absoluto do sujeito, acima do qual não poderia haver, no campo moral, nenhuma instância superior. O bem como tal não seria cognoscível. O Deus único não seria cognoscível. No que diz respeito à moral e à religião, a última instância seria o sujeito [...].

Assim, o conceito moderno de consciência equivale à canonização do relativismo, da impossibilidade de haver normas morais e religiosas comuns, ao passo que, pelo contrário, para Paulo e para a tradição cristã, a consciência sempre foi a garantia da unidade do ser humano e da cognoscibilidade de Deus, e portanto da obrigatoriedade comum de um mesmo e único bem. O facto de em todos os tempos ter havido e haver santos pagãos baseia-se em que em todos os lugares e em todos os tempos - embora muitas vezes com grande esforço e apenas parcialmente - a voz do coração era perceptível; a Torah de Deus se nos fazia perceptível como obrigação dentro de nós mesmos, no nosso ser criatural, e desse modo tornava possível que superássemos a mera subjetividade na relação de uns com os outros e na relação com Deus. E isto é a salvação.[26]

Consciência e verdade

A vida e a obra do Cardeal Newman poderiam ser realmente definidas como um extraordinário e extenso comentário ao problema da consciência [...]. Quem não se recorda [...] da famosa frase acerca da consciência na carta que dirigiu ao duque de Norfolk? Diz assim: "Se tivesse de brindar pela religião, o que é altamente improvável, fá-lo-ia pelo Papa. Mas em primeiro lugar pela consciência. Só depois o faria pelo Papa". [27] Newman queria que a sua resposta fosse uma adesão clara ao Papado em face da contestação de Gladstone, mas também queria que fosse, em face das formas erróneas do "ultramontanismo", uma interpretação do Papado que só pode ser concebido adequadamente quando visto de forma conjunta com o primado da consciência, não como oposto a ela, mas como algo que a funda e lhe dá garantia. É difícil para o homem moderno, que pensa sempre na subjetividade como oposta à autoridade, entender este problema. Para ele, a consciência está do lado da subjetividade e é expressão da liberdade do sujeito, enquanto a autoridade aparece como urna limitação, e até como uma ameaça e negação, para essa liberdade. É preciso aprofundar mais em tudo isto para entender de novo a perspectiva em que essa oposição não é válida.

O conceito central de que Newman se serve para unir autoridade e subjetividade é o da *verdade*. Não tenho reparos em dizer que a verdade é a ideia central da sua luta espiritual. A consciência ocupa para ele um lugar central porque a verdade está no centro. Dito de outra maneira: em Newman, a importância do conceito de consciência está unida à excelência do conceito de verdade [...]. A presença constante da ideia de consciência não significa para ele a defesa, no século XIX e em contraposição à neo-escolástica "objetivista", de uma filosofia ou uma teologia da subjetividade. O sujeito merece, a seu ver, uma atenção como não havia despertado talvez desde Santo Agostinho. Mas é uma atenção na linha de Santo Agostinho, não na da filosofia subjetivista da modernidade. Ao ser elevado ao cardinalato, Newman confessou que toda a sua vida tinha sido uma luta contra o liberalismo. Poderíamos acrescentar: e também contra o subjetivismo cristão tal como o encontrou no movimento evangélico do seu tempo, e que constituiu o primeiro degrau de um caminho de conversão que duraria toda a sua vida.

A consciência não significa para Newman a norma do sujeito em oposição às exigências da autoridade num mundo sem verdade [...], mas, antes, a presença clara e imperiosa da voz da verdade no sujeito. A consciência é a anulação da mera subjetividade no ponto em que se tangenciam a intimidade do homem e a verdade de Deus. São significativos os versos que escreveu na Sicília em 1833: "Eu amava o meu próprio caminho. Agora Te peço, ilumina-me para Te seguir".[28] A conversão ao catolicismo não foi para Newman uma questão de gosto pessoal ou uma necessidade anímica subjetiva. Já em 1844, no umbral de sua conversão, se referia ao tema com estas palavras: "Ninguém pode ter uma opinião mais desfavorável que eu sobre a situação actual dos católicos".[29] Mas importava-lhe mais obedecer à verdade, mesmo contra o seu próprio sentir, que seguir o seu gosto, os vínculos de amizade e os caminhos trilhados.

Parece-me muito significativo que ele tenha sublinhado a prioridade da verdade sobre o bem na hierarquia das virtudes [...]. Homem de consciência é aquele que não compra tolerância, bem-estar, êxito, reputação e aprovação públicas renunciando à verdade. Nisso Newman coincide com outra grande testemunha britânica da consciência, com Thomas More, para

quem a consciência nunca foi expressão de uma vontade obstinada nem de um heroísmo caprichoso. Thomas More contava-se a si mesmo entre os mártires timoratos, e dizia que só depois de muitos atrasos e inumeráveis questionamentos tinha conseguido levar a sua alma a obedecer à consciência, a essa obediência à verdade que deve estar acima das instâncias sociais e dos gostos pessoais. Aparecem então dois critérios para distinguir a presença de uma verdadeira voz da consciência: que não coincida com os desejos e gostos próprios, nem, por outro lado, com o que é mais benéfico para a sociedade, com o consenso do grupo ou as exigências do poder político ou social.

Chegados a este ponto, parece natural lançar um olhar sobre os problemas da nossa época. O indivíduo não deve trair a verdade reconhecida pela sua consciência para comprar o progresso e o bem-estar. A sua humanidade não o permite. Mas aqui tocamos o ponto verdadeiramente crítico da modernidade: o conceito de verdade foi praticamente abandonado e substituído pelo de progresso. O progresso "é" a verdade. Mas, com essa aparente elevação, esse conceito de progresso desmente-se e anula-se a si próprio, pois quando não há uma direção, o mesmo movimento tanto pode ser progressivo como retrógrado. É assim que a teoria da relatividade formulada por Einstein vê o cosmos físico. Mas penso que também descreve com acerto a situação do cosmos espiritual do nosso tempo. A teoria da relatividade estabelece que não há nenhum sistema de referência fixo; cabe a nós considerar um ponto qualquer como referência e a partir dele tentar medir a totalidade, pois só assim poderemos obter resultados; da mesma maneira que escolhemos um, poderíamos ter escolhido qualquer outro.

O que se diz a respeito do cosmos físico reflecte também a segunda inversão "copernicana" que se deu na nossa relação fundamental com a realidade: a verdade, o absoluto, o ponto de referência do pensamento deixou de ser evidente. Por isso, já não há - tampouco do ponto de vista espiritual - nem Norte nem Sul. Não há direção num mundo sem pontos de referência fixos. O que consideramos direção não assenta numa medida verdadeira, mas numa decisão nossa e, em última análise, no ponto de vista da nossa utilidade pessoal. Em semelhante contexto "relativista", a ética

teleológica ou consequencialista converte-se numa ética niilista, mesmo que não o percebamos. Numa cosmovisão como essa, aquilo a que chamamos "consciência" é, considerada em profundidade, apenas um modo de dissimular que não há autêntica consciência, isto é, unidade de conhecimento e verdade. Cada um cria os seus próprios critérios, e, nessa situação de relatividade geral, ninguém pode ajudar os outros, e menos ainda dar-lhes instruções.

Agora se compreende a enorme radicalidade do debate ético actual, cujo centro é a consciência. Penso que o paralelismo mais aproximado na história das ideias é a controvérsia entre Sócrates e Platão, por um lado, e os sofistas, por outro, na qual se confrontam duas atitudes fundamentais: a confiança na capacidade humana de atingir a verdade e uma visão do mundo na qual o homem cria os seus próprios critérios [de verdade].

O motivo pelo qual Sócrates, um pagão, se converteu em certo sentido num profeta de Jesus Cristo é, a meu ver, essa questão primordial: a sua disposição de acolher a verdade foi o que permitiu ao modo de fazer filosofia inspirado na sua figura o privilégio de ser de algum modo um elemento da História Sagrada, e o que fez dele um recipiente idóneo do Logos cristão, cuja finalidade é a libertação pela verdade e para a verdade. Se separarmos a luta de Sócrates das contingências históricas do seu momento, perceberemos rapidamente com que intensidade esse embate está presente - com outros argumentos e nomes - nos assuntos da polémica do presente. [...]

[Tal como ocorria com os sofistas,] em muitos lugares já não se pergunta *o que* um homem qualquer pensa. Basta-nos dispor de uma ideia sobre o seu modo de pensar para incluí-lo na categoria formal conveniente: conservador, reacionário, fundamentalista, progressista ou revolucionário. A inclusão num esquema formal torna desnecessária qualquer explicação do seu pensamento. Algo parecido, mas reforçado, se observa na arte. O que expressa é indiferente: pode glorificar Deus ou o diabo. O único critério é que seja formalmente conhecido.

Com isto, chegamos ao verdadeiro núcleo do nosso assunto. Quando os conteúdos não contam e a pura fraseologia assume o comando, o poder converte-se em critério supremo, isto é, transforma-se em categoria - revolucionária ou reacionária - dona de tudo. Esta é a forma perversa de semelhança com Deus de que fala o relato do pecado original. O caminho do mero poder e da pura força é a imitação de um ídolo, não a realização da imagem de Deus. O traço essencial do homem enquanto homem não é perguntar pelo poder, mas pelo dever, e abrir-se à voz da verdade e suas exigências. Esta é, a meu ver, a trama definitiva da luta de Sócrates. Também é o argumento mais profundo do testemunho dos mártires: os mártires manifestam a capacidade de verdade do homem como limite de qualquer poder e como garantia da sua semelhança com Deus. É assim que os mártires se constituem nas grandes testemunhas da consciência, da capacidade outorgada ao homem de perceber o dever acima do poder e de começar o progresso verdadeiro e a ascensão efetiva.[30]

A consciência "infalível"

A consciência é apresentada [hoje] como o baluarte da liberdade em face das constrictões da existência causadas pela autoridade. [...] Deste modo, a *moral da consciência* e a *moral da autoridade* parecem enfrentar-se como duas morais contrapostas em luta recíproca. A liberdade do cristão ficaria a salvo graças ao postulado original da tradição moral: *a consciência é a norma suprema* que o homem deve seguir sempre, mesmo quando vai contra a autoridade. Quando a autoridade, neste caso o Magistério da Igreja, fala sobre problemas de moral, estará apenas apresentando um subsídio para a consciência poder decidir, e esta sempre reservará para si mesma a última palavra [...]. Esta concepção da consciência como última instância é recolhida por alguns autores na fórmula "a consciência é infalível". [...]

Por um lado, é *inquestionável que devemos sempre seguir o veredicto evidente da consciência*, ou pelo menos não o infringir com as nossas acções. Mas é muito diferente sustentar que o ditame da consciência, ou aquilo que consideramos como tal, sempre está certo, sempre é infalível. Semelhante afirmação seria o mesmo que dizer que não há verdade alguma,

ao menos em matéria de moral e religião, isto é, justamente no âmbito que é o fundamento constitutivo da nossa existência. Como os juízos da consciência se contradizem uns aos outros, só haveria uma "verdade do sujeito" [...].

A pergunta pela consciência transporta-nos, na prática, para o domínio essencial do problema moral e para a interrogação acerca da existência do homem. Não gostaria de pôr estes problemas em forma de considerações estritamente conceptuais e, por conseguinte, completamente abstractas, mas preferiria avançar de modo narrativo.

Primeiramente, contarei a história da minha relação pessoal com este problema. Ele pôs-se pela primeira vez com toda a sua urgência no começo da minha actividade académica. Um colega meu mais velho [...] expressou durante uma disputa a opinião de que devíamos dar graças a Deus por conceder a muitos homens a possibilidade de se fazerem não-crentes seguindo a sua consciência; se lhes abrísssemos os olhos e eles se fizessem crentes, não seriam capazes de suportar neste nosso mundo o peso da fé e das suas obrigações morais. Mas, como todos seguiram de boa-fé um caminho diferente, poderiam alcançar a salvação.

O que mais me chocava nessa afirmação não era a ideia de uma consciência equivocada concedida pelo próprio Deus para poder salvar os homens mediante esse estratagema, isto é, a ideia de uma ofuscação enviada por Deus para a salvação de alguns. O que me perturbava era a ideia de que a fé fosse uma carga insuportável que só naturezas fortes poderiam suportar, quase um castigo ou, em todo o caso, uma exigência difícil de cumprir. A fé não facilitaria a salvação, antes a dificultaria. Livre seria aquele que não carregasse com a necessidade de crer e de se dobrar ao jugo da moral que decorre da fé da Igreja Católica. A consciência errónea, que permitiria uma vida mais leve e mostraria um caminho mais humano, seria a verdadeira graça, o caminho normal da salvação. A falsidade e o afastamento da verdade seriam melhores para o homem do que a verdade. O homem não seria libertado pela verdade, mas deveria ser libertado dela. A morada do homem seria mais a obscuridade do que a luz, e a fé não seria um dom benéfico do bom Deus, mas uma fatalidade.

Porém, se as coisas fossem assim, como poderia surgir a alegria da fé? Como poderia surgir a coragem de transmiti-la aos outros? Não seria melhor deixá-los em paz e mantê-los distantes dela? Foram ideias como essa que paralisaram, cada vez com mais força, a tarefa evangelizadora. Quem encara a fé como uma carga pesada ou como uma exigência moral excessiva não pode convidar outras pessoas a abraçá-la. Preferirá deixá-los na suposta liberdade da sua boa consciência.

[...] O que inicialmente me estarreceu no argumento mencionado foi, sobretudo, a caricatura da fé que me pareceu haver nele. Mas, numa segunda consideração, pareceu-me igualmente falso o conceito de consciência que pressupunha. A consciência errónea protege o homem das exigências da verdade e o salva: assim soava o argumento. A consciência não aparecia aí como uma janela que abre ao homem o panorama da verdade comum que nos sustenta a todos, tornando possível que sejamos uma comunidade de vontade e de responsabilidade apoiada na comunidade do conhecimento. Nesse argumento, a consciência também não era a abertura do homem ao fundamento que o sustenta nem a força que lhe permite perceber o supremo e o essencial. Tratava-se antes de uma espécie de invólucro protector da subjectividade [...] que não dá acesso à estrada salvadora da verdade, a qual ou não existe ou é exigente demais; e convertia-se assim em justificação da subjectividade, que não se quer ver questionada, e do conformismo social que deve possibilitar a convivência como valor médio entre as diversas subjectividades. Desapareciam assim o dever de buscar a verdade e as dúvidas quanto às atitudes e costumes dominantes: bastariam o conhecimento adquirido individualmente e a adaptação aos outros. Reduzia-se o homem às convicções mais superficiais, e, quanto menor a sua profundidade, melhor para ele. [...].

Pouco depois, num debate entre um grupo de colegas sobre a força justificadora da consciência errónea, alguém objectou contra essa tese que, se fosse universalmente válida, estariam justificados - e deveríamos procurá-los no céu - os membros das SS que cometeram os seus crimes com um conhecimento fanatizado e plena segurança de consciência. [...] Não haveria a menor dúvida de que Hitler e os seus cúmplices, que estavam profundamente convencidos do que faziam, não podiam ter agido de outra

forma. Apesar do horror objetivo das suas acções, teriam agido de maneira moralmente recta do ponto de vista subjectivo. Como seguiam a sua consciência, embora esta os tivesse guiado erroneamente, deveríamos reconhecer que as suas acções eram morais para eles; não poderíamos duvidar, em suma, da salvação eterna das suas almas.

A partir dessa conversa, passei a ter absoluta certeza de que há algum erro na teoria sobre a força justificadora da consciência subjectiva; por outras palavras, que um conceito de consciência que conduz a semelhantes resultados é falso. A firme convicção subjectiva e a segurança e falta de escrúpulos que dela derivam não tiram a culpa do homem. Quase trinta anos depois, lendo o psicólogo Albert Görres, descobri, resumida em poucas palavras, a ideia que então tentava penosamente reduzir a conceitos e cujo desenvolvimento forma o núcleo das nossas reflexões. Görres indica que o sentimento de culpabilidade, a capacidade de sentir culpa, pertence de forma essencial ao património anímico do homem. O sentimento de culpa, que rompe a falsa tranquilidade da consciência [...], é um sinal tão necessário para o homem como a dor corporal, que permite conhecer a alteração das funções vitais normais. Quem não é capaz de sentir culpa está espiritualmente doente, é um "cadáver vivente, uma máscara do carácter", como diz Görres.[31] "Os animais e os monstros, entre outros, não têm sentimentos de culpa. Talvez Hitler, Himmler ou Stalin também não os tivessem. Com certeza, os chefões da máfia também carecem deles. Mas é bem possível que, na verdade, os cadáveres dos seus «eus» estejam ocultos no sótão, junto com os sentimentos de culpa rejeitados... Todos os homens necessitam de um sentimento de culpa".[32]

Além do mais, uma rápida incursão na Sagrada Escritura poderia ter evitado esses diagnósticos e as teorias da justificação pela consciência errónea. No Salmo 19, 13 encontramos uma proposição eternamente digna de reflexão: "Quem será capaz de reconhecer os seus deslizes? / Limpa-me, [Senhor,] dos [pecados] que me são ocultos". Isso não é um "objetivismo vetero-testamentário", mas profunda sabedoria humana: *negar-se a ver a culpa* ou *fazer emudecer a consciência* em tantos assuntos é uma *doença da alma mais perigosa que a culpa reconhecida como culpa*. Aquele que é incapaz de perceber que matar é pecado cai mais baixo do que aquele que

reconhece a ignomínia da sua acção, pois está muito mais distante da verdade e da conversão.

Não é em vão que, diante de Jesus, o orgulhoso aparece como alguém verdadeiramente perdido. O facto de o publicano, com todos os seus pecados indiscutíveis, parecer mais justo diante de Deus que o fariseu, com todas as suas obras verdadeiramente boas (Lc 18, 9-14), não significa que os pecados do publicano não sejam pecados nem que não sejam boas as obras boas. [...] O fundamento desse juízo paradoxal de Deus revela-se precisamente a partir do nosso problema: o fariseu não sabe que também tem pecados. Está inteiramente quite com a sua consciência. Mas o silêncio da consciência torna-o impermeável a Deus e aos homens, ao passo que o grito da consciência que aflora no publicano torna-o capaz da verdade e do amor. Jesus pode actuar nos pecadores porque não se fazem inacessíveis às mudanças que Deus espera deles - de nós - escondendo-se atrás do biombo da sua consciência errônea. Mas não pode actuar nos "justos", que não sentem necessidade nem de perdão nem de conversão; a sua consciência, que os escusa, não acolhe nem o perdão nem a conversão.

Voltamos a encontrar esta mesma ideia, ainda que exposta de outro modo, em Paulo, que nos diz que os gentios, quando guiados pela razão natural, *sem Lei, cumprem os preceitos da Lei* (Rom 2, 1-16). Toda a *teoria da salvação pela ignorância* fracassa diante desses versículos: no homem, existe a presença inegável da verdade, da verdade do Criador, que se oferece também por escrito na revelação da História Sagrada. O homem pode ver a verdade de Deus no fundo do seu ser criatural. *É culpado se não a vê*. Só deixa de vê-la quando não quer vê-la, ou seja, porque não quer vê-la. Essa vontade negativa que impede o conhecimento é culpa. Que o farol não brilhe é consequência de um afastamento voluntário do olhar daquilo que não queremos ver.

Nesta fase das nossas reflexões, é possível tirar as primeiras consequências para responder à pergunta sobre o que é a consciência. Agora já podemos dizer: *não é possível identificar a consciência humana com a autoconsciência do eu, com a certeza subjetiva de si e do seu comportamento moral*. Essa consciência pode ser às vezes um mero reflexo

do meio social e das opiniões nele difundidas. Outras vezes, pode estar relacionada com uma pobreza autocrítica, com não ouvir suficientemente a profundidade da alma.

O que se deu no Leste Europeu após a derrocada dos sistemas marxistas confirma este diagnóstico. Os espíritos mais lúcidos e despertados dos povos libertados falam de um imenso abandono moral, produzido por muitos anos de degradação espiritual, e de um embotamento do sentido moral cuja perda -com os perigos que acarreta - pesa muito mais que os danos económicos que a ideologia produziu. O novo patriarca de Moscovo pôs energicamente em evidência este aspecto, no começo da sua actividade, no verão de 1990: as faculdades perceptivas dos homens que vivem num sistema de engano turvam-se inevitavelmente. A sociedade perde a capacidade de misericórdia e os sentimentos humanos desaparecem: [...] "Temos de conduzir de novo a humanidade para os valores morais eternos", isto é, desenvolver de novo o ouvido quase extinto para escutar o conselho de Deus no coração do homem. *O erro, a consciência errónea, só são cómodos num primeiro momento.* Depois, o emudecimento da consciência converte-se em desumanização do mundo e em perigo mortal, se não se reage contra ele.

Por outras palavras: a identificação da consciência com o conhecimento superficial e a redução do homem à subjetividade não libertam, mas escravizam. Fazem-nos completamente dependentes das opiniões dominantes e rebaixam dia após dia o nível dessas mesmas opiniões dominantes. Aquele que iguala a consciência à convicção superficial identifica-a com uma segurança aparentemente racional, tecida de fatuidade, conformismo e negligência. A consciência degrada-se à condição de mecanismo de escusa, em vez de representar a transparência do sujeito para refletir o divino, e, como consequência, degrada-se também a dignidade e a grandeza do homem. *A redução da consciência à segurança subjectiva significa a supressão da verdade.* Quando o salmista, antecipando a visão de Isaías sobre o pecado e a justiça, pede a Deus que o liberte dos pecados que lhe estão ocultos, chama a atenção para o seguinte facto: deve-se, sem dúvida, seguir a consciência errónea, mas a supressão da verdade que a precede, e que agora se vinga, *é a verdadeira culpa*, que

adormece o homem numa falsa segurança e por fim o deixa só num deserto inóspito.[33]

O respeito humano, traição da própria consciência

O Juiz do mundo, que um dia voltará para nos julgar a todos nós, está ali, aniquilado, insultado e inerte diante do juiz terreno. Pilatos não é um monstro de maldade. Sabe que esse condenado é inocente, e procura um modo de libertá-lo. Mas o seu coração está dividido. E, por fim, faz prevalecer a sua posição, a si mesmo, acima do direito. Também os homens que gritam e pedem a morte de Jesus não são monstros de maldade. Muitos deles, no dia de Pentecostes, sentir-se-ão *emocionados até o fundo do coração* (At 2, 37) quando Pedro lhes disser: *a Jesus do Nazaré, homem acreditado por Deus junto de vós [...] vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa* (At 2, 22-23). Naquele momento, porém, sofrem a influência da multidão. Gritam porque os outros gritam e tal como os outros gritam. E assim a justiça é espezinhada pela covardia, pela pusilanimidade, pelo medo do *diktat* da mentalidade predominante. A voz subtil da consciência fica sufocada pelos gritos da multidão. A indecisão, o respeito humano dão força ao mal.[34]

Falsas promessas

Cristo diz: Guardai-vos dos falsos profetas que vêm a vós sob disfarce de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes. Pelos seus frutos os conhecereis. Parece uma advertência contra as seitas e heresias.

É uma interpretação possível. Mas também é uma advertência contra qualquer regra fácil. Jesus previne-nos contra os "curandeiros do espírito". Diz que a nossa norma deve ser perguntarmo-nos: "Como vive essa pessoa? Quem é na realidade? Que frutos produzem ele e o seu círculo? Analise isso e verá a que conduz".

Essa norma prática, ditada por Cristo à vista das circunstâncias do momento em que viveu, projecta-se sobre a História. Pensemos nos pregadores da salvação do século passado, quer se trate de Hitler ou dos pregadores marxistas; todos vieram e disseram: "Trazemo-vos a justiça". No princípio, pareciam mansas ovelhas, mas acabaram sendo grandes destruidores. Mas [a norma prática dos frutos] também diz respeito aos numerosos pequenos pregadores que nos dizem: "Eu tenho a chave! Age assim e em pouco tempo conseguirás a felicidade, a riqueza, o êxito".

William Shakespeare, evidentemente um católico, viveu com intensidade a roda da existência. Como bom pedagogo, no fim ofereceu uma recomendação, algo assim como a essência do seu conhecimento mundano: "Compra tempo divino, vende horas do triste tempo terrenal". São palavras sábias, como as que se esperam de um grande homem. O tempo mais bem aproveitado é aquele que se transforma em algo duradouro: é o tempo que recebemos de Deus e a Ele devolvemos. O tempo que é pura transição desmorona e se transforma em mera caducidade.[35]

Formar a consciência

Certamente a fé cristã vai além daquilo que a pura razão é capaz de reconhecer, mas faz parte das suas convicções fundamentais que Cristo é o *Logos*, quer dizer, a razão criadora de Deus da qual procede o mundo e que se reflete na nossa racionalidade. O apóstolo Paulo, que falou com tanta ênfase da novidade e da unicidade do cristianismo, destacou ao mesmo tempo que o preceito moral registado na Sagrada Escritura coincide com aquele que "está inscrito nos nossos corações, segundo o testemunho da nossa consciência" (Rom 2, 15). É verdade que, com frequência, esta voz do nosso coração, a consciência, é sufocada pelos ruídos secundários da nossa vida. A consciência pode, por assim dizer, tornar-se cega. Precisamos assistir às "aulas de recuperação" da fé, que voltam a despertá-la e assim tornam novamente perceptível a voz do Criador em nós, suas criaturas.[36]

A regra de ouro

O Sermão da Montanha não corresponde necessariamente às ideias tradicionais. Opõe-se até às nossas definições de sorte, grandeza, poder, êxito ou justiça. E, no seu final, oferece aos ouvintes um resumo, quase que uma lei das leis, a "regra de ouro" da vida. Diz assim: "Portanto, tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles; porque esta é a Lei e os Profetas".

A regra de ouro já existia antes de Cristo, embora formulada de maneira negativa: "Não faças a ninguém o que não queres que te façam". Jesus supera-a com uma formulação positiva que, como é lógico, é muito mais exigente.

Na minha opinião, o que assombra pela sua grandiosidade é que se deixam de lado as comparações - quem fez o quê, quando, como, a quem -; que a pessoa já não se perde em distinções, mas compreende a missão essencial que lhe foi confiada: abrir bem os olhos, abrir o coração e encontrar as possibilidades criativas do bem. Já não se trata de perguntar o que é que eu quero, mas de transpor para os outros o meu querer. E esta entrega autêntica, com toda a sua fantasia criativa, com todas as possibilidades que abre diante de nós, está recolhida numa regra muito prática, para que não fique reduzida a um sonho idealista qualquer.[37]

Viver as virtudes

Creio que todo o mundo gostaria de saber como ter uma vida correcta, [...], como levá-la ao cume sentindo-se à vontade consigo mesmo. Antes de morrer, o grande actor Cary Grant deixou à sua filha Jennifer uma carta de despedida comovente. Quis dar-lhe nela algumas recomendações adicionais para o caminho. "Queridíssima Jennifer," escreveu, "viva a sua vida plenamente, sem egoísmo. Seja comedida, respeite o esforço dos outros. Esforce-se por conseguir o melhor [...]. Mantenha puro o juízo e limpa a conduta". E prosseguia: "Dê graças a Deus pelo rosto das pessoas boas e pelo doce amor que há por trás dos seus olhos... Pelas flores que ondulam ao vento... Um breve sono e despertarei para a eternidade. Se não despertar

como nós o entendemos, então continuarei a viver em você, filha queridíssima".

De certa forma, soa a católico. Seja como for, é uma carta belíssima. Se [Cary Grant] era católico ou não, não sei, mas certamente é a expressão de uma pessoa que se tornou sábia e compreendeu o significado do bem, e tenta transmiti-lo, além disso, com uma assombrosa amabilidade.[38]

Valores espirituais

Redenção e Liberdade humana

Constitui, por assim dizer, a estrutura da aventura da Redenção que ela sempre diga respeito à liberdade. Por isso, [a Redenção] nunca é simplesmente imposta do exterior ou cimentada em estruturas fixas, mas está inserida no frágil vaso da liberdade humana. [...] Como está ligada à liberdade e não é coisa que se possa impor ao homem por meio de estruturas, volta sempre a reportar-se a essa liberdade e, através dela, também pode, até certo ponto, ser destruída.

Mas temos de reconhecer que o cristianismo libertou uma e outra vez grandes forças de amor. Quando se considera o que realmente entrou na História graças ao cristianismo, vemos que é notável. Goethe disse: "Surgiu o respeito profundo pelo que se encontra abaixo de nós". Na realidade, somente através do cristianismo é que se desenvolveu uma assistência organizada aos doentes, o amparo aos fracos e toda uma organização de amor. Através do cristianismo cresceu, aliás, o respeito por todas as pessoas em todas as situações sociais. É interessante observar que o imperador Constantino, ao reconhecer o cristianismo, se tenha sentido primeiro na obrigação de modificar as leis para introduzir o domingo como feriado universal e que tenha procurado garantir certos direitos aos escravos.

Lembro-me também, por exemplo, de Atanásio, o grande bispo alexandrino do século IV, que narra, a partir da sua própria experiência,

como as tribos se enfrentavam com violência em toda a parte, até que, através dos cristãos, surgiu uma certa disposição para a paz. Isso não são coisas que estejam garantidas por si mesmas através da estrutura de um império político: podem, como observamos hoje, tornar a desmoronar uma e outra vez.

Quando o homem abandona a fé, os horrores do paganismo regressam com toda a força. Julgo que pudemos de facto constatar que Deus entrou na História, por assim dizer, de modo muito mais frágil do que gostaríamos. Mas também pudemos constatar que essa é a sua resposta à liberdade. E se queremos [...] que Deus respeite a nossa liberdade, também temos de aprender a respeitar e a amar a fragilidade da sua acção.[39]

Vocação

A minha vida tem de ser como a da Madre Teresa?

É uma possibilidade. Mas as vocações são muito variadas. Nem todo o mundo deve ser uma Madre Teresa. Também um grande cientista, um grande erudito, um músico, um simples artesão ou um operário podem ter uma vida plena, pois são pessoas que vivem a sua existência com honradez, lealdade e humildade... [...] Cada vida traz consigo a sua própria vocação, tem o seu próprio código e o seu próprio caminho. Ninguém é uma mera imitação obtida com um molde, mais um entre uma profusão de exemplares iguais. E cada pessoa necessita também de coragem criativa para viver a sua vida e não se converter numa cópia dos outros.

O senhor se lembrará da parábola do servo preguiçoso, que enterra o seu talento para que nada aconteça com ele, e compreenderá o que quero dizer. Trata-se de um homem que se nega a assumir o risco da existência, a desfraldar toda a sua originalidade e a expô-la às ameaças que isso necessariamente traz consigo.[40]

A vontade de Deus para nós

O que Deus realmente quer de nós?

Quer que nos tornemos pessoas que amam, porque então somos imagens d'Ele. Porque Ele é, como nos diz São João, o Amor, e quer que haja criaturas que sejam semelhantes a Ele; criaturas que, a partir da liberdade do seu amor, se tornem como Ele e lhe pertençam e, desse modo, irradiem, por assim dizer, a luz d'Ele mesmo.[41]

Fé, esperança e caridade

A fé é, primeiro, a raiz através da qual se desenvolve a vida, a decisão fundamental de perceber Deus e de o aceitar. E é a chave graças à qual se explica tudo o mais.

Essa fé significa esperança, porque, do modo como é, o mundo não é bom sem mais e não devia continuar a ser como é. Quando se olha para ele de um ponto de vista empírico, poder-se-ia pensar que o mal é a principal força no mundo. Esperar, num sentido cristão, significa conhecer a existência do mal e, apesar disso, olhar com confiança para o futuro. A fé assenta, essencialmente, em aceitar o facto de que se é amado por Deus. Não significa, portanto, apenas dizer-lhe sim, mas significa dizer sim à Criação, às criaturas, sobretudo ao homem: é procurar ver em cada um a imagem de Deus e tornar-se, desse modo, uma pessoa que ama.

Isto não é fácil. Mas graças ao sim fundamental [da fé], graças à convicção de que Deus criou o homem e o apoia, [...] o amor pode encontrar a sua razão de ser e fundamentar a esperança a partir da fé. Nessa medida, a esperança contém o elemento de confiança perante a nossa História ameaçada, mas nada tem a ver com utopia; o objeto da esperança não é o mundo melhor do futuro, mas a vida eterna. A expectativa de um mundo melhor não resolve nada, porque esse não é o nosso mundo, e cada um tem de viver com o seu mundo, com a dimensão do seu próprio presente. O mundo das gerações futuras será marcado pela liberdade dessas

gerações e só pode ser determinado por nós de modo muito limitado. Mas a vida eterna é o meu futuro e, portanto, a força que marca a História.[42]

Viver de fé: o Sermão da Montanha

Jesus queria mostrar o caminho às pessoas, os pontos de apoio correctos para uma vida plena [...]. Certa vez, subiu a uma montanha, e o seu sermão abriu, de certa forma, um novo capítulo.

Não há dúvida de que o Sermão da Montanha ocupa um lugar simbólico. Mais ainda: com esse sermão, irrompe uma nova etapa da humanidade, que é possível porque Deus se une aos homens. Ele não se situa apenas no mesmo nível que Moisés, o que, para os ouvintes, certamente já não era fácil de assimilar, mas fala das alturas do autêntico legislador, do próprio Deus. Neste sentido, o Sermão da Montanha é, em muitos aspectos, a expressão mais vigorosa da sua reivindicação divina [como Filho de Deus]; o Senhor afirma que, a partir desse momento, a Lei do Antigo Testamento encontra a sua mais profunda explicação e a sua vigência universal, não por uma intervenção humana, mas graças ao próprio Deus.

As pessoas compreendem isso. E percebem também com muita força, digamos, o duplo aspecto do Sermão da Montanha: que essa mensagem traz consigo uma nova intimidade, um novo amadurecimento e bondade, uma libertação daquilo que é apenas superficial e externo; e, ao mesmo tempo, um novo nível de exigência, uma exigência tão fora de proporções que quase esmaga a pessoa.

Quando o Senhor diz: "Já não vos digo apenas: Não podes cometer adultério, mas nem sequer olhar a mulher com desejo"; quando diz: "Não somente não matarás, como nem sequer guardarás rancor ao próximo"; e quando diz: "Não basta o olho por olho e dente por dente, mas, quando alguém te bater numa das faces, oferece-lhe a outra", somos confrontados com uma exigência que, embora dotada de uma grandeza que provoca

admiração, parece desmedida para o ser humano. Ou pelo menos o seria, se Jesus Cristo já não a tivesse experimentado antes e se não fosse uma consequência do encontro pessoal com Deus. Aqui vemos realmente a condição divina de Cristo: não é mais outro enviado [de Deus], mas o definitivo, e n'Ele se manifesta o próprio Deus.[43]

Preocupações

No Sermão da Montanha, fala-se literalmente de verdadeiras e falsas preocupações. Cristo diz que não devemos preocupar-nos com a comida ou com o que vestiremos, porque a vida é mais importante que o alimento ou a roupa. Soa bem, mas quem seguisse essas recomendações provavelmente morreria em pouco tempo.

Num mundo baseado no planeamento do futuro e na pretensa melhoria mediante a previsão, isto é, mediante a "preocupação", essas recomendações tornaram-se inteiramente incompreensíveis. Penso que é preciso ler o texto com muita atenção, e então encontramos a chave dentro dele mesmo. Pois Jesus também diz: "Buscai primeiro o reino de Deus, e tudo o mais vos será dado por acréscimo". Ou seja, há uma ordem de prioridades. Se excluirmos a primeira, concretamente a presença de Deus no mundo, por mais que façamos e por mais útil que seja [o que fizermos], de certa forma há-de escorrer-nos de entre as mãos.

Penso que o importante é: primeiro, o reino de Deus. Esta deve ser a preocupação essencial que estruture a partir de dentro, a partir do reino de Deus, as demais preocupações. Como é natural, não é que simplesmente nos nasçam asas. Preocupamo-nos pelo dia seguinte, de que o mundo continue a progredir, etc. Mas essas preocupações tornam-se mais leves quando se subordinam à primeira. E vice-versa.

Em certa ocasião, Jesus disse: "Entrai pela porta estreita, porque larga é a entrada e espaçoso o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela; mas como é estreita a entrada e como é apertado o caminho que leva à vida, e quão poucos são os que o encontram!"

Dessas palavras, seria preciso deduzir que o inferno está repleto e o céu meio vazio.

Elas representam, na realidade, uma advertência muito pragmática: quando se faz o que todos fazem, quando se segue o caminho da comodidade, o caminho amplo, de momento isso pode parecer mais agradável, mas a pessoa afasta-se da verdadeira vida.

Ou seja, a decisão correcta é escolher o caminho difícil. O mero deixar-se levar, o mero nadar a favor da corrente, o submergir na massa, em última análise sempre nos conduz à massa e depois ao vazio. É o valor da ascensão, daquilo que é árduo, o que me põe no bom caminho.[44]

Vida de oração

Oração

Desde que a humanidade existe, as pessoas rezam. Sempre e em toda a parte têm tido consciência de não estarem sós no mundo, de que há Alguém que as escuta. Sempre têm tido consciência de precisarem de um Outro que é maior do que elas, e de que precisam esforçar-se por alcançá-lo se quiserem que a sua vida seja o que deve ser. Mas o rosto de Deus sempre esteve velado, e só Jesus nos mostrou a sua verdadeira face: quem o vê, vê o Pai (cfr. Jo 14, 9).

Se, por um lado, é natural que rezemos (que peçamos no momento da necessidade e agradeçamos no momento da alegria), por outro experimentamos também a nossa incapacidade de orar e de falar com um Deus oculto: *Não sabemos pedir o que nos convém*, diz São Paulo (Rom 8, 26). Portanto, sempre deveríamos dizer ao Senhor, como os discípulos: *Senhor, ensina-nos a orar* (Lc 11, 1).

O Senhor ensinou-nos o Pai-Nosso como modelo de autêntica oração, e deu-nos uma Mãe, a Igreja, que nos ajuda a rezar. A Igreja recebeu um enorme tesouro de orações da Sagrada Escritura, e ao longo dos séculos surgiram também, dos corações dos fiéis, inúmeras orações que nos permitem renovar sempre o modo como nos dirigimos a Deus. Rezando com a nossa Mãe, a Igreja, aprendemos a rezar.[45]

Ajoelhar-se

Existem ambientes, não pouco influentes, que tentam convencer-nos de que não há necessidade de ajoelhar-se. Dizem que é um gesto que não se adapta à nossa cultura (mas, a qual se adapta então?); que não é conveniente para o homem maduro, que vai ao encontro de Deus e se apresenta erguido. [...] Pode ser que a cultura moderna não compreenda o gesto de ajoelhar-se,

na medida em que é uma cultura que se afastou da fé e já não conhece Aquele diante de quem ajoelhar-se é o único gesto adequado, e, mais ainda, um gesto interiormente necessário. Quem aprende a crer também aprende a ajoelhar-se. Uma fé ou uma liturgia que não conhecessem o acto de pôr-se de joelhos estariam doentes num ponto central.[46]

Sentido social da oração

Pensamos que a oração é algo intimista. Já não temos muita fé - parece-me - no efeito real, histórico, da oração.

Devemos, muito pelo contrário, convencer-nos de que este compromisso espiritual que une o céu e a terra tem uma grande força intrínseca. E um meio para chegar ao estabelecimento da justiça é precisamente comprometer-se a orar, porque desta maneira a oração se transforma numa educação de mim mesmo e do outro para a justiça. Devemos, em resumo, aprender, reaprender o sentido social da oração.[47]

Oração e meditação transcendental

Diante da busca actual pela espiritualidade, muita gente recorre à meditação transcendental.[48] Que diferença há entre a meditação transcendental e a meditação cristã?

Em poucas palavras, diria que a essência da meditação transcendental é que o homem se expropria do próprio eu, se une à "essência universal do mundo"; portanto, fica um pouco despersonalizado. Pelo contrário, na meditação cristã, não perco a minha personalidade, entro numa relação íntima com a pessoa de Cristo, entro em relação com o "Tu" de Cristo, e assim o meu "eu" não se perde, mantém a sua identidade e responsabilidade. Ao mesmo tempo, abre-se, entra numa unidade mais profunda, a unidade do amor, que não destrói.

Portanto, diria, simplificando um pouco, que a meditação transcendental é impessoal e, neste sentido, "despersonalizante", ao passo que a meditação cristã é "personalizante" e abre a pessoa a uma unidade profunda, que nasce do amor e não da dissolução do eu.[49]

O mistério da Cruz

O sinal da cruz

"O teu nome será uma bênção", disse Deus a Abraão no princípio da História da salvação. Em Cristo, filho de Abraão, cumpre-se em plenitude essa palavra. Ele é uma bênção para toda a criação e para todos os homens. Por isso mesmo, a cruz, que é o seu sinal no céu e na terra, tinha que converter-se no gesto de bênção propriamente cristão. Traçamos o sinal da cruz sobre nós mesmos e entramos assim no poder de bênção de Jesus Cristo. Fazemos o sinal da cruz sobre as pessoas para quem desejamos a bênção. Fazemos o sinal da cruz também sobre as coisas que nos acompanham na vida e que queremos voltar a receber das mãos de Deus.

Mediante a cruz, podemos abençoar-nos uns aos outros. Pessoalmente, nunca esquecerei com que devoção e com que recolhimento interior o meu pai e a minha mãe ajudavam os seus filhos a persignar-se com água benta, quando éramos pequenos. E faziam-nos também o sinal da cruz na testa, na boca, no peito, quando íamos ausentar-nos, sobretudo se se tratava de uma ausência particularmente longa.[50]

Significado da Cruz

A Cruz, um símbolo horrível?

Em certo sentido, a Cruz envolve um horror que não lhe devemos tirar. É o modo de execução mais cruel que a Antiguidade conhecia e que não se podia aplicar aos romanos, porque mancharia a honra romana. Ver que o mais puro dos homens, que era mais do que um homem, é executado de

modo tão cruel pode levar-nos, primeiro, a ficar horrorizados. Mas precisamos horrorizar-nos connosco e sair do nosso comodismo. Neste ponto, penso que Lutero estava com a razão quando disse que o homem tem de se horrorizar consigo mesmo para chegar ao bom caminho.

Mas não se há-de ficar no horror, não se trata apenas de horror, pois quem nos olha do alto da Cruz não é um homem fracassado, um homem desesperado, uma das terríveis vítimas da humanidade: esse Crucificado diz-nos uma coisa diferente do que nos dizem Espártaco e os seus seguidores derrotados. Dessa Cruz, olha-nos uma bondade que permite que a vida recomece mesmo no horror. Olha-nos a própria bondade de Deus, que se entrega às nossas mãos, que se dá a nós e que, por assim dizer, suporta connosco todo o horror da História. Numa perspectiva mais profunda, esse sinal, que nos apresenta a dimensão perigosa do ser humano e todos os seus horrores, deixa-nos então contemplar ao mesmo tempo o Deus mais forte, mais forte na sua fraqueza, e o facto de sermos amados por Ele. É um sinal de perdão, na medida em que dá esperança, mesmo nos abismos da História.

Actualmente, faz-se muito a pergunta de como ainda seria possível falar de Deus depois de Auschwitz e de como ainda seria possível fazer teologia. Eu diria que a Cruz resume antecipadamente o horror de Auschwitz. Deus está crucificado e diz-nos que esse Deus, aparentemente tão fraco, é o Deus que -incompreensivelmente - perdoa, e que, na sua aparente ausência, é o Deus mais. forte. [51]

O mistério da Cruz

O cristianismo não é um sistema intelectual, uma coleção de dogmas ou um moralismo. O cristianismo é, pelo contrário, um encontro, uma história de amor. Esse "caso" de amor com Cristo, essa história de amor [...], é ao mesmo tempo completamente alheia a qualquer entusiasmo superficial ou romanticismo vago. [...]

Encontrar Cristo significa segui-lo. Esse encontro é uma estrada, uma jornada, uma jornada que também passa pelo *vale da sombra da morte* (Si 22 [23], 4). O Evangelho fala-nos das trevas que envolveram os sofrimentos finais de Cristo, da aparente ausência de Deus, do eclipse do Sol do mundo. [...] Segui-lo significa passar pelo *vale da sombra da morte*, enveredar pelo Caminho da Cruz, enquanto se vive na verdadeira alegria.

Por que é assim? O próprio Senhor traduziu o mistério da Cruz, que no fundo é o próprio mistério do amor, por meio de umas palavras que exprimem integralmente a realidade da nossa vida. Diz: *Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á* (Mt 16, 25). [52]

Sufrimento humano e mistério da cruz

Costumamos pensar no sofrimento como algo que deve ser evitado a todo o custo, E não há nada que irrite mais determinadas sociedades do que a ideia cristã de que se deveria suportar a dor e o sofrimento, e mesmo entregar-se a eles, a fim de superá-los. Sofrer, dizia João Paulo II, é parte do mistério de ser homem. Por que é assim?

Hoje, o que se pretende é eliminar o sofrimento da face da terra. Para o indivíduo, isso significa evitar a todo o custo a dor. No entanto, precisamos enxergar também que é precisamente dessa forma que o mundo se torna muito duro e muito frio. A dor é parte do ser humano.

Quem quisesse realmente livrar-se do sofrimento, antes de mais nada teria que livrar-se do amor; não há amor sem sofrimento, pois o amor sempre exige certa dose de sacrifício: diante das diferenças de temperamento e dos dramas humanos, sempre trará consigo renúncia e dor.

Quando sabemos que o caminho do amor - esse êxodo, esse sair de si mesmo - é o verdadeiro caminho pelo qual o homem se torna humano, compreendemos também que o sofrimento é o processo pelo qual amadurecemos. Quem aceita interiormente o sofrimento torna-se mais

maduro e mais compreensivo com as fraquezas dos outros: mais humano. Quem evita com pertinácia o sofrimento não é capaz de entender os outros: torna-se duro e egoísta. O próprio amor é uma *paixão*, isto é, algo que acontece connosco. No amor, a primeira experiência é uma alegria, um sentimento geral de alegria; mas, por outro lado, vejo-me arrancado à minha confortável tranquilidade e tenho que deixar-me reformular.

Se compreendermos que o sofrimento é o "lado de dentro" do amor, entenderemos também como é importante *aprender a sofrer* - e veremos por que, em sentido inverso, a fuga de todo o sofrimento torna a pessoa incapaz de lidar com a vida: cairia num estado de vazio existencial, que só pode estar associado à amargura, à rejeição, e já não permite nenhuma aceitação interior nem nenhum progresso na direção da maturidade. [53]

A Cruz e a Eucaristia

Se o grão do trigo que cai na terra não morre, fica só; mas, se morre, dá muito fruto (Jo 12, 24). O Senhor interpreta todo o seu caminho terreno como o percurso do grão do trigo que só chega a produzir fruto morrendo. Interpreta a sua vida terrena, a sua morte e a sua ressurreição de modo a desembocar na Santíssima Eucaristia, na qual está compendiado todo o seu mistério. Depois de ter vivido a sua morte como uma oferenda de si mesmo, como um acto de amor, o seu corpo foi transformado na nova vida da ressurreição. Por isso, Ele, o Verbo encarnado, tornou-se agora o nosso alimento, que conduz à verdadeira vida, à vida eterna. O Verbo eterno - a força criadora da vida - desceu do céu, tornando-se assim o verdadeiro maná, o pão que o homem comunga na fé e no sacramento. [54]

A Sagrada Eucaristia

Eucaristia

Na crise de fé que estamos vivendo, o ponto neurálgico é, cada vez mais, a recta celebração e a recta compreensão da Eucaristia [...].

Todos nós sabemos qual é a diferença entre uma igreja onde se reza e uma igreja reduzida a um museu. Hoje corremos o risco de que as nossas igrejas se convertam em museus e acabem como os museus: se não fecharem, serão espoliados. Não têm vida. A medida da vitalidade de uma igreja, a medida da sua abertura interior, mostrar-se-á pelo facto de as suas portas poderem permanecer abertas, precisamente por ser uma igreja onde se reza continuamente. [55]

Orar diante da Eucaristia

"Também posso rezar no bosque, mergulhado na natureza". É claro que se pode. Mas se só se pudesse rezar assim, a iniciativa da oração estaria totalmente dentro de nós: Deus seria pouco mais do que um postulado do nosso pensamento. Que Ele responda ou queira responder, permaneceria uma questão em aberto. [...] Em contrapartida, a Eucaristia significa: Deus respondeu. A Eucaristia é Deus como resposta, como presença que responde. Agora, a iniciativa da relação divino-humana já não depende de nós, mas d'Ele, e assim se torna verdadeiramente séria.

Por isso, a oração atinge um nível inteiramente novo no âmbito da adoração eucarística; só agora envolve as duas partes, só agora é séria. Mais ainda, não envolve apenas as duas partes, mas só agora se torna plenamente universal: quando rezamos na presença da Eucaristia, nunca estamos sós. Connosco reza toda a Igreja que celebra a Eucaristia [...]. Nessa oração, já não estamos diante de um Deus pensado, mas diante de um Deus que verdadeiramente se entregou a nós; diante de um Deus que se fez comunhão connosco, e assim nos liberta dos nossos limites e nos conduz à Ressurreição. Esta é a oração que devemos voltar a buscar. [56]

Culto eucarístico

O culto é tomar consciência da queda [do pecado original], é, por assim dizer, o instante do arrependimento do filho pródigo, o voltar-o-olhar-para-

a-origem. Na medida em que, segundo muitas filosofias, o conhecimento e o ser coincidem, o facto de se voltar o olhar para o Princípio constitui também, e ao mesmo tempo, uma nova ascensão para Ele. [...]

Desde [o momento em que tiveram lugar] a Cruz e a Ressurreição de Jesus, a Eucaristia é o ponto de encontro de todas as linhas da Antiga Aliança, e até da História das religiões em geral: o culto verdadeiro, sempre esperado e que sempre supera as possibilidades humanas, a adoração em espírito e verdade. [...]

Que ninguém diga agora: a Eucaristia existe para ser comida, não para ser adorada. Como sublinham uma e outra vez as tradições mais antigas, não é de forma alguma um pão corrente. Comê-la é um processo espiritual que abarca toda a realidade humana. Comer Cristo significa adorar a Cristo. Comê-lo significa deixá-lo entrar em mim de modo que o meu "eu" seja transformado e se abra ao grande "nós", de maneira que cheguemos a ser um só com Ele. Desta forma, a adoração não se opõe à comunhão nem se situa paralelamente a ela. A comunhão só atinge toda a sua profundidade se estiver sustentada e compreendida pela adoração. A presença eucarística no tabernáculo não cria outro conceito da Eucaristia paralelo ou oposto à celebração eucarística, antes constitui a sua plena realização. [57]

Eucaristia e sacrifício

A Eucaristia é sacrifício. Ao ouvirmos esta frase, experimentamos resistência no nosso íntimo. Levanta-se a pergunta: Quando falamos de sacrifício, não estaremos formando uma imagem indigna, ou pelo menos ingénua, de Deus? Não acabaremos pensando que nós, os homens, podemos e até devemos dar algo a Deus?

A Eucaristia responde precisamente a essas questões. A primeira coisa que nos diz é que Deus se entrega a nós para que nós possamos, por nossa vez, dar-nos a Ele. No sacrifício de Jesus Cristo, a iniciativa vem de Deus. No começo, foi Ele quem se abaixou primeiro. [...]

Cristo não é uma oferenda que nós, os homens, apresentamos a um Deus irritado; pelo contrário, o facto de Ele estar aqui, de viver, sofrer e amar, já é obra do amor de Deus

[...]. É o amor misericordioso de Deus que se abaixa até nós; é o Senhor quem se faz a si mesmo servo por nós. Embora sejamos nós que causamos o conflito, e embora o culpado não seja Deus, mas nós, é Ele quem vem ao nosso encontro e quem, em Cristo, pede a reconciliação [...].

Quanto mais andamos com Ele, mais conscientes nos tornamos de que o Deus que parece atormentar-nos é na verdade o único que nos ama realmente e o único a quem podemos abandonar-nos sem resistência nem medo. [...] Quanto mais penetramos na noite desse mistério incompreendido, mais confiamos n'Ele, mais o encontramos, mais descobrimos o amor e a liberdade que nos sustentam em todas as outras noites. Deus dá para que nós possamos dar; esta é a essência do sacrifício eucarístico, do sacrifício de Jesus Cristo. [58]

Apostolado

Fé e apostolado

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida: nestas palavras de Cristo segundo o Evangelho de João (14, 6) está expressa a pretensão fundamental da fé cristã. Desta pretensão brota o impulso missionário da fé: se a fé cristã é a verdade, diz respeito a todos os homens. Se fosse apenas uma variante cultural das experiências religiosas do homem, cifradas em símbolos e nunca decifradas, então faria bem em permanecer na sua cultura e deixar as outras em paz. [59]

Apostolado

Fui Eu que vos escolhi e vos destinei para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça (Jo 15, 16). Aqui aparece o dinamismo da existência

do cristão, do apóstolo: *Escolhi-vos para que vades...* Devemos animar-nos nesta santa inquietação: a inquietação de levar a todos o dom da fé, da amizade com Cristo. Em verdade, o amor, a amizade de Deus foi-nos dada para que chegue também aos outros. Recebemos a fé para dá-la aos outros - somos sacerdotes para servir os outros. E devemos dar um fruto que permaneça.

Todos os homens querem deixar um rasto que permaneça. Mas o que é que permanece? O dinheiro, não. Os edifícios, também não; e muito menos os livros. Após um certo tempo, mais ou menos longo, todas essas coisas desaparecem. A única coisa que permanece eternamente é a alma humana, o homem criado por Deus para a eternidade.

O fruto que permanece é, portanto, aquilo que semeamos nas almas humanas - o amor, o conhecimento; o gesto capaz de tocar o coração; a palavra que abre a alma à alegria do Senhor.

Então vamos e rezemos ao Senhor para que nos ajude a dar fruto, um fruto que permaneça. Somente assim a terra se transforma, de vale de lágrimas, em jardim de Deus. [60]

Pescadores de homens

Hoje também a Igreja e os sucessores dos Apóstolos recebem a ordem de partir para o mar profundo da história e lançar redes, para conquistar homens e mulheres para o Evangelho - para Deus, para Cristo, para a vida verdadeira [...]. Vivemos em alienação, nas águas salgadas do sofrimento e da morte; no mar das trevas sem luz. A rede do Evangelho retira-nos das águas da morte e nos traz para o esplendor da luz de Deus, para a vida verdadeira. E é realmente verdade: conforme seguimos Cristo nesta missão de sermos pescadores de homens, temos de trazer homens e mulheres para fora do mar, que é salobro com tantas formas de alienação, e para a terra da vida, para a luz de Deus. E é realmente verdade: o propósito das nossas vidas é revelar Deus aos homens. E apenas quando se vê Deus a vida realmente começa. Apenas quando encontramos o Deus vivo em Cristo

sabemos o que a vida é. Não somos um produto sem sentido do acaso da evolução. Cada um de nós é resultado de um pensamento de Deus. Cada um de nós é desejado, cada um de nós é amado, cada um de nós é necessário. Nada é mais belo que ser surpreendido pelo Evangelho, pelo encontro com Cristo. Nada é mais belo que conhecê-lo e falar aos outros da nossa amizade com Ele. A tarefa do pastor, a tarefa do pescador de homens, pode muitas vezes parecer cansativa. Mas é bela e maravilhosa, porque é verdadeiramente um serviço para a alegria, para a alegria que Deus deseja espalhar pelo mundo. [61]

Santidade e alegria

Virtude heróica e santidade

Vêm-me à cabeça as palavras do Senhor recolhidas no Evangelho de São João (5, 17): *Meu Pai opera sempre*. São palavras pronunciadas por Jesus no decorrer de uma discussão com alguns especialistas em religião que não queriam reconhecer que Deus pode trabalhar no dia de sábado. Um debate ainda aberto e actual, de certo modo, entre os homens - também entre os cristãos - do nosso tempo. Alguns pensam que Deus, depois da criação, "se retirou" e já não tem nenhum interesse pelos nossos assuntos de cada dia. De acordo com esse modo de pensar, Deus não poderia intervir na trama da nossa vida quotidiana; no entanto, as palavras de Jesus Cristo indicam-nos precisamente o contrário. Um homem aberto à presença de Deus percebe que Deus trabalha sempre e que também actua hoje; por isso, devemos deixar que Ele entre e actue em nós [...].

Conhecendo um pouco da história dos santos, sabendo que nos processos de canonização se procura a virtude "heróica", podemos, quase inevitavelmente, formar um conceito equivocado da santidade porque tendemos a pensar: "Isso não é para mim", "eu não me sinto capaz de praticar virtudes heróicas", "é um ideal alto demais para mim"... Nesse caso, a santidade estaria reservada para alguns "grandes" cujas imagens

vemos nos altares e que são muito diferentes de nós, pecadores comuns. No entanto, seria uma ideia totalmente errada da santidade [...].

Virtude heróica não quer dizer que o santo seja uma espécie de "atleta" da santidade, que consegue fazer uns exercícios inexecutáveis para as pessoas normais. Quer dizer, pelo contrário, que na vida de um homem se revela a presença de Deus, e se torna mais patente tudo aquilo que o homem não é capaz de fazer por si mesmo. No fundo, talvez se trate de uma questão terminológica, porque o adjetivo "heróico" foi com frequência mal interpretado. Virtude heróica não significa propriamente que alguém faz coisas grandes por suas forças pessoais, mas que na sua vida aparecem realidades que não foi ele quem fez, porque ele só esteve disponível para deixar que Deus actuasse. Noutras palavras, ser santo não é senão falar com Deus como um amigo fala com o amigo. Isto é a santidade.

Ser santo não significa ser superior aos outros; pelo contrário, o santo pode ser muito fraco e cometer muitos erros na sua vida. A santidade é o contacto profundo com Deus: é fazer-se amigo de Deus, deixar que o Outro trabalhe, o Único que pode realmente fazer com que este mundo seja bom e feliz. [...] Verdadeiramente, todos somos capazes, todos somos chamados a abrir-nos a essa amizade com Deus, a não nos soltarmos da sua mão, a não nos cansarmos de voltar uma vez e outra para o Senhor, falando com Ele como se fala com um amigo e sabendo, com toda a certeza, que o Senhor é o verdadeiro amigo de todos, também dos que não são capazes de fazer por si mesmos coisas grandes. [62]

Martírio

Se deixa de existir algo por que valha a pena morrer, também a vida se torna vazia. Só se existe o bem absoluto, pelo qual vale a pena morrer, e o mal eterno, que nunca se converte em bem, só então o homem é confirmado na sua dignidade e estamos protegidos da ditadura das ideologias. [63]

Alegria

"Alegrai-vos, mais uma vez vos digo: alegrai-vos" (cfr. Fil 4, 4). A alegria é fundamental no cristianismo, que é por essência *evangelium*, "boa nova". No entanto, é neste ponto que o mundo se engana quando abandona a Igreja em nome da alegria, pretendendo que, com todos os seus preceitos e proibições, o cristianismo a arranca ao homem.

Não há dúvida de que a alegria de Cristo não é tão fácil de enxergar como o prazer banal que nasce de qualquer diversão. Mas seria falso traduzir as palavras *Alegrai-vos no Senhor* por estas outras: "Alegrai-vos, mas no Senhor", como se na segunda frase se quisesse recortar o que se afirmou na primeira. Significa simplesmente "alegrai-vos no Senhor", já que o Apóstolo evidentemente crê que toda a verdadeira alegria está no Senhor, e que fora d'Ele não pode haver nenhuma.

Com efeito, não há dúvida de que toda a alegria que se dá fora de Deus ou contra Ele não satisfaz, mas, pelo contrário, arrasta o homem para um redemoinho no qual não consegue experimentar um verdadeiro contentamento. Por isso, com essa expressão o Apóstolo informa-nos que a verdadeira alegria não chegará enquanto Cristo não a trouxer, e que aquilo que interessa na nossa vida é aprender a ver e compreender Cristo, o Deus da graça, a luz e a alegria do mundo. Pois a nossa alegria não será autêntica enquanto não deixar de se apoiar em coisas que possam ser arrebatadas das nossas mãos e destruídas, enquanto não encontrar um firme apoio na mais íntima profundidade da nossa existência, que não nos pode ser arrebatada por força alguma deste mundo. E toda a perda externa deveria fazer-nos avançar um passo para essa intimidade e tornar-nos mais amadurecidos para a nossa vida autêntica. [64]

Alegrar-se com a fé

A fé dá alegria. Se Deus não está presente, o mundo desertifica-se e tudo se torna aborrecido, tudo é completamente insuficiente. Hoje, vê-se bem como um mundo sem Deus se desgasta cada vez mais, como se tornou um mundo sem nenhuma alegria. A grande alegria vem do facto de existir o grande amor, e é essa a afirmação essencial da fé. Você é alguém

indefectivelmente amado. Foi por isso que o cristianismo encontrou a sua primeira expansão sobretudo entre os fracos e os que sofriam.

É claro que agora se pode interpretar isso num sentido marxista, e dizer que na época o cristianismo representou apenas uma consolação, quando devia ter sido uma revolução. Mas penso que, de certa forma, já ultrapassámos essas fórmulas. O cristianismo estabeleceu novas relações entre senhores e escravos, de modo que já São Paulo podia dizer a um senhor: "Não faças mal ao teu escravo porque ele se tornou teu irmão" (cfr. Filémon).

Pode-se dizer que o elemento fundamental do cristianismo é a alegria. Não me refiro à alegria no sentido de um divertimento qualquer, que pode ter o desespero como pano de fundo; como sabemos, muitas vezes o divertimento é a máscara do desespero. Refiro-me à verdadeira alegria. É uma alegria que está presente numa existência difícil e torna possível que essa existência seja vivida. A história de Cristo começa, segundo o Evangelho, com o Anjo que diz a Maria: "Alegra-te!" Na noite do Natal, os anjos dizem outra vez: "Eis que vos anunciamos uma grande alegria". E Jesus diz: "Anuncio-vos a Boa Nova". Portanto, o núcleo de que aqui se trata é sempre: "Anuncio-vos uma grande alegria. Deus está presente, sois amados, e isso está estabelecido para sempre". [65]

Alegria e confiança

Uma observação que sempre faço é que a alegria genuína se tornou mais rara. A alegria está hoje, por assim dizer, cada vez mais sobrecarregada de hipotecas morais e ideológicas. Quando uma pessoa se alegra, até tem medo de faltar à solidariedade com os muitos que sofrem. Pensa-se: Na realidade, nem posso alegrar-me num mundo em que existe tanta miséria, tanta injustiça.

Posso compreender isso. Estamos perante uma atitude também moral. Contudo, essa atitude é um erro. Porque o mundo não se torna melhor graças à perda da alegria: e, pelo contrário, o "não se alegrar" por causa do

sofrimento também não ajuda os que sofrem. Mas, por outro lado, o mundo precisa de pessoas que descubram o bem, que se alegrem por causa dele e que, desse modo, encontrem a energia e a coragem para o bem. A alegria, portanto, não exclui a solidariedade. Quando é correcta, quando não é egoísta, quando vem da percepção do bem, então também quer comunicar-se e se perpetua. O que volta sempre a chamar-me a atenção é que se encontram, nos bairros pobres, por exemplo, na América do Sul, muito mais pessoas rindo, alegres, do que entre nós. Manifestamente, apesar de destituídas de tudo, ainda têm a percepção do bem, que as orienta como força inspiradora.

Nessa medida, precisamos outra vez dessa confiança originária, que, em última análise, só a fé pode dar: [a confiança de saber] que, no fundo, o mundo é bom, que Deus está presente e é bom, que é bom viver e ser humano. Daí vem também a coragem para a alegria, que, por sua vez, leva a que outros se alegrem e possam receber a Boa Nova. [66]

Nossa Senhora

Nossa Senhora, a Encarnação e as mulheres

Alguém poderia objetar que esta [a igreja de Santa Maria Maior, em Roma] não é uma igreja dedicada à Natividade, e, portanto, uma igreja dedicada a Cristo, mas sim um templo mariano, a primeira igreja dedicada a Maria em Roma e em todo o Ocidente. Essa objeção indicaria, porém, que quem a formula não entendeu precisamente aquilo que é essencial, tanto na piedade mariana da Igreja como no mistério do Natal.

O Natal tem na estrutura interna da fé cristã, um significado muito particular. Não o celebramos da mesma maneira como se recordam os dias em que nasceram os grandes homens, porque a nossa relação com Cristo é também muito diferente da admiração que experimentamos diante dos grandes homens. O que interessa neles é a sua obra: os pensamentos que pensaram e deixaram escritos, a arte que criaram e as instituições que nos

legaram. Essa obra pertence-lhes, não procede das suas mães, pelas quais só nos interessamos na medida em que podem fornecer-nos algum elemento que contribua para explicar a obra mencionada.

Mas Cristo não conta para nós apenas pela sua obra, pelo que fez, mas sobretudo pelo que era e pelo que é, na totalidade da sua pessoa. Conta para nós de uma maneira distinta da de qualquer outro homem, porque Ele não é simplesmente um homem. Conta porque n'Ele a terra e o céu se tocam, e assim Deus se faz n'Ele tangível para nós como homem. Os Padres da Igreja denominaram Maria a terra santa da qual Ele foi formado enquanto homem; e o que é mais maravilhoso é que, em Cristo, Deus permanece para sempre unido a esta terra. Agostinho expressou certa vez este mesmo pensamento da seguinte forma: Cristo não quis um pai humano para manter visível a sua filiação com respeito a Deus, mas quis uma Mãe humana. "Quis receber em si o género masculino, e dignou-se honrar o feminino na sua Mãe... Se Cristo homem tivesse aparecido sem enaltecer o género das mulheres, estas teriam que desesperar de si... Mas Ele honrou os dois, enalteceu os dois, assumiu os dois. Nasceu de mulher. Não desespereis, homens: Cristo dignou-se ser homem. Não desespereis, mulheres: Cristo dignou-se nascer da mulher. Ambos os géneros colaboram para a salvação, quer se trate do masculino, quer do feminino: na fé, não há homem nem mulher".

Digamo-lo de novo de outra maneira: no drama da salvação, não é que Maria tenha tido que desempenhar um papel para depois calar-se, como alguém cuja fala terminou. A Encarnação a partir da mulher não é um papel que se tenha encerrado depois de um breve tempo, mas a estada permanente de Deus na terra, com o ser humano, connosco, que somos terra. Daí que a festa do Natal seja ao mesmo tempo uma festa de Maria e uma festa de Cristo, e é por isso que uma autêntica igreja dedicada ao Natal deve ser um templo mariano. [67]

**Nossa Senhora,
Mãe que cura**

Esta antiquíssima e misteriosa imagem a que os romanos chamam *Salus populi Romani* [salvação ou saúde do povo romano] é, segundo a tradição, a imagem que Gregório Magno levou em procissão pelas ruas de Roma no ano de 590, num momento em que a peste devastava a cidade. Quando terminou a procissão, cessou também a epidemia; Roma recobrou a saúde. O nome desta imagem quer dizer-nos: neste nome pode Roma, neste nome podem os homens curar-se continuamente.

Desta figura ao mesmo tempo juvenil e venerável, dos seus olhos sábios e bondosos, olha-nos a bondade maternal de Deus. "Como alguém que é consolado pela sua mãe, assim eu vos consolarei", diz-nos Deus através do profeta Isaías (66, 13). O consolo maternal revela-nos plenamente Deus, sobretudo através das mães, através da sua Mãe. E quem poderia estranhá-lo?

Diante desta imagem, desaparece de nós a fatuidade, diluem-se as crispções da nossa soberba, o medo diante dos nossos sentimentos e tudo aquilo que nos faz adoecer por dentro. A depressão e o desespero nascem de que o âmbito dos nossos sentimentos está desordenado ou entrou em colapso. Já não vemos o que há de cálido, de consolador, de bom e salvador no mundo - coisas que somente podemos perceber com o coração -. Na frieza de um conhecimento que foi privado das suas raízes, o mundo torna-se puro desespero. Daí que a aceitação desta imagem cure. Devolve-nos ao chão da fé e da condição humana, sempre que aceitemos a partir de dentro a sua linguagem, sempre que não nos fechemos a ela. [...] Esta imagem [.-.] ajuda-nos assim a desligar a fé do esforço da vontade e do entendimento e a situá-la novamente na totalidade do nosso ser. [...] Podemos abrir-nos de novo à proximidade da nossa Mãe sem medo de falsos sentimentalismos. [68]

O futuro da Igreja

Minoria?

Há muitos anos, o senhor falava em termos proféticos sobre a Igreja do futuro: a Igreja - dizia então - reduzir-se-á nas suas dimensões, e será preciso começar novamente. Mas desta prova sairá uma Igreja que terá obtido uma grande força do processo de simplificação pelo qual terá passado, da sua renovada capacidade de olhar para dentro de si mesma. Qual é a perspectiva que nos espera na Europa?

Para começar, a Igreja "reduzir-se-á numericamente". Quando fiz esta afirmação, choveram-me de toda a parte censuras de pessimismo. Hoje, quando todas as proibições parecem ter caído em desuso, entre elas as que dizem respeito ao que se vem chamando pessimismo - o qual, com frequência, não passa de um sadio realismo -, cada vez são mais os que admitem que a percentagem dos cristãos baptizados na Europa vem diminuindo: numa cidade como Magdeburgo, é de apenas 8% da população total, incluindo-se aí todas as confissões cristãs. Os dados estatísticos mostram tendências irrefutáveis. Neste sentido, reduz-se a possibilidade de identificação entre povo e Igreja em determinadas áreas culturais. Devemos tomar nota disto com simplicidade e realismo.

A Igreja de massas pode ser algo muito bonito, mas não é necessariamente a única modalidade do ser Igreja. A Igreja dos primeiros três séculos era pequena, sem que por isso fosse uma comunidade sectária. Pelo contrário, não estava fechada sobre si mesma, mas sentia uma grande responsabilidade pelos pobres, pelos doentes, por todos. No seu seio encontravam abrigo todos aqueles que se nutriam de uma fé monoteísta e estavam à busca de uma promessa. Essa consciência de não ser um clube fechado, mas de estar aberta à comunidade no seu conjunto, sempre foi um componente intrínseco da Igreja [...].

Devemos tomar nota da diminuição das nossas fileiras, mas devemos continuar igualmente a ser uma Igreja aberta. A Igreja não pode ser um grupo fechado, auto-suficiente. Devemos, sobretudo, ser missionários, no sentido de voltar a propor à sociedade aqueles valores que são os fundamentos da forma legal que a sociedade deu a si mesma, e que estão na base da própria possibilidade de construir qualquer comunidade social verdadeiramente humana. A Igreja continuará a propor os grandes valores

humanos universais. Porque, se o Direito deixa de ter fundamentos morais compartilhados por todos, desmorona também como Direito. Deste ponto de vista, a Igreja tem uma responsabilidade universal. Responsabilidade missionária significa precisamente, como diz o Papa, empreender verdadeiramente uma nova evangelização. Não podemos aceitar tranquilamente que o resto da Humanidade volte a precipitar-se no paganismo; devemos encontrar o caminho para levar o Evangelho também aos não-crentes. A Igreja deve recorrer a toda a sua criatividade para fazer com que não se apague a força viva do Evangelho. [69]

Perigo e esperança

Qual é, a seu parecer, o grande perigo e a grande esperança da Igreja, hoje?

Acredito que o maior perigo está em que nos convertamos numa organização social que não esteja fundada na fé do Senhor. À primeira vista, poderia parecer que só importa o que estamos fazendo e que a fé não é tão importante. Mas se a fé desaparece, todas as outras coisas, como vimos, decompõem--se. Penso que existe o perigo, com todas estas actividades e perspectivas externas, de subestimar a importância da fé e de perdê-la, de começar a viver numa Igreja em que a fé não seja importante.

E existe a grande esperança de que veremos uma nova presença do Senhor. Já vimos que a sua presença sacramental na Eucaristia é um dom para todos nós e permite-nos amar os outros e trabalhar pelos outros. Penso que a nova presença da Eucaristia e o novo amor por Cristo, o próprio Cristo presente na Eucaristia, é o elemento mais alentador do nosso tempo. [70]

Perspectivas

Que mudanças sofrerá a Igreja?

Penso que devemos ser muito cautelosos à hora de fazer previsões, porque o desenvolvimento histórico sempre traz muitas surpresas. A futurologia fracassa com frequência. Ninguém se arriscava, por exemplo, a prever a queda dos regimes comunistas. A sociedade mundial sofrerá profundas mudanças, mas por enquanto não temos condições de prever que consequências terá a diminuição numérica do mundo ocidental, que ainda é o dominante, qual será a nova cara da Europa transformada pelas correntes migratórias, que civilização e que formas sociais hão de impôr-se. Seja como for, o que é claro é que a Igreja ocidental se sustentará sobre um potencial diverso.

O que conta mais, na minha opinião, é "essencializar", para usar uma expressão de Romano Guardini. É necessário evitar a elaboração de pré-construções fantásticas de algo que se poderá revelar muito diferente e que não podemos pré-fabricar nos meandros do nosso cérebro, para concentrar-se, pelo contrário, no essencial, que depois poderá encontrar novos modos de encarnar-se. É importante um processo de simplificação que nos permita distinguir o que constitui a viga-mestra da nossa doutrina, da nossa fé, o que nela tem valor perene. É importante voltar a propor as grandes constantes de fundo nos seus componentes fundamentais: as questões sobre Deus, a esperança, a vida, sobretudo o que eticamente tem um valor básico. [71]

Escândalos

Eminência [...]: devo dizer-lhe, honestamente, que os últimos dias foram como uma prova de fé para mim e para alguns dos meus colegas [refere-se à campanha contra a Igreja por causa dos padres pedófilos nos Estados Unidos]. Como enfrentar a tentação da desesperança que às vezes experimentamos [...]?

Penso que temos de nos lembrar de Nosso Senhor, que nos disse: "No campo da Igreja não haverá só trigo, mas também palha; dos mares do mundo, tirareis não somente peixes, mas também coisas inaceitáveis". Portanto, o Senhor anuncia-nos uma Igreja em que existirão escândalos e pecadores. Devemos lembrar-nos de que São Pedro, o primeiro dos

Apóstolos, foi um grande pecador, e apesar disso o Senhor quis que esse Pedro pecador fosse a rocha da Igreja. Com isso, indicou-nos que não esperássemos que todos os Papas fossem grandes santos: temos de aceitar que alguns deles sejam pecadores.

[Cristo] anuncia-nos que no campo da Igreja haverá muita palha. A situação actual não nos surpreende se considerarmos a História da Igreja. Houve épocas que foram pelo menos tão complicadas como a nossa, com escândalos, coisas ruins, etc. Basta pensar no século IX, no X, no Renascimento... Contemplando, pois, as palavras do Senhor aplicadas à História da Igreja, poderemos relativizar os escândalos de hoje.

Sofremos. Temos que sofrer porque os escândalos fazem sofrer muita gente, e agora penso nas vítimas. Certamente, temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para evitar que essas coisas aconteçam no futuro, mas, por outro lado, sabemos que o Senhor - e esta é a essência da Igreja - se sentava à mesa com pecadores. Esta é a própria definição da Igreja: que o Senhor se sinta à mesa com pecadores. Portanto, não podemos surpreender-nos [de que haja pecados]. Não podemos cair na desesperança. Pelo contrário, o Senhor disse-nos: "*Não estou aqui só para os justos, mas sim para os pecadores*". Temos que estar certos de que o Senhor, verdadeiramente, e também hoje em dia, procura os pecadores para os salvar.

Durante os dois últimos anos, muitos diagnosticaram uma crise de abusos sexuais que estariam infestando a Igreja nos Estados Unidos. [...] O senhor, eu sei, acompanhou bastante essa crise, tratando de fechar as feridas. A minha pergunta é: quais pensa que sejam as raízes dessa crise?

Distinguiria talvez dois elementos: um geral e outro específico. O elemento geral é, como já disse, a fraqueza dos seres humanos, incluídos os sacerdotes. As tentações existem também para os padres, e isso sempre será assim. Temos de aceitá-lo e entender que [...] estas coisas podem acontecer.

O segundo ponto é mais específico. Por que é mais comum nestes tempos do que no passado? Penso que um ponto essencial é a debilidade da

fé. Somente se eu me encontrar a sós com o Senhor, se o Senhor estiver presente para mim - não a ideia, mas a Pessoa com quem vivo uma profunda amizade -, se eu o conhecer pessoalmente e estiver todos os dias em contacto com o seu amor, somente então é que a fé se converterá numa realidade para mim. Se for assim, ela passará a ser o chão da minha vida, a mais firme realidade, e não uma simples possibilidade. Se for assim, se eu estiver realmente convicto e em contacto com o amor do Senhor, então Ele me ajudará a vencer as tentações, por mais que pareçam impossíveis de vencer. Se não actualizamos a nossa fé todos os dias, se ela se enfraquece e se converte em algo que não é fundamental na vida, então começam todos esses problemas.

É por todas estas razões que a debilidade da fé e a pouca presença da fé na Igreja são o ponto essencial [das crises]. Parece-me que é um problema que vimos arrastando há quarenta ou cinquenta anos: a noção de que temos de ter ideias comuns com todo o mundo e de que a fé é um assunto muito pessoal, juntamente com a falta de consciência de que é um dom de Deus. A primeira coisa a fazer, neste caso, é voltar a aprender, é reconvertermo-nos a uma fé profunda e educarmo-nos na fé.

Penso também que, nos últimos quarenta ou cinquenta anos, o ensino moral na Igreja não esteve muito claro. Tivemos tantos mestres que ensinavam falsidades e diziam: "Não, isso não é pecado. Isso é comum e, como todos o fazem, está permitido"! Por causa dessas ideias, não tivemos uns ensinamentos morais claros. Acredito que há duas coisas essenciais nesta matéria: a conversão a uma fé profunda, a vida sacramental e de oração, por um lado; e, por outro, um ensino moral e a convicção de que a Igreja tem o Espírito Santo do seu lado.

O que diria aos fiéis nos Estados Unidos que se encontram tão abatidos nestes momentos que não sabem para quem olhar?

Bem, em primeiro lugar o que têm de fazer é olhar para o Senhor. Ele está sempre presente e sempre perto de nós. E olhem também para os santos de todos os tempos. Os humildes, os fiéis estão aí, talvez de maneira não tão evidente porque não aparecem na televisão; mas estão presentes, e é nisso

que a Igreja confia: confia em que todos os fiéis encontrarão esse tipo de pessoas. Assim verão que, com todos os problemas de hoje, a Igreja não desapareceu, continua adiante, especialmente graças a pessoas que não são muito visíveis. Penso, por conseguinte, que o essencial é encontrar o Senhor, ver os santos de todos os tempos e encontrar também os que não estão canonizados, as pessoas singelas que estão no coração da Igreja.[72]

Autoridade na Igreja

A obediência [...], segundo alguns, já não seria nem ao menos uma virtude cristã, mas uma herança de um passado autoritário, dogmático, a ser, portanto, superado.

Com efeito, se a Igreja é a *nossa* Igreja, se a Igreja somos *apenas nós*, se as suas estruturas não são as que Cristo quis, então não se pode mais conceber a existência de uma hierarquia como serviço aos batizados, estabelecida pelo próprio Senhor. Recusa-se o conceito de uma autoridade querida por Deus, de uma autoridade que tem a sua legitimidade em Deus, e não no consenso da maioria dos membros da organização, como acontece nas estruturas políticas.

Mas a Igreja de Cristo não é um partido, não é uma associação nem um clube: a sua estrutura profunda é ineliminável; não é *democrática*, e sim *sacramental*, e portanto *hierárquica*: porque a hierarquia baseada na sucessão apostólica é condição indispensável para obter a força e a realidade dos sacramentos. Aqui, a autoridade não se baseia em votações da maioria; baseia-se na autoridade do próprio Cristo, que quis fazer com que participassem dela homens que fossem os seus representantes até ao seu retorno definitivo. Só se poderá redescobrir a necessidade e a fecundidade católica da Igreja retomando essa visão de obediência à sua legítima hierarquia. [73]

Divisões entre os cristãos

Deus escreve certo por linhas tortas. Mas as linhas permanecem tortas, e isso significa que as divisões estão relacionadas com o pecado humano. O pecado não se torna positivo só porque, se for compreendido como algo que deve ser superado pela conversão e apagado pelo perdão, pode levar a um processo de crescimento. Já Paulo teve de explicar aos Romanos a ambiguidade que nascera do seu ensinamento sobre a graça, segundo a qual, se o pecado conduzia à graça, podia ser aceite tranquilamente (Rom 6, 19). A capacidade divina de tirar coisas boas até dos nossos pecados certamente não significa que o pecado seja bom. E o facto de que Deus pode tirar frutos positivos da divisão não a torna boa em si mesma. [74]

A única apologética

A única, a verdadeira apologia do cristianismo pode reduzir-se a dois argumentos: *os santos* que a Igreja produziu e *a arte* que germinou no seu seio. O Senhor torna-se crível pela magnificência da santidade e da arte, que explodem dentro da comunidade crente, mais que pelas astutas escapatórias que a apologética elaborou para justificar os lados obscuros que abundam, infelizmente, nos acontecimentos humanos da Igreja. Se a Igreja, portanto, deve continuar a converter, a humanizar o mundo, como pode, na sua liturgia, renunciar à beleza, que está unida de modo inseparável ao amor e, ao mesmo tempo, ao esplendor da Ressurreição? Não, os cristãos não devem contentar-se facilmente, devem continuar a fazer da sua Igreja o lar do belo, portanto do verdadeiro, sem o que o mundo se torna o primeiro círculo do inferno. [...]

Um teólogo que não ame a arte, a poesia, a música, a natureza, pode ser perigoso. Essa cegueira e surdez para o belo não são secundárias, reflete-se necessariamente também na sua teologia. [75]

Igreja da Cruz

Jesus fracassou? Com certeza, não teve sucesso no sentido em que o tiveram César ou Alexandre Magno. De um ponto de vista puramente

terreno, inicialmente pareceu que tinha fracassado: morreu, foi abandonado por quase todos e condenado pelas suas palavras. A resposta do povo à sua mensagem não foi adesão, mas crucifixão. Diante de um final assim, teremos de reconhecer que "sucesso" não é um dos nomes de Deus e que não é cristão basear-se em sucessos externos ou em números. Os caminhos de Deus são diferentes dos nossos: o seu sucesso vem pela Cruz e está sempre sob esse sinal.

Se dirigirmos o olhar para trás e observarmos a História, teremos de dizer que o que nos impressiona não é a Igreja daqueles que tiveram sucesso: a Igreja dos Papas senhores do mundo [com poder temporal] ou a Igreja daqueles que tiveram de enfrentar o mundo. A Igreja que nos impressiona e que nos leva a crer é a Igreja dos sofredores, a Igreja que perseverou com fortaleza e nos dá esperança. Ainda hoje essa Igreja é o sinal de que Deus existe e de que o homem não é só um fracasso, mas pode ser salvo. [76]

Poder e amor

A teologia do pequeno [dos humildes] é uma categoria fundamental do ser cristão. Segundo a nossa fé, a grandeza especial de Deus manifesta-se precisamente na ausência de poder. Isto pressupõe que, a longo prazo, a força da História se encontra precisamente nas pessoas *que amam*, numa força, portanto, que não se pode medir de acordo com categorias de poder. Assim, Deus revelou-se deliberadamente, para mostrar quem Ele é, na impotência de Nazaré e do Gólgota. O maior não é, pois, aquele que mais pode destruir -para o mundo, o potencial de destruição é ainda a verdadeira demonstração de poder -; pelo contrário, a menor força de amor já é maior do que o maior potencial de destruição. [77]

Fé e razão

Fé e filosofia

A fé precisa realmente da filosofia, ou a fé -que, em palavras de Santo Ambrósio, foi confiada a pescadores e não a dialéticos - é completamente independente da existência ou inexistência de uma filosofia aberta em relação a ela? Se se contempla a filosofia apenas como uma disciplina académica entre outras, então a fé é de facto independente dela. Mas o Papa [João Paulo II] entende a filosofia num sentido muito mais amplo e mais conforme com a sua origem. A filosofia pergunta-se se o homem pode conhecer a verdade, as verdades fundamentais sobre si mesmo, sobre a sua origem e o seu futuro, ou se vive numa penumbra que não é possível esclarecer e tem de recluir-se, em última análise, no âmbito da utilidade.

A característica própria da fé cristã no mundo das religiões é que afirma dizer-nos a verdade sobre Deus, o mundo e o homem, e que pretende ser a *religio vera*, a religião da verdade. [...] Mas isto significa o seguinte: a questão da verdade é a questão essencial da fé cristã, e, neste sentido, a fé tem inevitavelmente a ver com a filosofia. [78]

Razão e questões últimas

Queria concluir com a menção de um comentário à Encíclica [*Fides et ratio*] [79] publicado no semanário alemão *Die Zeit*, cuja tendência é antes distanciar-se das posições da Igreja. O comentarista Jan Ross sintetiza com muita precisão o núcleo da Encíclica ao dizer que a destituição da teologia e da metafísica "não somente tornou o pensamento mais livre, mas também mais estreito". Sim, Ross não receia falar de um "embrutecimento por descrença". "Quando a razão se afastou das questões últimas, tornou-se apática e entediante, deixou de ser capaz de lidar com os enigmas vitais do bem e do mal, da morte e da imortalidade". A voz do Papa [João Paulo II] - continua o comentarista - deu ânimo "a muitos homens e a povos inteiros; também soou dura e cortante aos ouvidos de muitos, e até suscitou ódio, mas, se emudecer, far-se-á um terrível silêncio". Com efeito, se se deixa de falar de Deus e do homem, do pecado e da graça, da morte e da vida eterna, todo o grito e todo o ruído que houver será apenas uma tentativa inútil de fazer esquecer o emudecimento daquilo que é próprio do ser humano. [80]

Dúvidas de fé

Os católicos podem ter dúvidas, ou são hipócritas e hereges quando as têm? O que parece estranho nos cristãos é que façam uma distinção entre verdade religiosa e verdade científica. Ocupam-se de Darwin e vão à igreja. É possível tal separação? Só pode haver uma verdade. Ou o mundo foi realmente criado em seis dias ou se desenvolveu em milhões de anos.

Num mundo tão confuso como o nosso, a dúvida voltará sempre, inevitavelmente, a invadir cada pessoa. A dúvida não tem de estar automaticamente ligada a uma negação da fé. Posso confrontar-me seriamente com as questões que me inquietam, e ao mesmo tempo confiar em Deus, no núcleo essencial da fé. Por um lado, posso tentar resolver as contradições aparentes, mas, por outro, apesar de não poder encontrar soluções para tudo, posso confiar em que se venha a resolver o que não é possível solucionar agora. Também na história da teologia volta sempre a haver questões que, de momento, não podem ser resolvidas, mas que não se devem pôr de parte com interpretações forçadas.

Também faz parte da fé a paciência do tempo. O tema a que acabou de referir-se - Darwin, a Criação, a teoria da evolução - é tema de um diálogo que ainda não está concluído e que, no momento, provavelmente não poderá ser concluído com os meios de que dispomos. O problema dos seis dias não se põe com particular agudeza entre a posição da ciência moderna sobre a origem do mundo e a fé. Porque também na Bíblia é claramente um esquema teológico, que não pretende narrar de forma literal a história da Criação.

No próprio Antigo Testamento existem outras representações da Criação". No livro de Jó e nos livros sapienciais, encontramos relatos da Criação que deixam claro que os crentes não pensavam que o processo da Criação estivesse, por assim dizer, representado fotograficamente nesses textos, mesmo na ocasião em que foram escritos. Só está representado na medida em que nos permite apreender o essencial: que o mundo provém do poder de Deus e é criado por Ele. Como se desenvolveram depois os processos concretos é uma questão completamente diferente, em que até a

própria Bíblia deixa uma grande abertura. Por outro lado, penso que a teoria da evolução ainda não ultrapassou, em grande parte, o campo das hipóteses, e que, muitas vezes, está misturada com filosofias quase míticas, sobre as quais ainda tem de haver diálogos críticos. [81]

Perda da fé

O homem não é plasmado apenas do interior para o exterior. Existe também uma linha de força que vai do exterior para o interior: negá-la ou desconsiderá-la seria uma forma de espiritualismo que rapidamente se vingaria. O Sagrado, o Santo, está presente aqui neste mundo, e quando a força educadora das suas manifestações visíveis desaparece, acaba-se caindo num achatamento e num embrutecimento dos homens e do mundo. [82]

Fé e outras religiões

A fé não pode sintonizar com filosofias que excluam a questão da verdade, mas sintoniza, sim, com movimentos que se esforçam por sair do cárcere do relativismo. Da mesma forma, não pode integrar directamente as antigas religiões. No entanto, as religiões podem proporcionar-lhe formas e imagens de diverso tipo, mas sobretudo atitudes, como o respeito, a humildade, a abnegação, a bondade, o amor ao próximo, a esperança na vida eterna. Isto parece-me -seja dito entre parêntesis - ser importante também para a questão do significado salvífico das religiões. Não salvam, por assim dizer, na medida em que são sistemas fechados e pela fidelidade a esses sistemas, mas colaboram com a salvação na medida em que levam os homens a "perguntar-se por Deus" (como diz o Antigo Testamento), a "buscar o seu rosto", a "buscar o Reino de Deus e a sua justiça". [83]

Fé adulta

Não devemos permanecer crianças na fé, em estado de menoridade. E em que é que consiste ser crianças na fé? Responde São Paulo: significa ser

batidos pelas ondas elevados ao sabor de qualquer vento de doutrina... (Ef 4, 14). Uma descrição muito actual! Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decénios, quantas correntes ideológicas, quantos modos de pensar!... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi não raro agitada por essas ondas, lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até ao ponto de chegar à libertinagem; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo, e por aí adiante.

Todos os dias nascem novas seitas e cumpre-se assim o que São Paulo disse sobre o engano dos homens, sobre a astúcia que tende a induzir ao erro (cfr. Ef 4, 14). Ter uma fé clara segundo o Credo da Igreja cataloga-se frequentemente como fundamentalismo, ao passo que o relativismo, isto é, o deixar-se levar *ao sabor do qualquer vento de doutrina*, aparece como a única atitude à altura dos tempos actuais. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que usa como critério último apenas o próprio "eu" e os seus apetites.

Nós, pelo contrário, temos outro critério: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É Ele a medida do verdadeiro humanismo. Não é "adulta" uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é antes uma fé profundamente enraizada na amizade com Cristo. É essa amizade que se abre a tudo aquilo que é bom e que nos dá o critério para discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre o engano e a verdade.

Devemos deixar amadurecer essa fé adulta. Para essa fé devemos guiar o rebanho de Cristo. E é essa fé - e somente essa fé - que cria unidade e se realiza na caridade. Em contraste com as contínuas peripécias daqueles que são como crianças batidas pelas ondas. São Paulo oferece-nos a este propósito uma bela palavra: *praticar a verdade na caridade*, como fórmula fundamental da existência cristã. Em Cristo, verdade e caridade coincidem. Na medida em que nos aproximamos de Cristo, também na nossa vida a verdade e a caridade se fundem. A caridade sem a verdade seria cega; a verdade sem a caridade seria como *um címbalo que tine* (1 Cor 13, 1).[84]

Verdade e relativismo

Relativismo

O relativismo converteu-se no problema central da fé na hora actual.

Sem dúvida, já não se apresenta apenas com a sua veste de renúncia resignada ante a imensidão da verdade, mas também como uma posição definida positivamente pelos conceitos de tolerância, conhecimento dialógico e liberdade, conceitos que ficariam limitados se se afirmasse a existência de uma verdade válida para todos.

Por sua vez, apresenta-se como fundamento filosófico da democracia. Esta se edificaria sobre a base de que ninguém pode ter a pretensão de conhecer a verdadeira via, e se alimentaria do facto de que todos os caminhos se reconhecem mutuamente como fragmentos do esforço por atingir o que é melhor. Por isso, esses caminhos teriam de buscar no diálogo algum elemento comum e competir entre si quanto às afirmações que não podem integrar-se numa crença comum a todos. Um sistema de liberdades - dizem-nos - deveria, em essência, ser um sistema de posições que se relacionassem entre si como relativas, e além disso dependentes de situações históricas abertas a novos desenvolvimentos. Uma sociedade liberal seria, assim, uma sociedade relativista; só com essa condição poderia permanecer livre e aberta ao futuro. [85]

Relativismo e ética

Prescindir da questão da verdade também liquida a norma ética. Se não sabemos o que é verdade, também não podemos saber o que é bom e muito menos o que é o bem em sentido absoluto. O bem é substituído pelo "melhor", isto é, pelo cálculo das consequências de uma acção. Na realidade, para dizê-lo sem enfeites, isto significa que o bem é posto de lado, favorecendo-se em seu lugar a categoria do "útil". O homem vive, por assim dizer, com os olhos e os ouvidos fechados à mensagem de Deus no

mundo. Mas se compreendermos que a verdade e o bem constituem o coração de toda a cultura, é fácil deduzir as consequências que se seguem da progressiva difusão de semelhante atitude. [86]

Relativismo e liberdade

O relativismo pode parecer positivo, na medida em que convida à tolerância, a reconhecer o valor dos outros, a relativizar-se a si mesmo, a facilitar a convivência entre as culturas. Mas se se transforma num absoluto, converte-se numa contradição, destrói o agir humano e acaba mutilando a razão. Passa-se a considerar aceitável somente o que pode ser calculado ou demonstrado no âmbito das ciências, que se convertem assim na única expressão da racionalidade: o resto seria subjectivo. Se se relegam para a esfera da subjectividade as questões humanas essenciais, as grandes decisões sobre a vida, a família, a morte, a liberdade compartilhada, então já não há critérios. Todo o homem pode e deve agir apenas segundo a sua consciência.

Mas a "consciência" transformou-se, modernamente, numa divinização da subjectividade, ao passo que, para a tradição cristã, é o contrário: a convicção de que o homem é transparente e pode sentir em si mesmo a voz da razão fundante do mundo. É urgente superar esse racionalismo unilateral, que amputa e reduz a razão, e chegar a uma concepção mais ampla dessa mesma razão, que foi criada não apenas para poder "fazer", mas para poder "conhecer" as realidades essenciais da vida humana.

Chego agora ao problema de saber se a tradição cristã é compatível com o conceito de liberdade desenvolvido na modernidade, no laicismo. Penso que é muito importante superar um mal entendido conceito individualista para o qual só existe, como portador da liberdade, o sujeito, o indivíduo. É uma afirmação errada do ponto de vista antropológico, porque o homem é um ser finito, um ser criado para conviver com os outros. Em consequência, a sua liberdade deve ser necessariamente uma liberdade compartilhada, de modo que se garanta a liberdade para todos. Isto implica a renúncia à absolutização do "eu" e a existência do direito comum, da autoridade. É um

grande erro considerar a autoridade como oposta à liberdade. Na realidade, uma autoridade bem definida é a condição da liberdade. [87]

Relativismo e democracia

Muitos opinam que o relativismo constitui um princípio básico da democracia, porque seria essencial a ela que tudo pudesse ser posto em discussão. Na realidade, porém, a democracia vive com base em que existem verdades e valores sagrados que são respeitados por todos. Caso contrário, afunda-se na anarquia e neutraliza-se a si mesma.

Já Alexis de Tocqueville, há aproximadamente cento e cinquenta anos, observava que a democracia só pode subsistir se antes vier precedida de um determinado *ethos*. Os mecanismos democráticos só funcionam se esse *ethos* for, por assim dizer, evidente e indiscutível, e só assim esses mecanismos se convertem em instrumentos da justiça. O princípio da maioria só é tolerável se essa maioria também não estiver autorizada a fazer tudo ao seu arbítrio, pois tanto a maioria como a minoria devem estar unidas no comum respeito por uma justiça que obriga as duas. Há, em consequência, elementos fundamentais prévios à existência do Estado, que não estão sujeitos ao jogo da maioria e da minoria, e que devem ser invioláveis para todos.

A questão é: quem define esses "valores fundamentais"? E quem os protege? Este problema, tal como Tocqueville observou, não se pôs na primeira democracia americana como um problema constitucional porque havia um certo consenso cristão básico - protestante -, absolutamente indiscutido e que era considerado óbvio. Esse princípio nutria-se da convicção comum dos cidadãos, convicção que estava acima de toda a polémica. Mas que acontece se já não existem essas convicções? Será possível, por decisão da maioria, declarar justo algo que até ontem era considerado injusto, e vice-versa? No século terceiro, Orígenes comentou a este respeito: se no país dos citas a injustiça se convertesse em lei, então os cristãos que vivem ali deveriam agir contra a lei. Não é difícil traduzir isto para o século XX: quando, durante o governo do nacional-socialismo, se

declarou que a injustiça era lei, um cristão estava obrigado a agir contra a lei. "Deve-se obedecer a Deus antes que aos homens" (At 5, 29). Mas como incorporar este factor ao conceito de democracia?

É evidente que uma constituição democrática deve tutelar, na sua qualidade de fundamento, os valores provenientes da fé cristã, declarando-os invioláveis precisamente em nome da liberdade. Semelhante custódia por parte do direito só subsistirá, como é manifesto, se estiver respaldada pela convicção de um grande número de cidadãos. Esta é a razão pela qual é de suprema importância para a preparação e a conservação da democracia preservar e aprofundar as convicções morais fundamentais, sem as quais ela não poderá subsistir. Estamos diante de um enorme trabalho de educação, ao qual devem dedicar-se os cristãos de hoje. [88]

Maioria e valores

É importante ter consciência de que a maioria, enquanto maioria, não exprime necessariamente os valores fundamentais. Pensemos, por exemplo, no consenso universal que se formou nos começos da era moderna quanto à escravidão dos africanos: uma época inteira pode estar cega com relação aos valores fundamentais. O critério da maioria nunca é suficiente para definir um valor moral.

O problema moral fundamental, tal como a Sagrada Escritura o propõe e o formulamos no Pai-Nosso, é cumprir a vontade de Deus. Mas conhecer esta vontade, vê-la na sua profundidade, só é possível com um olhar amplo que abranja toda a evolução histórica, porque nascem novos problemas a que só podemos responder, com uma consciência mais plena da vontade de Deus, se conhecermos a realidade e se tivermos em conta as experiências concretas da fé. Pensemos nos três grandes desafios da época actual - a ética política, a ética económica e a bioética -, e veremos que, por um lado, precisamos conhecer a matéria, os problemas como tais em toda a sua complexidade; e, por outro, necessitamos do senso moral que traduz a vontade de Deus [...] em normas concretas. É aqui que se dá o diálogo da

fé, a busca comum para entender a vontade de Deus num contexto determinado. [89]

As doutrinas do relativismo

A "cultura única"

Aqui chegamos ao ponto central da discussão da fé cristã com determinado tipo de cultura moderna, que gostaria de ser considerada como a cultura moderna sem mais, mas que, felizmente, é apenas uma variedade desta. Isto fica muito claro, por exemplo, na crítica que o filósofo italiano Paolo Flores d'Arcais fez à Encíclica [*Fides et ratio*].

Como a Encíclica insiste na necessidade da questão da verdade, comenta esse pensador que "a cultura católica oficial (isto é, a Encíclica) já não tem nada que dizer à cultura «enquanto cultura»...". Mas isso significa também que a pergunta pela verdade estaria fora da cultura "enquanto cultura". Nesse caso, porém, essa tal cultura "enquanto cultura" não seria antes uma anticultura? E não seria a sua presunção de ser "a cultura sem mais" uma presunção arrogante e que despreza o ser humano?

Fica evidente que é exatamente disso que se trata quando Flores d'Arcais acusa a Encíclica de ter consequências mortíferas para a democracia e identifica o seu ensinamento com o tipo "fundamentalista" do Islão. Argumenta remetendo para o facto de o Papa ter qualificado como carentes de validade autenticamente jurídica as leis que permitem o aborto e a eutanásia: quem se opusesse dessa forma a um Parlamento eleito e tentasse exercer o poder secular com uma máscara eclesial, mostraria que o selo do dogmatismo católico permaneceria essencialmente estampado no seu pensamento.

Semelhantes afirmações pressupõem que não pode haver nenhuma instância acima das decisões da maioria. A maioria conjuntural converte-se num absoluto. Porque, de facto, volta-se a cair num absoluto, algo inapelável. Estamos expostos ao domínio do positivismo e à absolutização do conjuntural, do manipulável. Se o homem se coloca fora da verdade, necessariamente passa a estar submetido ao conjuntural, ao arbitrário. Por

isso, não é "fundamentalismo", e sim um dever de humanidade proteger o homem contra a ditadura do conjuntural convertido em absoluto e devolver-lhe a sua dignidade, que consiste justamente em que nenhuma instância humana pode dominá-lo porque está aberto à própria verdade. Precisamente pela sua insistência na capacidade do homem para a verdade, a Encíclica é uma apologia sumamente necessária da grandeza do homem contra tudo o que pretende apresentar-se como a cultura *tout court*. [90]

Relativismo, anarquia e totalitarismo

A ciência codificou uma nova percepção da realidade: só se considera objetivamente fundamentado o que pode ser demonstrado como num laboratório. Quanto ao resto - Deus, a moral, a vida eterna -, foi transferido para o reino da subjectividade. Além disso, pensar que possa existir uma verdade acessível a todos no âmbito religioso implicaria uma certa intolerância. O relativismo converte-se assim na virtude da democracia.

É precisamente o contexto cultural que acabamos de descrever que representa a nossa maior dificuldade à hora de anunciar o Evangelho. Mas os limites do subjectivismo estão à vista: aceitar incondicionalmente o relativismo, tanto no âmbito da religião como no que diz respeito às questões morais, conduz à destruição da sociedade. O aumento progressivo do racionalismo leva à destruição da própria razão, instaurando-se a anarquia, pois na medida em que cada indivíduo se converte numa ilha de incomunicabilidade, as regras fundamentais da convivência desaparecem. Se compete às maiorias definir as regras morais, uma maioria poderá impor amanhã regras contrárias às de ontem. Já vivemos a experiência do totalitarismo, em que é o poder público que fixa autoritariamente as regras morais. Desta forma, o relativismo total desemboca na anarquia ou no totalitarismo. [91]

Verdade e arrogância

Não seria uma arrogância falar de verdade em matéria de religião e chegar a afirmar que se encontrou na própria religião a verdade, a única verdade? [...] Hoje converteu-se num slogan de enorme repercussão rejeitar como simultaneamente simplistas e arrogantes todos aqueles a quem se pode acusar de crer que "possuem" a verdade.

Essas pessoas - dizem-nos -, ao que parece, não são capazes de dialogar e por conseguinte não podem ser levadas a sério, pois ninguém "possui" a verdade; só podemos "buscar" a verdade. Mas é preciso objectar a esta última frase: que busca é essa que nunca pode chegar à meta? Será que realmente busca, ou antes não quer encontrar a verdade, porque o que vai encontrar não deve existir? Naturalmente, a verdade não pode consistir numa posse; diante dela, devo sempre ter uma atitude de humilde aceitação, [...] recebendo o conhecimento como um presente do qual não sou digno, do qual não posso vangloriar-me como se fosse uma descoberta minha. Se me foi concedida a verdade, devo considerá-la como uma responsabilidade, o que significa também um serviço aos outros. [...]

Mas não será antes uma arrogância dizer que Deus não nos pode dar o presente da verdade? Não será desprezar a Deus afirmar que nascemos cegos e que a verdade não se coaduna connosco? [..] A verdadeira arrogância consiste em querer ocupar o posto de Deus e querer determinar quem somos, que fazemos, que queremos fazer de nós e do mundo. [...]

A única coisa que podemos fazer é reconhecer com humildade que somos mensageiros indignos que não se anunciam a si mesmos, mas que falam com santa timidez daquilo que não lhes pertence, mas provém de Deus. Só assim se torna inteligível a tarefa missionária, que não significa um colonialismo espiritual, uma submissão dos outros à minha cultura e às minhas ideias. A missão exige, em primeiro lugar, uma preparação para o martírio, a disposição de perder-se a si mesmo por amor à verdade e ao próximo. Só assim a missão merece crédito. A verdade não pode nem deve ter nenhuma outra arma que não ela mesma. [92]

Pragmatismo e historicismo

Num livro de sucesso publicado nos anos quarenta, *Cartas do diabo ao seu sobrinho*, o escritor e filósofo CS. Lewis mostrou magnificamente como não é moderno perguntar pela verdade. O livro compõe-se de cartas fictícias de um demónio superior, Screwtape, que dá lições a um principiante na arte de seduzir o homem [...]. O demónio pequeno tinha manifestado aos seus superiores a preocupação de que justamente os homens mais inteligentes poderiam ler os livros dos sábios antigos e descobrir assim os rudimentos da verdade. Screwtape tranquiliza-o esclarecendo que os espíritos infernais felizmente conseguiram persuadir os eruditos do mundo ocidental a aderir ao "ponto de vista histórico", o que significa que "a única questão que com certeza nunca levantarão é a relativa à verdade do que leram; em vez disso, perguntar-se-ão sobre as repercussões e as influências recíprocas, sobre a evolução do escritor estudado, sobre a história da sua autoridade e outras coisas desse tipo".

Josef Pieper, que reproduz essa passagem de CS. Lewis no seu tratado sobre a interpretação, assinala a esse respeito que as edições de um Platão ou de um Dante, por exemplo, nos países dominados pelo comunismo, antepunham ao texto uma introdução que pretendia proporcionar ao leitor uma compreensão histórica e assim excluir a questão da verdade. Uma cientificidade exercida dessa forma torna os espíritos imunes à verdade. A questão de saber se o que foi dito pelo autor é ou não verdadeiro, e em que medida, seria uma questão "não-científica"; tirar-nos-ia do campo do demonstrável e do verificável e nos faria recair na ingenuidade do mundo pré-crítico. Deste modo, neutraliza-se também a leitura da Bíblia: podemos explicar quando e em que circunstâncias surgiu determinado texto, e assim conseguimos classificá-lo dentro do "histórico", que no fim de contas não nos afecta.

Por trás desse modo de interpretação histórico há uma filosofia, uma atitude apriorística ante a realidade, que nos diz: não faz sentido perguntar sobre o que é, só podemos perguntar-nos sobre o que podemos fazer com as coisas. A questão não é a verdade, mas a práxis, o domínio das coisas para

nosso proveito. Diante dessa redução aparentemente iluminadora do pensamento humano, surge sem mais a pergunta: e o que é realmente o que nos traz proveito? E para que nos aproveita? Aliás, para que é que nós mesmos existimos?

O observador profundo verá nessa atitude fundamental moderna uma falsa humildade e, ao mesmo tempo, uma falsa soberba: falsa humildade, porque nega ao homem a capacidade de conhecer a verdade; e falsa soberba, porque esse homem se situa acima das coisas, acima da própria verdade, e - na medida em que erige como meta do seu pensamento a ampliação do seu poder - acima da realidade.

O que em Lewis aparece sob a forma de ironia, podemos encontrá-lo hoje apresentado 'cientificamente' na crítica literária. Nela descarta-se abertamente a questão da verdade como não-científica. O exegeta alemão Mário Reiser chamou a atenção para uma passagem de Umberto Eco no seu best-seller *O nome da rosa*, em que diz: "A única verdade consiste em aprender a libertar-se da paixão doentia pela verdade". [93]

O "giro linguístico"

O fundamento para a renúncia inequívoca à verdade estriba no que hoje se denomina o "giro linguístico": não se poderia remontar para além da linguagem e das suas representações, a razão estaria condicionada pela linguagem e vinculada à linguagem. Já em 1901 F. Mauthner cunhou a seguinte frase: "O que se denomina pensamento é pura linguagem". M. Reiser comenta, neste contexto, o abandono da convicção de que com meios linguísticos se pode ascender ao que é supralingüístico. O relevante exegeta protestante U. Luz afirma [...] que a crítica histórica abdicou na Idade Moderna da questão da verdade, e considera-se obrigado a aceitar e reconhecer como correcta essa capitulação: agora já não haveria uma verdade a buscar para além do texto, mas apenas posições sobre a verdade que concorreriam entre si, ofertas de verdade que seria preciso defender com um discurso público no mercado das visões do mundo.

Quem medita sobre semelhantes modos de ver as coisas, perceberá que lhe vem quase que inevitavelmente à memória uma passagem profunda do *Fedro* de Platão. Nela, Sócrates conta a Fedro uma história ouvida dos antigos, que "tinham conhecimento do que é verdadeiro". Certa vez Thot, o "pai das letras" e o "deus do tempo", teria visitado o rei egípcio Thamus, de Tebas. Instruiu o soberano em diversas artes que havia inventado, e especialmente na arte de escrever que tinha concebido. Ponderando o seu próprio invento, disse ao rei: "Este conhecimento, ó rei, tornará os egípcios mais sábios e fortalecerá a sua memória; é o elixir da memória e da sabedoria". Mas o rei não se deixou impressionar. Previu o contrário como consequência do conhecimento da escrita: "Este método produzirá esquecimento nas almas dos que o aprenderem porque descuidarão o exercício da memória, já que agora, fiando-se da escrita externa, recordarão apenas de uma maneira externa, não a partir do seu próprio interior e de si mesmos. Por conseguinte, tu inventaste um meio, não para recordar, mas para perceber, e transmites aos teus aprendizes apenas a representação da sabedoria, não a própria sabedoria. Pois agora são eruditos em muitas coisas, mas sem verdadeira instrução, e assim pensam ser entendidos em mil coisas quando na realidade não entendem nada, e são gente com quem é difícil tratar, pois não são verdadeiros sábios, mas sábios apenas na aparência".

Quem pensa no modo como hoje os programas de televisão do mundo inteiro inundam o homem com informações e o tornam assim "sábio na aparência"; quem pensa nas enormes possibilidades do computador e da Internet, que por exemplo permitem a quem consulta ter imediatamente à sua disposição todos os textos de um Padre da Igreja nos quais aparece uma palavra, sem no entanto ter compreendido o seu pensamento -esse não considerará exageradas as prevenções do rei. Platão não rejeita a escrita enquanto tal, como nós também não rejeitamos as novas possibilidades de informação, antes fazemos delas um uso agradecido; mas dá um sinal de alerta cuja seriedade se comprova diariamente pelas consequências do "giro linguístico", como também por muitas circunstâncias que nos são familiares a todos. H. Schade mostra o núcleo daquilo que Platão tem a dizer-nos hoje quando escreve: "É acerca do predomínio de um mero método filológico e da consequente perda da realidade que Platão nos previne".

Quando a escrita, o escrito, se converte em barreira que oculta o conteúdo, transforma-se numa anti-arte, que não torna o homem mais sábio, mas leva-o a extraviar-se numa sabedoria falsa e doente. Por isso, em face do "giro linguístico", A. Kreiner adverte com razão: "O abandono da convicção de que se pode remeter com meios linguísticos a conteúdos extralinguísticos equivale ao abandono de um discurso que de algum modo ainda estava cheio de sentido". E sobre esta mesma questão o Papa [João Paulo II] comenta na Encíclica [*Fides et ratio*]. "A interpretação desta Palavra (a de Deus) não pode levar-nos de interpretação em interpretação, sem nunca chegarmos a descobrir uma afirmação simplesmente verdadeira". O homem não está aprisionado na sala de espelhos das interpretações; pode e deve buscar o acesso ao real, que está além das palavras e se lhe revela nas palavras e através delas. [94]

Outras religiões

Intolerância religiosa?

Com muita frequência, alguns interpretam o facto de anunciar Cristo como uma ruptura no diálogo com as outras religiões. Como é possível anunciar Cristo e dialogar ao mesmo tempo?

[...] Cristo é totalmente diferente de todos os fundadores de outras religiões, e não pode ser reduzido a um Buda, ou a um Sócrates, ou a um Confúcio. É realmente a ponte entre o céu e a terra, a luz da verdade que se mostrou a todos nós. Mas o dom de conhecer Jesus não significa que não haja fragmentos importantes de verdade em outras religiões. À luz de Cristo, podemos instaurar um diálogo fecundo com um ponto de referência comum, e assim podemos ver como todos esses fragmentos de verdade contribuem para um aprofundamento da nossa própria fé e para uma autêntica comunhão espiritual da humanidade. [95]

Vítima da intolerância

A Igreja declara-se contra a intolerância. Mas não é ela mesma vítima da intolerância?

Com efeito. Houve, por um lado, filosofias de estilo totalitário [que a perseguiram], embora na actualidade o marxismo esteja em crise. Por outro, o racionalismo agnóstico não é tão pacífico como poderia parecer. Alguns consideram a Igreja o último baluarte da intolerância, mas quando combatem essa [pretensa] intolerância, tornam-se eles mesmos intolerantes. E então a intolerância pode converter-se em violência. [96]

Liberdade de opinião?

Não quereria entrar aqui nas complexas discussões dos últimos anos, mas apenas ressaltar um aspecto fundamental para todas as culturas: o respeito pelo que é sagrado para outra pessoa, e particularmente o respeito pelo sagrado no sentido mais alto, por Deus. É lícito supor que deveríamos poder encontrar esse respeito mesmo em quem não está disposto a crer em Deus. Onde se viola esse respeito, perde-se algo essencial na sociedade.

Na sociedade actual, graças a Deus, multa-se todo aquele que desonra a fé de Israel, a sua imagem de Deus, as suas grandes figuras. Multa-se também aquele que vilipendia o Corão e as convicções de fundo do Islão. Mas quando se trata de Cristo e do que é sagrado para os cristãos, a liberdade de opinião aparece como o bem supremo, cuja limitação representaria uma ameaça ou até uma destruição da tolerância e da liberdade em geral. No entanto, a liberdade de opinião tem um limite: não pode destruir a honra e a dignidade do outro; não há liberdade para mentir ou para destruir os direitos humanos.

O Ocidente sente um ódio por si mesmo que é estranho e só pode ser considerado patológico. Tenta, louvavelmente, abrir-se, cheio de compreensão, para valores externos, mas já não se ama a si próprio; só vê da sua História o que é censurável e destrutivo, ao mesmo tempo que não é capaz de perceber o que é grande e puro. A Europa precisa de uma nova

aceitação de si própria - embora certamente crítica e humilde -, se quiser verdadeiramente sobreviver. [97]

Todas as religiões conduzem à salvação?

Ultimamente, vem-se impondo de modo bastante geral esta tese: as religiões são todas caminhos de salvação. Talvez não o caminho ordinário, mas ao menos caminhos "extraordinários" de salvação: por todas as religiões se chegaria à salvação. Isto transformou-se na visão habitual.

Semelhante tese não corresponde apenas à ideia da tolerância e do respeito pelos outros que hoje nos é imposta. Corresponde também à imagem moderna de Deus: Deus não pode rejeitar homem algum apenas porque não conhece o cristianismo e, em consequência, cresceu noutra religião. Aceitará a sua vida religiosa da mesma forma que faz com a nossa.

Embora esta tese - reforçada nos últimos tempos com muitos outros argumentos - seja bastante clara à primeira vista, não deixa de suscitar dúvidas. Pois as religiões particulares não exigem apenas coisas diferentes, mas também coisas opostas. [...] Sendo assim, está-se aceitando como válido que atitudes contraditórias conduzem à mesma meta; em poucas palavras, estamos novamente diante da questão do relativismo. Pressupõe-se subrepticamente que, no fundo, todos os conteúdos são igualmente válidos. O que é que vale realmente, não o sabemos.

Cada um tem de percorrer o seu caminho, ser feliz à sua maneira, como dizia Frederico II da Prússia. Assim, a cavalo das teorias da salvação, o relativismo torna a entrar subrepticamente pela porta traseira: a questão da verdade é separada da questão das religiões e da salvação. A verdade é substituída pela boa intenção; a religião mantém-se no plano subjetivo, porque não se pode conhecer aquilo que é objetivamente bom e verdadeiro. [98]

Todas as religiões são boas?

As religiões (e agora também o agnosticismo e o ateísmo) são consideradas iguais. Mas com certeza isto não é assim. Com efeito, há formas de religião degeneradas e doentias, que não elevam o homem, mas o alienam: a crítica marxista da religião não carecia totalmente de base. Também as religiões nas quais é preciso reconhecer uma grandeza moral, e que estão a caminho da verdade, podem adoecer em certos trechos desse caminho. No hinduísmo (que mais propriamente é um nome coletivo para diversas religiões), há elementos grandiosos, mas também aspectos negativos: por exemplo o entrelaçamento com o sistema de castas, a prática da queima de viúvas - que se formou a partir de representações inicialmente simbólicas -, bem como as aberrações do shaktismo,[99] para mencionar apenas um par de situações. Também o Islão, com toda a grandeza que representa, está continuamente exposto ao perigo de perder o equilíbrio, de dar espaço à violência e deixar que a religião deslize para o ritualismo externo.

E naturalmente há também, como todos nós bem sabemos, formas doentias no cristianismo. Assim aconteceu quando os cruzados, na conquista da cidade santa de Jerusalém, em que Cristo morreu por todos os homens, mergulharam muçulmanos e judeus num banho de sangue. Isto significa que a religião exige discernimento, discernimento em relação às formas das religiões e discernimento no interior da própria religião, conforme o seu próprio nível.

Com o indiferentismo quanto aos conteúdos e às ideias -todas as religiões, embora distintas, seriam iguais -, não se pode ir adiante. O relativismo é perigoso, tanto para a formação do ser humano individualmente como em comunidade. A renúncia à verdade não cura o homem. Não se pode esquecer o enorme mal que se fez na História em nome de opiniões e intenções boas. [100]

Salvação e moral

Quando se fala do significado salvífico das religiões, surpreendentemente se pensa, na maioria das vezes, apenas em que todas possibilitariam a vida eterna, com o que se acaba neutralizando o pensamento da vida eterna, pois todo o mundo chegaria a ela de uma forma ou de outra. Mas assim se rebaixa de maneira inconveniente a questão da salvação.

O céu começa na terra. A salvação no além pressupõe uma vida correspondente no aquém. Não podemos, pois, perguntar-nos apenas quem vai para o céu e desentender-nos simultaneamente da questão do céu. É necessário perguntar o que é o céu e como vem à terra. A salvação do além deve refletir-se numa forma de vida que torne o homem humano no aquém, isto é, neste mundo, e portanto conforme com a vontade de Deus. Isto significa [...] que, na questão da salvação, é preciso olhar para além das próprias religiões, para um horizonte ao qual pertencem as regras de uma vida recta e justa, regras que não podem ser relativizadas arbitrariamente. Eu diria, pois, que a salvação começa com a vida recta e justa do homem neste mundo, que abarca sempre os dois pólos, o do indivíduo e o da comunidade.

Há formas de comportamento que nunca podem servir para tornar recto e justo o homem, e outras que sempre pertencem ao ser recto e justo do homem. Isto significa que a salvação não está nas religiões como tais, mas depende também de até que ponto levam os homens, junto com elas, ao bem, à busca de Deus, da verdade e do bem. Por isso, a questão da salvação traz sempre consigo um elemento de crítica religiosa, embora também possa aliar-se positivamente com as religiões. Em qualquer caso, tem a ver com a unidade do bem, com a unidade do verdadeiro, com a unidade de Deus e do homem. [101]

O caminho da consciência

Não disse que a salvação pode ser atingida por todos os caminhos. O caminho da consciência, [que consiste em] manter o olhar focado na

verdade e no bem objetivo, é o único caminho, embora possa tomar muitas formas por causa do grande número de pessoas e de situações. Mas o bem é um só, e a verdade não se contradiz. O facto de o ser humano não os atingir não relativiza as exigências da verdade e da bondade. Por isso, não basta permanecer na religião que se herdou, mas é preciso que se esteja atento ao verdadeiro bem e assim se seja capaz de transcender os limites da própria religião. Mas isto só faz sentido se a verdade e o bem existirem realmente. Seria impossível percorrer o caminho para Cristo se Ele não existisse. Viver com os olhos do coração abertos, purificar-se interiormente e buscar a luz são condições indispensáveis para a salvação humana. Portanto, é absolutamente necessário proclamar a verdade, isto é, fazer brilhar a luz (não a pôr "sob o alqueire, mas num candelabro" [cfr. Jo 5, 14-15]).[102].

Caminhos para Deus

Quantos caminhos há para Deus?

Tantos quantas as pessoas. Porque até dentro da mesma fé o caminho de cada um é muito pessoal. Nós temos a palavra de Cristo: "Eu sou o Caminho". Neste sentido há, no fim das contas, um só caminho, e cada um que está a caminho de Deus está também, de alguma maneira, a caminho de Jesus Cristo. Isto não significa que, consciente e deliberadamente, todos os caminhos sejam idênticos, mas, pelo contrário, que o caminho é realmente tão grande que se torna, em cada um, o seu caminho pessoal. [103]

Laicismo

Direitos humanos, dignidade

Um primeiro elemento é o carácter incondicional com que a dignidade humana e os direitos humanos devem apresentar-se, como valores que precedem toda a jurisdição estatal. Estes direitos fundamentais não são criados pelo legislador nem são concedidos aos cidadãos, "mas existem por

direito próprio e sempre devem ser respeitados pelo legislador, a quem são entregues como valores de ordem superior".[104] Esta validade da dignidade humana prévia a qualquer actuação ou decisão política remete-nos ao Criador: só Ele pode estabelecer valores que se fundam na essência do homem e que são intangíveis. Que existam valores não manipuláveis por ninguém é a garantia verdadeira e própria da nossa liberdade e da grandeza humana; a fé cristã vê nisto o mistério do Criador e da condição de imagem de Deus que Ele conferiu ao homem.

Ora bem, hoje em dia quase ninguém negará diretamente a preeminência da dignidade humana e dos direitos humanos fundamentais em face de toda a decisão política; são ainda demasiado recentes os horrores do nazismo e da sua teoria racista. Mas no âmbito concreto do assim chamado progresso da Medicina, há ameaças muito reais para estes valores: quer pensemos na clonagem, ou na conservação de fetos humanos para a pesquisa e na doação de órgãos, ou ainda em todo o âmbito da manipulação genética, a lenta erosão da dignidade humana que nos ameaça aqui não pode ser desconhecida por ninguém. Acrescentam-se a isso, de maneira crescente, o tráfico de pessoas humanas, as novas formas de escravidão, o comércio de órgãos humanos para transplantes. Sempre se aduzem finalidades boas para justificar o injustificável. [105]

Laicismo

O laicismo já não é o elemento de neutralidade que abre espaços de liberdade para todos. Começa a transformar-se numa ideologia imposta através da política, e não concede espaço público à visão católica e cristã, que corre o risco de transformar-se em algo puramente privado e, no fundo, mutilado. [...] Neste sentido, existe uma luta; devemos defender a liberdade religiosa contra a imposição de uma ideologia que se apresenta como se fosse a única voz da racionalidade, quando apenas é expressão de um "certo" racionalismo. [106]

Laicidade

A laicidade justa é a liberdade de religião. O Estado não impõe uma religião, mas deixa espaço livre às religiões, que por sua vez têm responsabilidades perante a sociedade civil. Assim permite que essas religiões sejam factores na construção da vida social. [107]

Reino de Deus e reino de César

Esta distinção entre o reino de Deus e o de César está na origem do conceito de liberdade que se desenvolveu na Europa, no Ocidente. Implica que a religião oferece ao homem uma visão para a vida inteira, não apenas para a vida espiritual. Mas a instituição religiosa não é totalitária, antes encontra-se limitada pelo Estado. E o Estado não pode pretender controlar tudo, porque por sua vez está limitado pela liberdade religiosa. O Estado não é tudo, e a Igreja, neste mundo, não é tudo. Entendida neste sentido, a laicidade é profundamente cristã. A hostilidade dos nazis para com o cristianismo, especialmente para com o catolicismo, fundava-se na ideia de que o Estado é tudo. Mas se laicismo significa que na vida pública não há lugar para Deus, então estamos diante de um grave erro. As instituições políticas e as instituições religiosas têm âmbitos que lhes são próprios. Os valores fundamentais da fé, porém, devem manifestar-se publicamente, não por meio da força institucional da Igreja, e sim por meio da força da sua verdade interior. Quando o laicismo pretende excluir a religião, comete uma mutilação do ser humano. [108]

As novas ideologias

As três grandes correntes ideológicas actuais

Em primeiro lugar, [mencionemos] a ideia básica da teologia da libertação, que, no fundo, teve eco em quase todos os continentes. [Antes de mais nada,] é preciso ressaltar que pode ser interpretada num sentido positivo. A ideia fundamental é que o cristianismo também tem de ter efeito

na existência terrena do homem: tem de lhe dar a liberdade de consciência, mas também tem de procurar fazer valer os direitos sociais do homem. Mas quando essa ideia é aproveitada num sentido unilateral, procura, em geral, ver no cristianismo o instrumento de uma transformação política do mundo. A partir desse ponto, tomou forma a ideia de que todas as religiões seriam apenas instrumentos para a defesa da liberdade, da paz e da preservação da Criação; teriam, pois, de justificar-se através de um sucesso político e de um objetivo político. Essa temática varia segundo as situações políticas, mas atravessa os continentes. Hoje, enraizou-se fortemente na Ásia, mas também em África. Penetrou até no mundo islâmico, onde também há tentativas de interpretar o Corão no sentido da teologia da libertação; são marginais, mas nos movimentos terroristas islâmicos a ideia de que o Islão deveria realmente ser um movimento de libertação - por exemplo, contra Israel - teve um papel fundamental.

Entretanto, a ideia de libertação - se pudermos chamar liberdade ao denominador fundamental da espiritualidade moderna e do nosso século - também se fundiu fortemente com a ideologia feminista. A mulher é considerada o ser oprimido por excelência: por essa razão, a libertação da mulher seria o núcleo de toda a actividade libertadora. Aqui ultrapassou-se, por assim dizer, a teologia da libertação política mediante outra antropológica. Não se pensa apenas na libertação dos vínculos próprios do papel da mulher, mas na libertação da condição biológica do ser humano. Distingue-se então o fenómeno biológico da sexualidade das suas expressões históricas, às quais se chama "género", mas a revolução que se quer provocar contra toda a forma histórica da sexualidade conduz a uma revolução que também é contra as condições biológicas: já não pode haver dados naturais; o homem deve poder moldar-se arbitrariamente, deve ser livre de todos os condicionalismos do seu ser; ele próprio se tornaria o que quer, e só desse modo seria realmente "livre" e estaria libertado. Por trás disso encontramos uma revolta do homem contra os limites que o seu ser biológico envolve. Trata-se, em última análise, de uma revolta contra a própria condição de criatura. O homem deveria ser o criador de si mesmo - uma nova edição, moderna, da velha tentativa de ser Deus, de ser como Deus.

O terceiro fenómeno que se observa em todo o mundo - sobretudo num mundo cada vez mais uniformizado - é a busca de uma identidade cultural própria, expressa no termo "inculturação". Na América Latina, a redescoberta das culturas perdidas é agora, depois de a onda marxista ter diminuído, uma nova corrente forte. A *theoígia india* quer voltar a despertar a cultura e a religião pré-colombianas e libertar-se, por assim dizer, da penetração excessiva de elementos europeus que lhe foi imposta. As ligações directas com o feminismo são interessantes. Saliente-se o culto da "Mãe-terra" e, em geral, do elemento feminino em Deus, o que acentua as tendências do feminismo americano-europeu, que já não quer apenas fazer afirmações antropológicas, mas reformar o conceito de Deus. Ter-se-ia projetado em Deus a estrutura patriarcal e, assim, fixado a opressão da mulher a partir do conceito de Deus. O elemento cósmico (Mãe-terra, etc.) dessa renovação das antigas religiões conflui depois com as tendências da *New Age*, que visa uma fusão de todas as religiões e uma nova unidade do homem e do cosmos. [109]

Fundamentalismo

O fundamentalismo, de acordo com o seu sentido originário, é uma corrente surgida no protestantismo norte-americano do século XIX, que se pronunciou contra o evolucionismo e a crítica bíblica, e que, junto com a defesa da absoluta infalibilidade da Escritura, tentou proporcionar um sólido fundamento cristão contra os dois. Sem dúvida, há analogias com esta posição noutros universos espirituais, mas se a analogia for convertida em identidade, incorre-se numa simplificação errónea.

Dessa fórmula, extraiu-se uma chave demasiado simplificada através da qual se pretende dividir o mundo em duas metades, uma boa e a outra má. A linha do pretenso fundamentalismo estende-se então desde o âmbito protestante e católico até ao islâmico e marxista. A diferença de conteúdos já não conta para nada. Fundamentalista seria sempre aquele que tem convicções firmes, e por isso actuaria como factor criador de conflitos e inimigo do progresso. Boa seria, pelo contrário, a dúvida, a luta contra antigas convicções, e com isso seriam bons todos os movimentos modernos

não-dogmáticos ou anti-dogmáticos- Mas, como é evidente, se se parte de um esquema classificativo puramente formal, não se pode interpretar realmente o mundo. [110]

Ateísmo prático

Pela leitura de diversos documentos do Magistério, parece inferir-se que, do ponto de vista pastoral, uma das principais preocupações da Igreja com relação ao homem contemporâneo é o ateísmo. Trata-se, hoje, mais de um ateísmo prático que de um ateísmo ideológico?

A raiz de todos os problemas pastorais é, sem dúvida, a perda da capacidade de perceber a verdade, que avança lado a lado com a cegueira perante a realidade de Deus. Vale a pena sublinhar como interagem aqui o orgulho e a falsa humildade. Em primeiro lugar vem o orgulho, que incita o homem a emular o próprio Deus, a considerar-se capaz de entender sozinho os problemas do mundo e de reconstruí-lo. Na mesma medida, surge a falsa modéstia, que sustenta a ideia de que é inteiramente impossível que Deus se preocupe com os homens e chegue até a falar-lhes. O ser humano já não se atreve a aceitar que é capaz de conhecer a verdade: parece-lhe uma presunção, e pensa que deve conformar-se com agir.

Em consequência, a Sagrada Escritura torna-se muda para ele: já não lhe diz o que é verdade, mas apenas o informa sobre o que tempos e homens passados pensavam que fosse verdadeiro. Com isso, muda também a imagem da Igreja: ela deixa de ser a transparência do Eterno e passa a ser apenas uma espécie de liga em prol da moral e do melhoramento das coisas terrenas; a medida do seu valor estaria no seu êxito terreno. Infiltram-se aqui, necessariamente, o ateísmo prático e o ideológico, juntamente com uma certa conveniência. Primeiro, procede-se apenas como se Deus não existisse; mas depois é preciso justificar essa posição, explicando o primado da práxis [da acção]. Daqui para a ideologia, é um passo curto. [111]

Marxismo

Em última análise, a doutrina da salvação marxista, nas suas numerosas versões articuladas de diferentes maneiras, nasceu com a pretensão de ser uma visão única e científica do mundo, acompanhada de uma motivação ética capaz de conduzir a humanidade rumo ao futuro. Assim se explica a sua difícil despedida, mesmo depois do trauma de 1989. Basta pensar em como foi discreta a discussão sobre os horrores dos "gulags" comunistas, e em como foi pouco escutada a voz de Alexander Solzhenitsin: disto não se fala. O silêncio foi imposto por uma espécie de pudor. Mesmo o sanguinário regime de Pol Pot só é mencionado de vez em quando, de passagem. Mas ficou o desengano, juntamente com uma profunda confusão: hoje, já ninguém acredita nas grandes promessas morais [das ideologias].

O marxismo concebia-se a si mesmo nestes termos: uma corrente que desejava a justiça para todos, o advento da paz, a abolição das injustificadas relações de domínio do homem sobre o homem, etc. Para alcançar esses nobres objetivos, pensou que seria necessário renunciar aos princípios éticos e que se podia usar o terror como instrumento do bem. No momento em que todos puderam ver, ainda que apenas de fora na superfície, as ruínas provocadas na humanidade por essa ideia, as pessoas preferiram refugiar-se na vida pragmática e professar publicamente o desprezo pela ética. [112]

Comunismo

Os sistemas comunistas fracassaram por causa do seu falso dogmatismo económico. Mas passa-se por alto com demasiada complacência o facto de que naufragaram principalmente pelo seu desprezo dos direitos humanos, pela sua subordinação da moral às exigências do sistema e às suas promessas de futuro. A verdadeira catástrofe que provocaram não é de natureza económica; consiste no ressecamento das almas, na destruição da consciência moral. Vejo isto como um problema essencial do momento presente [...]: ninguém põe em dúvida o naufrágio económico [do comunismo], e por isso os ex-comunistas, sem duvidar um só momento, fizeram-se liberais em economia. Mas a problemática moral e religiosa, o problema de fundo, permanece quase que totalmente posto de lado.

A problemática deixada atrás de si pelo marxismo continua a existir hoje: a dissolução das certezas primordiais do homem sobre Deus, sobre si mesmo e sobre o universo. Esta dissolução da consciência dos valores morais intangíveis é o nosso problema neste exato momento. [113]

Teologia da libertação e teologia da reconciliação

Em anos passados, a Congregação para a Doutrina da Fé [...] teve de ocupar-se longamente dos problemas suscitados pela chamada teologia da libertação. Em resposta a ela, falou-se de uma teologia da reconciliação.

Vejo o fundamento [dessa teologia da reconciliação] no texto, tão importante, da segunda Epístola aos Coríntios, de São Paulo, no capítulo quinto, em que se faz um resumo da mensagem cristã; de acordo com esse texto, "nós, os Apóstolos, somos mensageiros de Deus e em nome de Deus pedimos para ser reconciliados com Deus, em Cristo" (cfr. 2 Cor 5, 11-21).

Por conseguinte, a Redenção, o Evangelho, é reconciliação com Deus. E temos que dizer que a alienação do homem consiste na sua carência de conciliação consigo mesmo, na sua divisão interior; e que é impossível a sua conciliação consigo mesmo se não estiver em paz com Deus, já que Deus é mais íntimo ao homem do que ele próprio. É por isso que apenas o ser humano reconciliado consigo mesmo pode estar em paz com os outros. Isto depende em todo o momento de uma paz fundamental, proveniente de se estar reconciliado com Deus. Só quem está em conciliação consigo mesmo supera a alienação e, como consequência, atinge a libertação.

Neste sentido, a reconciliação profunda com o ser e, por conseguinte, com Deus e consigo mesmo, é o fundamento de toda a liberdade e de toda a capacidade de reconciliação, de que se possa viver em paz e encontrar uma justa ordem de relações [...]. Penso, na realidade, que as ideias equivocadas de liberdade e toda a tendência a autogerar um novo tipo de ser é produto de uma profunda falta de conciliação do homem consigo próprio, com o ser em

si mesmo, e por isso leva à identificação com um ser contrário à realidade de Deus, que é negada porque não se encontra a paz com Ele.

Parece-me, por outro lado, que aqui se descobre o fundamento de um novo conceito positivo de liberdade e de paz, a partir do qual poderia elaborar-se toda uma teologia da liberdade e da paz, embebida na riqueza da Cristologia e da autêntica Eclesiologia. [114]

New Age

A reedição de religiões e cultos pré-cristãos, que hoje se procura fazer com frequência, tem muitas explicações. Se não existe a verdade comum, vigente precisamente porque é verdadeira, o cristianismo passa a ser somente algo importado de fora, um imperialismo espiritual que se deve sacudir com não menos força que o político. Se os sacramentos não proporcionam o contacto com o Deus vivo de todos os homens, então não são mais que rituais vazios que não nos dizem nada nem nos dão nada, e, quando muito, nos permitiriam perceber o mistério que reina em todas as religiões. [...]

Mas, sobretudo, se a "sóbria embriaguez" do mistério cristão não nos consegue embriagar de Deus, então é preciso recorrer à embriaguez real de êxtases forçados, cuja paixão nos arrebatava e nos converte - ao menos por uns instantes - em "deuses", e nos permite perceber por alguns momentos o prazer do infinito e esquecer a miséria do finito. [115]

Ecologia e cristianismo

Parece-me claro que, de facto, é o homem que ameaça retirar o sopro vital à natureza. E que a poluição do ambiente exterior que observamos é o espelho e o resultado da poluição do ambiente interior, à qual não prestamos suficiente atenção. Julgo que é também o que falta aos movimentos ecológicos. Combatem com uma paixão compreensível e justificada a poluição do ambiente; mas a poluição espiritual que o homem provoca em si mesmo continua a ser tratada como um dos direitos da liberdade. Há aqui

uma incoerência. Queremos afastar a poluição mensurável, mas não tomamos em consideração a poluição espiritual do homem e a figura da Criação que nele se encontra [...]; muito pelo contrário, defendemos tudo o que a arbitrariedade humana produz, com base num conceito completamente falso de liberdade.

Enquanto sustentarmos essa caricatura de liberdade, quer dizer, a liberdade de uma destruição espiritual interior, continuarão inexoravelmente os seus efeitos exteriores. Julgo que devemos refletir sobre isto. Não é apenas a natureza, que tem as suas regras e as suas formas de vida, que temos de respeitar, se quisermos viver dela e nela, mas também o homem, que é interiormente uma criatura e está sujeito à ordem da Criação: não pode fazer de si mesmo tudo o que quiser, como lhe apetecer. Para que o homem possa viver a partir do interior, tem de aprender a reconhecer-se como criatura e tem de tomar consciência de que nele deve existir, por assim dizer, a pureza interior devida ao facto de ser criatura: a ecologia espiritual. Se este elemento fundamental da ecologia não for compreendido, tudo o mais se desenvolverá num sentido negativo.

A Epístola aos Romanos diz isso muito claramente no capítulo oitavo. Diz que Adão, ou seja, o homem interiormente poluído, trata a criação como um escravo, a espezinha; a criação geme sob ele, por causa dele, através dele. E hoje ouvimos o gemido da criação como nunca antes o tínhamos ouvido. São Paulo acrescenta que a criação espera a manifestação dos filhos de Deus e que respirará aliviada quando surgirem pessoas nas quais transpareça a luz de Deus. Só então a criação poderá voltar a respirar. [116]

Questões morais em discussão

Matrimónio e família

O matrimónio monogâmico constituiu o princípio ordenador fundamental das relações entre homem e mulher, bem como a célula da formação comunitária do Estado a partir da fé bíblica. Tanto a Europa

Ocidental como a Oriental moldaram a sua História e a sua concepção do homem a partir de noções de fidelidade e comunhão muito bem definidas. [...] A Declaração dos Direitos Fundamentais fala do direito ao matrimónio, mas não prevê nenhuma proteção jurídica e moral específica para ele nem o define com mais precisão. No entanto, todos sabemos quão ameaçados estão o matrimónio e a família. Por um lado, pela corrosão da sua indissolubilidade através de formas cada vez mais fáceis de divórcio; por outro, pela nova prática, cada vez mais comum, da convivência entre homem e mulher sem a forma jurídica do matrimónio.

Há ainda, em clara contraposição a isso, as exigências dos casais homossexuais, que, paradoxalmente, reivindicam uma forma jurídica mais ou menos igual à do matrimónio. Tal tendência representa o abandono de toda a história moral da humanidade, que sempre soube que o matrimónio, apesar das suas variadas formas jurídicas, é a convivência entre homem e mulher, aberta aos filhos e, portanto, à família. Não se trata de discriminação, mas daquilo que o ser humano é como homem e como mulher, e de como se configura juridicamente a relação mútua entre um homem e uma mulher. Se por um lado essa relação se afasta cada vez mais da sua forma jurídica, e se por outro a união homossexual é vista cada vez mais como igual ao matrimónio, encontramos-nos diante de uma dissolução da imagem do ser humano cujas consequências podem ser extremamente graves. [117]

Aborto

Nem todas as matérias morais têm o mesmo peso que o aborto e a eutanásia. Por exemplo, se um católico discordasse do Santo Padre quanto à pena de morte ou à guerra, não seria considerado indigno de apresentar-se para receber a Sagrada Comunhão. Embora a Igreja exorte as autoridades civis a buscar a paz, e não a guerra, e a exercer a prudência e misericórdia ao castigar os criminosos, ainda seria lícito recorrer à pena capital ou pegar em armas para repelir um agressor. Pode haver uma legítima diversidade de opinião entre os católicos a respeito da guerra e da pena de morte, mas não a respeito do aborto e da eutanásia.

Quando é manifesta a cooperação formal de uma pessoa com o grave pecado do aborto ou da eutanásia (por exemplo, no caso de um político católico, fazer campanha e votar sistematicamente a favor de leis que os legalizem), o pároco deve procurar essa pessoa, explicar-lhe os ensinamentos da Igreja a esse respeito e informá-la de que não deve apresentar-se para receber a Sagrada Comunhão enquanto não sair dessa situação objectiva de pecado, advertindo-a de que, caso contrário, a Eucaristia lhe será negada. [118]

Medo da maternidade

Há um medo da maternidade que se apodera de grande parte dos nossos contemporâneos. Esse medo sinaliza algo mais profundo: o outro [o filho] converte-se num adversário que se apossa de uma parte da minha vida, numa ameaça para o meu ser, para o meu livre desenvolvimento. Hoje não há uma filosofia do amor, mas apenas uma filosofia do egoísmo. [...] A possibilidade de enriquecer-me na entrega, de reencontrar-me a partir do outro e através do meu ser para o outro, é rejeitada como uma visão idealista. É exatamente aqui que o homem se engana. Desaconselha-se o amor. Em última análise, desaconselha-se ser homem.[119]

Controle da natalidade

Há um estranho desinteresse pelo futuro. As crianças, que são o futuro, são vistas como uma ameaça para o presente; pensa-se que elas tiram algo da nossa vida. Não são mais consideradas uma esperança, mas um limite ao presente. É inevitável a comparação com o Império Romano decadente, que, embora ainda funcionasse como uma grande moldura histórica, já vivia, na prática, pelas acções daqueles que o iam liquidar, pois já não tinha energia vital em si mesmo. [120]

Homossexuais

A homossexualidade é um tema relacionado com o amor entre duas pessoas e não apenas com a sexualidade. O que a Igreja pode fazer para compreender esse fenómeno?

Eu diria que duas coisas. Em primeiro lugar, devemos ter um grande respeito por essas pessoas, que também sofrem e querem viver de um modo digno. Por outro lado, compreender que a criação de uma forma jurídica mais ou menos semelhante ao matrimónio na verdade não as ajudaria.

Portanto, o senhor considera negativa a medida adotada pelo governo da Espanha? [a equiparação das uniões homossexuais com o matrimónio].

Sim, porque destrói a família e a sociedade. O Direito cria a moral ou uma forma de moral, já que a população habitualmente julga que o que o Direito afirma é moralmente lícito. E se considerarmos essa união mais ou menos equivalente ao matrimónio, construiremos uma sociedade que já não reconhece o que é particular à família nem o seu carácter fundamental, isto é, o seu carácter de algo próprio do homem e da mulher, que tem o objetivo de dar continuidade - e não apenas no sentido biológico - à humanidade. Por isso, a medida adotada em Espanha não traz verdadeiro benefício aos homossexuais, uma vez que destrói os elementos fundamentais de uma ordem de direito.

A Igreja já se viu derrotada algumas vezes pelo facto de dizer "não" [...]. Não seria possível, pelo menos, um pacto de solidariedade, reconhecido e protegido pela lei, entre dois homossexuais?

Institucionalizar um acordo desse tipo - quer o legislador queira, quer não - pareceria, aos olhos da opinião pública, como que uma nova forma de matrimónio, que passaria inevitavelmente a assumir um valor relativo. Em contrapartida, não se pode esquecer que as decisões para as quais tende hoje uma Europa por assim dizer decadente, separam-nos de todas as grandes culturas da humanidade, que sempre reconheceram o significado específico da sexualidade: que o homem e a mulher foram criados para serem, unidos,

a garantia do futuro da humanidade. Garantia não apenas física, mas também moral. [121]

SIDA e preservativos

Numa sociedade que parece desprezar cada vez mais o valor da castidade, da fidelidade conjugal e da temperança, e estar preocupada algumas vezes quase que exclusivamente com a saúde física e o bem-estar temporal, a Igreja tem a responsabilidade de dar o testemunho que lhe é próprio, concretamente um testemunho inequívoco de solidariedade para com aqueles que sofrem e, ao mesmo tempo, um testemunho de defesa da dignidade da sexualidade humana, que pode ser realizada somente dentro do contexto da lei moral. É também crucial notar, como faz o documento da Conferência, que os únicos meios medicamente eficazes para prevenção da SIDA são exatamente os tipos de comportamento conformes com a lei de Deus e com a verdade sobre o homem que a Igreja sempre ensinou e que hoje continua a ser chamada corajosamente a ensinar. [122]

Clonagem

O homem é capaz de produzir em laboratório outro homem que, portanto, já não seria dom de Deus nem da natureza. Pode-se fabricar e, da mesma forma que se fabrica, pode-se destruir. [...] Se esse é o poder do homem, então ele se está convertendo numa ameaça mais perigosa que as armas de destruição em massa. [123]

Bioética

Venda de órgãos, manipulação genética, clonagem: será que não é preciso pôr limites à pesquisa médica e científica?

A ideia de pôr limites à pesquisa científica soa como uma blasfêmia aos ouvidos do homem moderno. Existe, no entanto, um limite extrínseco: a dignidade do homem. É inaceitável qualquer forma de progresso cujo preço

seja a violação da dignidade humana. Se a pesquisa ameaça o homem, torna-se uma deformação da ciência. Embora se argumente que uma ou outra linha de pesquisa pode abrir possibilidades para o futuro, é preciso dizer "não" quando é o homem que está em jogo. Apesar de ser uma comparação um pouco forte, gostaria de lembrar que já houve um período em que se levaram a cabo experimentações médicas com pessoas que eram consideradas inferiores. Para onde nos levará essa lógica que consiste em tratar um feto ou um embrião como uma coisa?. [124]

A nova evangelização (texto integral de uma conferência)

Pela sua actualidade e mensagem, inclui-se aqui o texto completo da conferência A nova evangelização. [125]

A vida humana não se realiza por si só. A nossa vida é uma questão em aberto, um projeto incompleto, que é preciso realizar passo a passo. A pergunta fundamental de todo o homem é: Como se leva a cabo esse projeto de realização do homem? Como se aprende a arte de viver? Qual é o caminho que leva à felicidade?

Evangelizar significa mostrar esse caminho, ensinar a arte de viver. Jesus diz no início da sua vida pública: "Vim para evangelizar os pobres" (cfr. Lc 4, 18). Ou seja: Eu tenho a resposta para a vossa pergunta fundamental; mostro-vos o caminho da vida, o caminho que leva à felicidade; mais ainda, Eu sou esse caminho. A pobreza mais profunda é a incapacidade de alegrar-se, o tédio de uma vida considerada absurda e contraditória. Essa pobreza encontra-se hoje muito estendida, de maneiras muito diversas, tanto nas sociedades materialmente ricas como nos países pobres. A incapacidade de alegrar-se pressupõe e traz consigo a incapacidade de amar, produz a inveja, a avareza..., todos os vícios que arruinam a vida das pessoas e do mundo. Por isso, é necessária uma nova evangelização. Se não se conhece a arte de viver, tudo o mais deixa de funcionar. Mas essa arte não é objeto de uma ciência; só pode ser comunicada por Aquele que tem a vida, Aquele que é o Evangelho em pessoa.

ESTRUTURA E MÉTODO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Estrutura

Antes de falar dos conteúdos fundamentais da nova evangelização, gostaria de explicar a estrutura e o método adequados. A Igreja sempre evangeliza e nunca interrompeu o seu caminho de evangelização. Celebra diariamente o mistério eucarístico, administra os sacramentos, anuncia a palavra da vida, a palavra de Deus, e compromete-se em favor da justiça e da caridade. E essa evangelização produz frutos: dá luz e alegria, mostra o caminho da vida a um imenso número de pessoas. Muitos fiéis vivem, frequentemente sem dar-se conta, da luz e do calor dessa evangelização permanente. No entanto, testemunhamos um processo gradual de descristianização e perda dos valores humanos essenciais que é realmente preocupante. Grande parte da humanidade de hoje não encontra o Evangelho na evangelização permanente da Igreja, isto é, não encontra a resposta convincente à pergunta: como viver? Por isso, precisamos, além da evangelização permanente, que nunca se interrompeu nem nunca se interromperá, de uma nova evangelização, capaz de ser ouvida por esse mundo que não tem acesso à evangelização "clássica". Todos necessitam do Evangelho. O Evangelho está destinado a todos e não apenas a um grupo determinado, e por isso devemos buscar novos caminhos para levar o Evangelho a todos.

No entanto, aqui se esconde também uma tentação: a tentação da impaciência, a tentação dos grandes números, de buscar o êxito imediato. E não é esse o método do reino de Deus. Para o reino de Deus, assim como para a evangelização, que é o instrumento e veículo [da difusão desse reino], sempre é válida a parábola do grão de mostarda (cfr. Mc 4, 31-32). O reino de Deus torna a construir-se uma e outra vez sob esse signo.

"Nova evangelização" não é sinónimo de atrair imediatamente com métodos novos e mais refinados as grandes massas que se afastaram da Igreja. Não; não é essa a promessa da nova evangelização. "Nova evangelização" significa não se contentar com o facto de o grão de mostarda se ter transformado na grande árvore da Igreja universal, nem

pensar que basta o facto de nos seus ramos poderem aninhar-se aves de todo o tipo.

"Nova evangelização" significa recomeçar o trabalho valentemente, com a humildade desse minúsculo grão, deixando que Deus decida quando e como há de crescer (cfr. Mc 4, 26-29).

As grandes coisas começam sempre por um pequeno grão, ao passo que os movimentos de massas são sempre efémeros. Na sua visão do processo evolutivo, Teilhard de Chardin fala do "espaço em branco das origens": o início das novas espécies é invisível, está fora do alcance da investigação científica. As fontes estão ocultas; são pequenas demais. Noutras palavras, as grandes realidades têm começos humildes. Deixemos de lado a questão de saber se as teorias evolucionistas de Teilhard são ou não correctas, e até que ponto: a lei das origens invisíveis reflete uma verdade presente precisamente na acção de Deus na História. "Não te escolhi por seres grande; pelo contrário, és o menor dentre os povos; foste escolhido porque te amo...", diz Deus ao povo de Israel no Antigo Testamento, expressando assim o paradoxo fundamental da História da Salvação: Deus certamente não conta com grandes números; o poder exterior não é o sinal da sua presença.

Grande parte das parábolas de Jesus demonstra essa estrutura da acção divina e respondem assim às preocupações dos discípulos, que esperavam êxitos e sinais muito diferentes por parte do Messias: êxitos como aquele que Satanás oferece ao Senhor: "Tudo isto te darei, todos os reinos do mundo"... (cfr. Mt 4, 9).

São Paulo, no final da sua vida, não tinha dúvidas de que tinha levado o Evangelho até os confins da terra, mas os cristãos eram pequenas comunidades dispersas pelo mundo, insignificantes segundo os critérios humanos. Na realidade, porém, eram o fermento que penetraria na massa, e levavam o futuro do mundo dentro de si mesmas (cfr. Mt 13, 33).

Há um antigo provérbio que diz: "O êxito não é um dos nomes de Deus". A nova evangelização deve actuar como o grão de mostarda, sem

esperar que surja imediatamente uma grande árvore. Vivemos numa tranquilidade excessiva por causa da grande árvore que já existe ou sentimos o afã de possuir uma árvore ainda maior e mais viva. No entanto, devemos aceitar o mistério de que a Igreja é, ao mesmo tempo, uma árvore grande e um minúsculo grão. Na História da Salvação, vive-se sempre simultaneamente a Sexta-feira Santa e o Domingo de Páscoa.

O método

É da estrutura da nova evangelização que deriva também o método adequado. Não há dúvida de que devemos usar os meios modernos de modo razoável para nos fazermos escutar; ou melhor, para tornar acessível e compreensível a voz do Senhor. Mas não queremos que nos escutem a nós; não queremos aumentar o poder e a extensão das nossas instituições; o que queremos é contribuir para o bem das pessoas e da humanidade, abrindo caminho para Aquele que é a Vida.

Essa renúncia ao próprio eu, oferecendo-o a Cristo para a salvação dos homens, é a condição fundamental de um verdadeiro compromisso em favor do Evangelho: *Vim em nome de meu Pai, mas não me recebeis. Se vier outro em seu próprio nome, haveis de recebê-lo...* (Jo 5, 43).

O anticristo distingue-se por falar em nome próprio. O sinal do Filho é a sua comunhão com o Pai. O Filho introduz-nos na comunhão trinitária, no círculo do seu amor, cujas Pessoas são "relações puras", acto puro de entrega e acolhimento. O desígnio trinitário, visível no Filho, que não fala em seu nome, mostra o modo de vida do verdadeiro evangelizador. Mais ainda, evangelizar não é tanto um modo de falar, é antes um modo de viver: viver na escuta do Pai e ser seu porta-voz. *Não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir* (Jo 16, 13), diz o Senhor do Espírito Santo.

Esta forma cristológica e pneumatológica de evangelização é ao mesmo tempo uma forma eclesiológica: o Senhor e o Espírito constroem a Igreja, comunicam-se na Igreja. O anúncio de Cristo, o anúncio do reino de Deus, pressupõe a escuta da sua voz na voz da Igreja. "Não falar em nome próprio" significa falar na missão da Igreja.

Desta lei da renúncia ao próprio eu tiram-se consequências muito práticas. Todos os métodos racionais e moralmente aceitáveis devem ser estudados; é um dever usar das possibilidades da comunicação. Mas nem as palavras nem toda a arte da comunicação são capazes de penetrar na pessoa humana até à profundidade a que o Evangelho deve chegar. Faz poucos anos, li a biografia de um ótimo sacerdote do nosso século, o pe. Dídimo, pároco de Bassano dei Grappa. Nas suas notas, encontramos umas palavras de ouro, fruto de uma vida de oração e meditação. Por exemplo, o pe. Dídimo dizia a propósito do assunto de que tratamos aqui: "Jesus pregava de dia e orava de noite". Com essa breve anotação, queria dizer que Jesus devia ganhar de Deus os seus discípulos.

Isso é válido sempre. Nós não podemos "ganhar" os homens. Devemos "ganhá-los" de Deus para Deus. Todos os métodos são ineficazes se não estão fundados na oração. A palavra de anúncio deve estar sempre impregnada de uma intensa vida de oração.

Vamos avançar mais um pouco. Jesus pregava de dia e orava de noite, mas isso não é tudo. Toda a sua vida, como mostra de uma maneira muito bela o Evangelho de São Lucas, foi um caminho para a cruz, uma subida a Jerusalém. Jesus não redimiu o mundo com palavras bonitas, mas com o seu sofrimento e com a sua morte. A sua paixão é inesgotável fonte de vida para o mundo; a paixão sustenta a sua palavra.

O próprio Senhor, estendendo e ampliando a parábola do grão de mostarda, formulou essa lei da fecundidade na parábola do grão de trigo que cai na terra e morre (cfr. Jo 12, 24). Também essa lei é válida até o fim do mundo e, junto com o mistério do grão de mostarda, é uma lei fundamental para a nova evangelização. Toda a História assim o demonstra. Seria fácil demonstrá-lo na história do cristianismo. Gostaria de recordar aqui somente o início da evangelização na vida de São Paulo.

O êxito da sua missão não foi fruto da retórica ou da prudência pastoral; a sua fecundidade dependeu do seu sofrimento, da sua união com a paixão de Cristo (cfr. 1 Cor 2, 1-5; 2 Cor 5, 7; 11, 10 e segs.; 11, 30; Gál 4, 12-14). *Não lhes será dado outro sinal senão o do profeta Jonas (Lc 1 29), disse o*

Senhor. O sinal de Jonas é Cristo crucificado, são as testemunhas que completam *o que falta à paixão de Cristo* (Col 1, 24). As palavras de Tertuliano cumpriram-se em todas as épocas da História: o sangue dos mártires é semente de novos cristãos.

Santo Agostinho diz o mesmo de um modo muito bonito, mostrando no Evangelho de São João a íntima relação entre a profecia do martírio de São Pedro e o mandato de apascentar, ou seja, o seu primado (cfr. Jo 21, 16). Comenta Santo Agostinho: "Apascenta as minhas ovelhas, isto é, sofre pelas minhas ovelhas" (*Sermo* 32: PL 2, 640). Uma mãe não pode dar à luz sem sofrer. Todo o parto implica sofrimento, é sofrimento, e chegar a ser cristão é um parto. Digamo-lo mais uma vez com palavras do Senhor: *O reino de Deus exige violência* (Mt 11, 12; Lc 10, 16), mas a violência de Deus é o sofrimento, a cruz. Não podemos dar vida aos outros sem dar a nossa vida. O processo de renúncia ao próprio eu, a que antes me referia, é a forma concreta (manifestada de diversas maneiras) de dar a própria vida. Já o disse o Salvador: *Quem perder a sua vida por mim e pelo Evangelho, salvá-la-á* (Mc 8, 35).

OS CONTEÚDOS ESSENCIAIS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Conversão

No que diz respeito aos conteúdos da nova evangelização, convém antes de tudo ter presente que o Antigo e o Novo Testamentos são inseparáveis. O conteúdo fundamental do Antigo Testamento está resumido na mensagem de São João Baptista: *Converti-vos*. Não se pode chegar a Jesus sem o Baptista; não é possível chegar a Jesus sem corresponder ao chamado do Precursor; mais ainda, Jesus inseriu a mensagem de João na síntese da sua própria pregação: *Converti-vos e crede no Evangelho* (Mc 1, 15). A palavra grega para "converter-se" significa mudar de mentalidade, pôr em confronto o modo comum de viver e o nosso próprio modo de viver, deixar Deus entrar nos critérios da nossa vida, já não julgar apenas segundo as opiniões correntes.

Por conseguinte, converter-se significa deixar de viver como todos vivem, deixar de agir como todos agem, deixar de sentir-se justificado em actos duvidosos, ambíguos, maus, pelo facto de todos fazerem o mesmo: começar a ver a própria vida com os olhos de Deus. Portanto, é começar a fazer o bem, mesmo que seja incómodo; é não depender do juízo da maioria, dos outros, mas do juízo de Deus. Por outras palavras, é buscar um novo estilo de vida, uma vida nova.

Isto não significa moralismo. Quem reduz o cristianismo à moralidade perde de vista a essência da mensagem de Cristo: o dom de uma nova amizade, o dom da comunhão com Jesus e, portanto, com Deus. Quem se converte a Cristo não quer ter autonomia moral, não pretende construir a sua bondade com as próprias forças.

"Conversão" (*metánoia*) significa precisamente o contrário: sair da auto-suficiência, descobrir e aceitar a própria indigência, a necessidade dos outros e a necessidade de Deus, do seu perdão, da sua amizade. A vida sem conversão é auto-justificação ("eu não sou pior do que os outros"); a conversão é a humildade de nos entregarmos ao amor do Outro, amor que se transforma em medida e critério da nossa própria vida.

Aqui também devemos ter presente o aspecto social da conversão. Certamente, a conversão é sobretudo um acto personalíssimo, é personalização. Eu renuncio a "viver como todos"; já não me sinto justificado pelo facto de todos fazerem o mesmo que eu, e encontro diante de Deus o meu próprio eu, a minha responsabilidade pessoal. Mas a verdadeira personalização é sempre também uma socialização nova e mais profunda. O *eu* abre-se de novo ao *tu*, em toda a sua profundidade, nascendo assim um novo *nós*. Se o modo de vida comum no mundo implica o risco da despersonalização, de viver não a minha vida mas a dos outros, na conversão deve surgir um novo *nós* no caminhar comum com Deus.

Junto com o anúncio da conversão, devemos oferecer também uma comunidade de vida, um espaço comum para o novo estilo de vida. Não se pode evangelizar apenas com palavras. O Evangelho cria vida, cria

comunidade de caminho. Uma conversão puramente individual não tem consistência.

O reino de Deus

Está implícito na chamada à conversão, como sua condição fundamental, o anúncio do Deus vivo. O teocentrismo é fundamental na mensagem de Jesus e deve ser também o núcleo da nova evangelização. A palavra-chave do anúncio de Jesus é: *reino de Deus*. Mas reino de Deus não é uma coisa, uma estrutura social ou política, uma utopia. O reino de Deus é Deus.

Reino de Deus quer dizer: Deus existe. Deus vive. Deus está presente e actua no mundo, na nossa vida, na minha vida. Deus não é uma longínqua "causa última". Deus não é o "grande arquitecto" do deísmo, que montou a máquina do mundo e depois a abandonou. Pelo contrário. Deus é a realidade mais presente e decisiva em cada acto da minha vida, em cada momento da História.

Na conferência de despedida da sua cátedra na Universidade de Munster, o teólogo Johann Baptist Metz disse coisas que ninguém imaginaria ouvir dos seus lábios. Antes, ensinara o antropocentrismo: o verdadeiro feito do cristianismo teria sido o "giro antropológico", a secularização, a descoberta da secularidade do mundo. Depois passara a ensinar teologia política, a índole política da fé; a "memória perigosa"; e, finalmente, a teologia narrativa. Mas após percorrer esse caminho árduo e difícil, ele nos diz: o verdadeiro problema do nosso tempo é "a crise de Deus", a ausência de Deus, disfarçada de religiosidade vazia. A teologia deve voltar a ser realmente *teo-logia*, falar de Deus e com Deus.

Metz tem razão. O "único necessário" (*unum necessarium*) para o homem é Deus. Tudo muda dependendo da existência ou não de Deus. Por desgraça, também nós, cristãos, muitas vezes vivemos como se Deus não existisse (*Deus non daretur*). Vivemos segundo o slogan: Deus não existe e, se existe, não conta para nada. Por isso, a evangelização deve falar de Deus

antes de qualquer coisa, anunciar o único Deus verdadeiro: o Criador, o Santificador, o Juiz (cfr. *Catecismo da Igreja Católica*).

Também aqui é preciso ter presente o aspecto prático. Não se pode dar a conhecer Deus unicamente com palavras. Não se conhece uma pessoa quando as únicas referências que se têm a seu respeito são de segunda mão. Anunciar Deus é introduzir na relação com Deus: ensinar a orar. A oração é fé em acto. E é apenas através dessa experiência vivida que encontramos, de maneira evidente, as garantias de que Deus existe. Por isso são tão importantes as escolas de oração, as comunidades de oração. A oração pessoal (*no teu quarto*, a sós na presença de Deus), a oração comum "paralitúrgica" ("religiosidade popular") e a oração litúrgica são complementares entre si. Sim, a liturgia é principalmente oração: o seu elemento específico consiste em que o seu sujeito primário não somos nós (como na oração privada e na religiosidade popular), mas o próprio Deus. A liturgia é *actio divina*. Deus age e nós correspondemos à acção divina.

Falar de Deus e falar com Deus devem estar sempre juntos. O anúncio de Deus leva à comunhão com Deus na comunhão fraterna, fundada e vivificada por Cristo. Por isso a liturgia (os sacramentos) não é um tema anexado ao da pregação do Deus vivo, mas a concretização da nossa relação com Deus.

Neste sentido, gostaria de fazer uma observação geral sobre a questão litúrgica. Com frequência, o nosso modo de celebrar a liturgia é racionalista demais. A liturgia converte-se num ensinamento submetido ao critério da compreensibilidade. Isso muitas vezes tem como consequência a banalização do mistério, o predomínio das nossas palavras, a repetição de uma série de palavras que parecem mais inteligíveis e mais gratas às pessoas. Acontece que isso não é apenas um erro teológico, mas também psicológico e pastoral. A onda de esoterismo, a difusão das técnicas asiáticas de relaxamento e de auto-esvaziamento mostram que falta algo nas nossas liturgias.

Precisamos especialmente do silêncio, do mistério supra-individual e da beleza no mundo actual. A liturgia não é uma invenção do sacerdote

celebrante ou de um grupo de especialistas. A liturgia - o rito - desenvolveu-se num processo orgânico ao longo dos séculos; encerra o fruto da experiência de fé de todas as gerações. Embora os participantes talvez não compreendam todas as suas fórmulas, percebem o seu significado profundo, a presença do mistério, que transcende todas as palavras. O celebrante não é o centro da acção litúrgica; não está diante do povo em seu próprio nome, não fala de si e por si, mas *in persona Christi*. O que importa não são as qualidades pessoais do celebrante, mas apenas a sua fé, que deve refletir Cristo. *Convém que ele cresça e eu diminua* (Jo 3, 30).

Jesus Cristo

Com essa reflexão, o tema de Deus já se ampliou e concretizou no tema de Jesus Cristo. Apenas em Cristo e por Cristo o tema de Deus se faz realmente concreto: Cristo é o *Emmanuel*, o Deus connosco, a concretização do *Eu sou*, a resposta ao deísmo. Hoje é muito forte a tentação de reduzir Jesus Cristo, o Filho de Deus, unicamente a um Jesus histórico, a um mero homem. Não é que se negue a sua divindade, mas usam-se certos métodos para destilar da Bíblia um Jesus à nossa medida, um Jesus possível e compreensível segundo os parâmetros da nossa historiografia. Mas esse "Jesus histórico" é uma invenção, a imagem dos seus autores, e não a imagem de Deus vivo (cfr. 2 Cor 4, 4 e segs.; Col 1, 15). O Cristo da fé não é um mito; o assim chamado "Jesus histórico" é que é uma figura mitológica, inventada por diversos intérpretes. Os duzentos anos de história do "Jesus histórico" refletem fielmente a história das filosofias e ideologias desse período.

Seria impossível tratar nesta conferência de todos os conteúdos do anúncio do Salvador. Gostaria de mencionar apenas dois aspectos importantes. O primeiro é o seguimento de Cristo. Cristo apresenta-se como caminho da minha vida.

O seguimento de Cristo não significa imitar o homem Jesus. Essa tentativa fracassaria necessariamente; seria um anacronismo. O seguimento de Cristo tem uma meta muito mais elevada: identificar-se com Cristo, isto

é, chegar à união com Deus. Esta palavra talvez choque os ouvidos do homem moderno. Mas, na realidade, todos temos sede de infinito, de uma liberdade infinita, de uma felicidade ilimitada. Só assim se explica toda a história das Revoluções dos últimos dois séculos. Só assim se explica a droga. O homem não se contenta com soluções que não cheguem à divinização. Mas todos os caminhos oferecidos pela "serpente" (cfr. Gén 3, 5), isto é, a sabedoria mundana, fracassam. O único caminho é a identificação com Cristo, realizável na vida sacramental. Seguir Cristo não é um assunto de moralidade, mas um tema "mistérico", um conjunto em que intervêm a acção divina e a nossa resposta.

Neste tema do seguimento de Cristo, encontra-se o outro centro da cristologia, ao qual gostaria de aludir: o mistério pascal, a Cruz e a Ressurreição. Ordinariamente, o tema da Cruz carece de significado nas reconstruções do "Jesus histórico". Numa interpretação "burguesa", transforma-se num acidente de per si evitável, sem valor teológico; numa interpretação revolucionária, converte-se na morte heróica de um rebelde. Mas a verdade é muito diferente. A Cruz pertence ao mistério divino; é a expressão do seu amor até o extremo (cfr. Jo 13,1). O seguimento de Cristo é a participação na sua Cruz, a união com o seu amor, a transformação da nossa vida, que se converte no nascimento do homem novo, criado segundo Deus (cfr. Ef 4, 24). Quem omite a Cruz, omite a essência do cristianismo (cfr. 1 Cor 2, 2).

A vida eterna

Um último elemento central de toda a evangelização verdadeira é a vida eterna. Hoje, devemos anunciar a nossa fé com nova força na vida diária. Gostaria de aludir aqui a apenas um aspecto frequentemente esquecido na actual pregação de Cristo: o anúncio do reino de Deus é o anúncio de Deus presente, de Deus que nos conhece, que nos ouve; de Deus que entra na História para fazer justiça. Por isso, essa pregação é anúncio do Juízo, anúncio da nossa responsabilidade. O homem não pode fazer ou não fazer só o que lhe apetece. Será julgado. Tem de prestar contas. Essa certeza vale tanto para os poderosos como para os humildes. Quando é respeitada, traçam-se os limites de todo o poder deste mundo. Deus faz justiça e, em

última análise, apenas Ele pode fazê-la. Conseguiremos fazer justiça na medida em que formos capazes de viver na presença de Deus e de comunicar ao mundo a verdade do Juízo.

Assim o artigo de fé do Juízo, a sua força para formar as consciências, é um conteúdo central do Evangelho e é realmente uma boa nova. Uma boa nova para todos os que sofrem pela injustiça do mundo e pedem justiça. Assim, compreende-se também a conexão entre o reino de Deus e os pobres, os que sofrem e todos os que vivem as bem-aventuranças do Sermão da Montanha. Estão protegidos pela certeza do Juízo, pela certeza de que há justiça.

Este é o verdadeiro conteúdo do artigo do Credo sobre o Juízo, sobre Deus juiz: há justiça. As injustiças do mundo não são a última palavra da História. Há justiça. Só quem não deseja que haja justiça pode opor-se a essa verdade. Se levarmos a sério o Juízo e a grave responsabilidade que dele brota para nós, compreenderemos bem o outro aspecto desse anúncio que é a redenção, o feito de que Jesus na cruz assume os nossos pecados, de que o próprio Deus, na paixão do seu Filho, se torna um advogado para nós, pecadores, e assim torna possível a penitência, a esperança ao pecador arrependido, uma esperança expressa de modo admirável nas palavras de São João: *Deus é maior que a nossa consciência e conhece tudo* (1 Jo 3, 20). Diante de Deus, a nossa consciência ficará tranquila, independentemente das nossas manchas.

A bondade de Deus é infinita, mas não a devemos reduzir a uma complacência sem verdade. Apenas acreditando no justo juízo de Deus, apenas tendo fome e sede de justiça (cfr. Mt 5, 6), abrimos o nosso coração, a nossa vida, à misericórdia divina. Não é verdade que a fé na vida eterna tira a importância da vida terrena. Pelo contrário, é só quando a medida da nossa vida é a eternidade que esta nossa vida na terra se torna grande e de imenso valor. Deus não é um inimigo da nossa vida, mas a garantia da nossa grandeza.

Voltamos assim ao ponto de partida: Deus. Se considerarmos bem a mensagem cristã, veremos que ela não fala de um monte de coisas. A

mensagem cristã é na verdade muito simples: falamos de Deus e do homem, e assim dizemos tudo.

NOTAS

[*] Organização temática das citações feita no livro “Joseph Ratzinger. Una biografía”, Pablo Blanco

[1] Entrevista à Radio Vaticano, 23.11.2001

[2] Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo e pastor luterano alemão que se opôs à ditadura nazi; foi condenado à morte e enforcado (N. do T.).

[3] *O sal da terra*, págs. 55-56

[4] *Dios y el mundo*, repr. em *Avvenire*, 27.09.2001

[5] *O sal da terra*, pág. 55

[6] *Ibid.*, pág. 56

[7] Entrevista à Radio Vaticana

[8] *A crise da Igreja: uma fé fraca*, entrevista a Raymond Arroyo, canal de televisão EWTN, Irondale (Alabama), 23.08.2003; repr. por Zenit, 24.08.2003

[9] *O sal da terra*, pág. 26

[10] *El laicismo está poniendo en peligro la libertad religiosa*, entrevista a *La Repubblica*, repr. por Zenit, 19.11.2004

[11] *Testigos de la luz de Dios*, em *La Razón*, 23.04.2001

[12] *Por qué el cristianismo no es visto como fuente de alegría*, declarações ao semanário *Vita Trentina*, Zenit, 07.05.2004

[13] Entrevista a António Socci, em *Il Giornale*, 26.11.2003

[14] *Ibid.*

- [15] *Licht, das uns leuchtet. Besinnungen zu Advent und Weihnachten*, 5a-ed., Herder, Friburgo, 1978; trad. cast. *Sentido del Adviento*, Ediciones Encuentro, Madrid, 2003; Encuentra.com, 17.12.2003
- [16] *Homilia da Missa Pro Eligendo Pontífice*, Vaticano, 18.04.2005
- [17] *Sobre algunos aspectos de Ia teología moral*, entrevista publicada em *Ser cristiano en Ia era neopagana*, Editorial Encuentro, Madrid, 1995
- [18] *La fe, de tejas abajo*, entrevista ao diário ABC, 31.03.2002
- [19] *Cristianesimo e Islame*, entrevista a *La Repubblica*, 01.10.2001
- [20] *La fe, de tejas abajo*
- [21] *O sal da terra*, págs. 35-36
- [22] Entrevista a Jaime Antúnez Aldunate, em revista *Humanitas*, Santiago de Chile, 2005, www.humanitas.cl
- [23] *Ibid.*
- [24] *La fe, de tejas abajo.*
- [25] *Actualidad doctrinal del Catecismo de Ia Iglesia católica*, em revista *Humanitas*, Santiago de Chile, 2005, n. 36
- [26] *Fe, verdad y cultura. Reflexiones a propósito de Ia Encíclica Fides et ratio*. Primeiro Congresso Internacional da Faculdade San Dámaso de Teologia, Madrid, 16.02.2000
- [27] *Letter to Norfolk*, pág. 261
- [28] Do conhecido poema *Lead, kindly light*
- [29] *Correspondence of J.H. Newman with J, Keble and Others*, págs. 351 e 364

[30] "Se quiseses a paz, respeita a consciência de cada um. Consciência e verdade", em *Wahrheit, Werte, Machí. Prufsteine der pluralistischen Gesellschaft*, Herder, Friburgo, 1993; trad. esp. *Verdad, valores, poder, Piedras de toque de Ia sociedad pluralista*, Rialp, Madrid, 2000, págs. 56-64

[31] A. Görres, "Schuld und Schuldgefühle", em *Internationale katolische Zeitschrift "Communio"*, 13 (1948), pág. 434

[32] *Ibid.*, pág. 142

[33] *Verdad, valores, poder*, págs. 40-55

[34] *Via-sacra no Coliseu*, Primeira estação: meditação. Departamento para as Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice, Roma, 14.04.2005

[35] *La fe, de tejas abajo*

[36] Entrevista a Jaime Antúnez Aldunate

[37] *Ibid*

[38] *Ibid*

[39] *O sal da terra*, págs. 173-175

[40] *La fe, de tejas abajo*

[41] *O sal da terra*, pág. 223

[42] *Ibid.*, págs. 94-95

[43] *La fe, de tejas abajo*

[44] *Ibid*

[45] Introdução a *Chi prega se salva*, 30 Giomi, Roma, 18.02.2005

[46] *El espíritu de Ia liturgia*, cit. por Alfa e Omega, 18.10.2001

[47] *Alocução*, Belluno, Itália, out 2004

[48] Técnica proposta pelas religiões orientais (hinduísmo, budismo) e que delas passou para inúmeras seitas e grupos New Age; visa atingir o completo esvaziamento interior, a total ausência de desejos e sofrimentos, a fim de preparar a pessoa para a dissolução do seu "eu" no nirvana (N. do T.)

[49] *El relativismo, nuevo rostro de Ia intolerância*

[50] *El espíritu de Ia liturgia*

[51] *O sal da terra*, págs. 22-23

[52] *Homilia no funeral de Luigi Giussani*, em *UOsservatore Romano*, 06.10.2003

[53] *Dios y el mundo*

[54] *Via-sacra no Coliseu*, Apresentação

[55] *Il Dio Vicino*

[56] *Ibid*

[57] *El espíritu de Ia liturgia*

[58] *Il Dio Vicino*

[59] *Fe, verdad y cultura*

[60] *Homilia da Missa Pro Eligendo Pontífice*, Vaticano, 18.04.2005

[61] *Homilia da Missa pelo início do pontificado*, Vaticano, 24.04.2005

[62] *Deixar Deus trabalhar*, em *l'Osservatore Romano*, 06.10.2003

[63] *Las catorze encíclicas de Juan Pablo II*, discurso no Congresso de homenagem aos vinte e cinco anos de Pontificado de João Paulo II, Pontifícia Universidade Lateranense, 07-09.05.2004

[64] *Sentido del Adviento*

[65] *O sal da terra*, págs. 23-24

[66] *O sal da terra*, págs. 30-31

[67] *Meditación para el tiempo de Navidad*, em *Humanitas*, n. 12

[68] *Ibid*

[69] *Dios y el mundo*; repr. em *Avvenire*, 27.09.2001

[70] *La crisis de la Iglesia: una fe débil*

[71] *Dios y el mundo*

[72] *La crisis de la Iglesia: una fe débil*

[73] *A fé em crise?*, pág. 32

[74] Entrevista à *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 22.09.2000

[75] *A fé em crise?*, pág. 97

[76] *Il Dio vicino*, pág. 36

[77] *O sal da terra*, pág. 18

[78] *Fe, verdad y cultura*

[79] A Encíclica *Fides et ratio*, de 14.09.1998, trata das relações entre fé e razão; entre outras coisas, defende firmemente a capacidade da inteligência humana de chegar à verdade (N. do T.)

[80] *Ibid*

[81] *O sal da terra*, págs. 26-27

[82] *II Dio vicino*, pág. 105

[83] *Fe, verdad y cultura*

[84] *Homilia da Missa Pro Eligendo Pontífice*

[85] Conferência no encontro de presidentes de comissões episcopais da América Latina para a doutrina da fé, Guadalajara (México), nov 1996

[86] Entrevista a Jaime Antúnez Aldunate

[87] Colóquio com o historiador Ernesto Galli della Loggia, Centro do Orientação Política, Roma, 25.10.2004, transcrito em *li Foglio*, 27-28.10.2004

[88] Entrevista a Jaime Antúnez Aldunate

[89] *Sobre algunos aspectos de la teologia moral*

[90] *Fe, verdad y cultura*

[91] *L'abolition de l'homme*, entrevista a *Le Figaro*, 17.11.2001

[92] *El relativismo, nuevo rostro de la intolerância*

[93] *Fe, verdad y cultura*

[94] *Ibid*

[95] *El relativismo, nuevo rostro de la intolerância*

[96] *L'abolition de l'homme*

[97] *Fundamentos espirituales de Europa*, conferência na biblioteca do Senado da República Italiana, 13.05.2004; repr. em Zenit, 22.05.2004

[98] *Fe, verdad y cultura*

[99] Conjunto de crenças dentro do tantrismo - movimento filosófico e ritualístico que influenciou diversas seitas hinduístas, budistas etc. - que preconiza a realização espiritual por meio de práticas densamente simbolistas, que em alguns casos abrangem a magia negra, o culto à morte e práticas sexuais orgiásticas (N. do T.)

[100] *Ibid*

[101] *Fe, verdad y cultura*

[102] Entrevista à *Frankfurter Allgemeine Zeitung*

[103] *O sal da terra*, págs. 27-28

[104] Anteprojeto para a Constituição Europeia, 2004

[105] *Fundamentos espirituales de Europa*

[106] *El laicismo está poniendo en peligro la libertad religiosa*

[107] *Ibid*

[108] *L'abolition de l'homme*

[109] *O sal da terra*, págs. 107-109

[110] "El fundamentalismo islâmico", em *Una mirada a Europa*, Rialp, Madrid, 1993

[111] Entrevista a Jaime Antúnez Aldunate

[112] *Introducción ai cristianismo*

[113] *Fundamentos espirituales de Europa*

[114] Entrevista a Jaime Antúnez Aldunate

[115] Conferência no encontro de presidentes de comissões episcopais da América Latina para a doutrina da fé, Guadalajara (México), nov 1996

[116] *O sal da terra*, págs. 183-184

[117] *Europa, Politik unâ Religion*, conferência em Berlim a 28.11.2000, publ.em *Neue Revue*, jan-fev 2001

[118] *Carta aos bispos dos Estados Unidos*, julho de 2004

[119] *Avvenire*, set 2000

[120] *Europa, Politik und Religion*

[121] *El laicismo está poniendo en peligro la libertad religiosa*

[122] *Letter on AIDS*, enviada ao arcebispo Laghi durante a reunião geral da Conferência Nacional dos Bispos dos Estados Unidos, 1988

[123] *Debate no Centro de Orientação Política do Roma*, out 2004

[124] *L'abolition de l'homme*

[125] Pronunciada no Congresso de catequistas e professores de religião, Roma, 10.12.2000, e publicada em *L'Osservatore romano*, 19.01.2001

ÍNDICE

- Algumas perguntas pessoais
 - Um auto-retrato
 - Homem de consciência
 - Medo de Deus?
 - O primado da verdade na vida
 - Verdade e bondade
 - Autoridade em matéria de fé
 - Posição incômoda
- Deus
 - O Deus escondido
 - O Deus marginalizado
 - Existência de Deus e existência humana
 - Encontro pessoal com Deus
- Jesus Cristo
 - Cristo presente na História
 - Jesus Cristo, o infinito no finito
 - Advento
 - Amizade com Cristo
- Sentido moral da vida
 - Cristianismo e moralismo
 - Sentido da vida
 - Liberdade e destino
 - Liberdade e predestinação

- Liberdade e providência
- Verdade e bem
- Dignidade e natureza humanas
- Moral cristã versus originalidade pessoal
- A moral, dom recíproco de Deus e do homem
- A consciência e a vida correcta
 - Consciência
 - Consciência e verdade
 - A consciência "infalível"
 - O respeito humano, traição da própria consciência
 - Falsas promessas
 - Formar a consciência
 - A regra de ouro
 - Viver as virtudes
- Valores espirituais
 - Redenção e Liberdade humana
 - Vocação
 - A vontade de Deus para nós
 - Fé, esperança e caridade
 - Viver de fé: o Sermão da Montanha
 - Preocupações
- Vida de oração
 - Oração
 - Ajoelhar-se
 - Sentido social da oração
 - Oração e meditação transcendental

- O mistério da Cruz
 - O sinal da cruz
 - Significado da Cruz
 - O mistério da Cruz
 - Sofrimento humano e mistério da cruz
- A Sagrada Eucaristia
 - Eucaristia
 - Orar diante da Eucaristia
 - Culto eucarístico
 - Eucaristia e sacrifício
- Apostolado
 - Fé e apostolado
 - Apostolado
 - Pescadores de homens
- Santidade e alegria
 - Virtude heróica e santidade
 - Martírio
 - Alegria
 - Alegrar-se com a fé
 - Alegria e confiança
- Nossa Senhora
 - Nossa Senhora, a Encarnação e as mulheres
 - Nossa Senhora, Mãe que cura
- O futuro da Igreja
 - Minoria?
 - Perigo e esperança

- Perspectivas
- Escândalos
- Autoridade na Igreja
- Divisões entre os cristãos
- A única apologética
- Igreja da Cruz
- Poder e amor
- Fé e razão
 - Fé e filosofia
 - Razão e questões últimas
 - Dúvidas de fé
 - Perda da fé
 - Fé e outras religiões
 - Fé adulta
- Verdade e relativismo
 - Relativismo
 - Relativismo e ética
 - Relativismo e liberdade
 - Relativismo e democracia
 - Maioria e valores
- As doutrinas do relativismo
 - A "cultura única"
 - Relativismo, anarquia e totalitarismo
 - Verdade e arrogância
 - Pragmatismo e historicismo
 - O "giro linguístico"

- Outras religiões
 - Intolerância religiosa?
 - Vítima da intolerância
 - Liberdade de opinião?
 - Todas as religiões conduzem à salvação?
 - Todas as religiões são boas?
 - Salvação e moral
 - O caminho da consciência
 - Caminhos para Deus
- Laicismo
 - Direitos humanos, dignidade
 - Laicismo
 - Laicidade
 - Reino de Deus e reino de César
- As novas ideologias
 - As três grandes correntes ideológicas actuais
 - Fundamentalismo
 - Ateísmo prático
 - Marxismo
 - Comunismo
 - Teologia da libertação e teologia da reconciliação
 - New Age
 - Ecologia e cristianismo
- Questões morais em discussão
 - Matrimónio e família
 - Aborto

- Medo da maternidade
 - Controle da natalidade
 - Homossexuais
 - SIDA e preservativos
 - Clonagem
 - Bioética
- A nova evangelização (texto integral de uma conferência)
- Notas